

**LILIAN MOREIRA AYRES DE SOUZA**

**DESCRIÇÃO DA FALA MASCULINA  
E DA FALA FEMININA NA  
LÍNGUA KADIWÉU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Área de Concentração: Estudos Linguísticos) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientador: Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira**

**TRÊS LAGOAS - MS  
FEVEREIRO/2012**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira – orientador- UFMS/CPTL

---

1º Examinador – Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza - UFMS/CPTL

---

2º Examinador – Prof. Dr. Ludoviko Carnascial dos Santos - UEL

**Três Lagoas, Fevereiro de 2012**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida que me foi dada e por tudo o que me foi concedido;

À minha família: Antonio Carlos, Stella, Carlos Eduardo, Marcia, Maria Luzia, Livia, Marcelo, Catarina e Francisco, por me apoiarem, entenderem e estarem sempre comigo;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira, pela orientação e confiança no meu trabalho;

Ao Claudionor, por ter me apresentado a área de línguas indígenas e me incentivado a entrar no programa;

À coordenação e ao colegiado do mestrado por terem compreendido as dificuldades durante a minha pesquisa;

Ao Prof. Dr. Giovani José da Silva, por ter aberto o caminho para que eu pudesse desenvolver a minha pesquisa e, além disso, ter sido meu orientador sobre os kadiwéu;

Ao povo e comunidade kadiwéu, pela receptividade e acolhimento, principalmente do cacique Ademir e sua família, Gedenilson, Angélica, Seu Daniel, Benilda, Gilberto e Enilda (Lú);

À Dona Joana e sua toda a sua família: Martina, Paulo, Jailson, Geovana, Geisa, Isídia, Terezinha e Adélio, por me aceitarem e me batizarem como kadiwéu com o nome de Odipecelo (pessoa importante que não fica sozinha);

Ao pessoal da FUNASA pela ajuda e informações prestadas;

Aos freteiros de Bodoquena pelas viagens;

À Dona Edir pela estadia e simpatia;

Aos Professores que tiveram participação e me ajudaram de alguma forma nessa etapa, com aulas, incentivos, ajuda e/ou materiais: Prof. Dr. Edson Rosa, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vitória Regina, Prof<sup>ª</sup>. Giani, Prof. Fábio Lopes, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Léia Lacerda, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vanderléia, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudete Cameschi e, principalmente, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mônica Veloso Borges e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Filomena Sandalo.

À minha querida diretora Dona Edna Suzuki, por compreender meus motivos ao me ausentar da escola algumas vezes e ter me dado a chance de crescer profissionalmente;

Àqueles que sempre torceram por mim: Gabrielli, Nalija, Elaine, Otoni, Fabiana Portela, Ivone, Dona Carminha, Suene;

Ao pessoal do mestrado, pelas trocas de conhecimento, ajuda, força e risadas em diversas fases do meu trabalho: Lucimara, Camila André, Camila Tonani, Thiago, Jeniffer, Michela, Marta, Cibelle, Andrea;

E a todos aqueles que trabalham e se importam com as questões indígenas.

*Aos kadiwéu, com imenso carinho,  
admiração e saudades.*

*Humildade*

*Tanto que fazer!  
livros que não se lêem, cartas que não se  
escrevem,  
línguas que não se aprendem,  
amor que não se dá,  
tudo quanto se esquece.*

*Amigos entre adeuses,  
crianças chorando na tempestade,  
cidadãos assinando papéis, papéis,  
papéis...  
até o fim assinando papéis.*

*E os pássaros detrás de grades de  
chuva,  
e os mortos em redoma de cânfora.*

*(E uma canção tão bela!)*

*Tanto que fazer!  
E fizemos apenas isto,  
E nunca soubemos quem éramos  
nem para quê.*

*Cecília Meireles*

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é realizar uma pesquisa sobre a diferença entre a fala feminina e a fala masculina na língua kadiwéu, pertencente à família linguística Guaikuru. Segundo dados da FUNASA de 2009, o kadiwéu conta com 1.346 indígenas distribuídos de maneira não uniforme em cinco aldeias (Alves de Barros, Campina, Barro Preto, Tomázia e São João), numa área demarcada em 538 mil hectares de terra no município de Porto Murtinho, região da Serra da Bodoquena, estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil. O estudo reuniu colaboradores levando em conta sexo, idade e hierarquização do grupo (nobres e cativos). As entrevistas foram realizadas na aldeia Alves de Barros, também conhecida como aldeia maior. A diferença de fala entre homens e mulheres é inerente ao processo de comunicação e interação social, recorrente na língua em uso, além de estar inserido num processo cultural de aprendizagem. O propósito da pesquisa é fazer um levantamento da maior quantidade possível de palavras que apresentam diferença entre a fala do homem e a fala da mulher, além de verificar em quais níveis linguísticos tais diferenças podem ocorrer. Com a análise dos dados, verifica-se que na língua kadiwéu, homens e mulheres pronunciam e escrevem palavras de maneira distinta, ora com variações fonéticas e fonológicas, ora apresentando variação lexical.

Palavras-chave: kadiwéu; língua indígena; fala feminina; fala masculina

## ABSTRACT

The objective of this study is to research the difference between female speech and male speech in the language Kadiwéu, which belongs to the Guaikuru linguistic family. According to FUNASA data, in 2009 there were 1.346 kadiwéu, unevenly distributed in five different indian settlements (Alves de Barros, Campina, São João, Barro Preto e Tomázia) in a marked area with 538.000 hectares, in Porto Murtinho, region of Serra da Bodoquena, Mato Grosso do Sul state, Brazil. The study was realized with collaborators taking into account gender, age and the hierarchy of the group (nobles and captives). The interviews were made in Alves de Barros village, which is also known as the biggest village. The different speech between men and women is inherent in the process of communication and social interaction, is recurrent of the language in use, and inserted in a cultural learning process. The purpose of the research is to survey the largest possible amount of words that show difference between men and women language and to identify in which linguistic levels such differences can occur. The results show that kadiwéu men and women speak and write words differently, sometimes with phonetic and phonological variations, sometimes presenting lexical variation.

Key-words: Kadiwéu; indigenous language; female speech; male speech

**LISTA DE QUADROS E TABELAS**

Quadro 1 – Línguas Guaikuru .....	69
Quadro 2 – Demonstrativos.....	81
Tabela 1 – Estrutura do substantivo kadiwéu (SANDALO 1995) .....	44
Tabela 2 – Estrutura do verbo kadiwéu (SANDALO 1995).....	45
Tabela 3 – Fonemas consonantais (BRAGGIO 1981).....	64
Tabela 4 – Fonemas vocálicos (BRAGGIO 1981).....	64
Tabela 5 – Fonemas consonantais (SANDALO 2011).....	67
Tabela 6 – Fonemas vocálicos (SANDALO 1995) .....	68
Tabela 7 – Pronomes.....	70
Tabela 8 – Diferença de gênero nos locativos.....	80
Tabela 9 – Afixos de orientação e movimento.....	80
Tabela 10 – Pronomes pessoais .....	83
Tabela 11 – Raízes dos pronomes possessivos da série animada.....	84
Tabela 12 – Pronomes possessivos.....	85
Tabela 13 – Variação na escrita kadiwéu.....	93

**LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

FUNAI .....	Fundação Nacional do Índio
FUNASA .....	Fundação Nacional da Saúde
UNESCO .....	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UFMS .....	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
NOM .....	nominalizador
A .....	alto
M .....	médio
B .....	baixo
S .....	sujeito
O .....	objeto
V .....	vogal
C .....	consoante
CL .....	clítico
SUJ .....	sujeito
OBJ .....	objeto
sg .....	singular
pl .....	plural
masc .....	masculino
fem .....	feminino
f.m. ....	fala masculina
f.f. ....	fala feminina
erg .....	ergativo
pess .....	pessoa
pron .....	pronome
dim .....	diminutivo
asp .....	aspecto
compl .....	completivo
incompl .....	incompletivo
dur .....	durativo

dir .....	direcional
neg .....	negação
cond .....	condicional
cons epent .....	consoante epentética
impess .....	impessoal
val .....	valência
rel .....	relacional
aplic .....	aplicativo
repet .....	repetitivo
benefac .....	benefactivo
alat .....	alativo
ades .....	adesivo

**LISTA DE ANEXOS**

1. Mapa com línguas do Brasil .....	126
2. Quadro de línguas indígenas do Brasil.....	127
3. Mapa do Brasil com destaque para o Mato Grosso do Sul .....	134
4. Mapas de MS, município de Porto Murtinho e aldeia Alves de Barros .....	135
5. Apostila de alfabetização kadiwéu.....	136
6. Foto - Lousa durante aula de língua kadiwéu na escola indígena Ejiwajegi.....	137

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE QUADROS E TABELAS.....</b>	<b>iii</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS .....</b>	<b>iv</b>
<b>LISTA DE ANEXOS .....</b>	<b>vi</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1. O POVO KADIWÉU .....</b>	<b>20</b>
1.1 Breve histórico dos kadiwéu.....	20
1.2 Educação escolar kadiwéu.....	22
1.3 Homens e mulheres kadiwéu.....	25
<b>2. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS .....</b>	<b>32</b>
2.1 Levantamento bibliográfico.....	32
2.2 O trabalho de campo .....	33
2.2.1 Os colaboradores .....	35
2.2.2 As entrevistas .....	36
2.3 A língua em uso .....	39
2.4 A palavra em kadiwéu.....	41
<b>3. FALA DO HOMEM X FALA DA MULHER .....</b>	<b>49</b>
3.1 Diferenças gerais da fala .....	49
3.2 Língua e sexo.....	51
<b>4. LÍNGUA KADIWÉU .....</b>	<b>58</b>
4.1 Griffiths & Griffiths (1976).....	58
4.2 Griffiths (2002).....	61
4.3 Braggio (1981).....	64
4.4 Sandalo (1995).....	67
4.5 Gênero na língua kadiwéu .....	75

4.6 Considerações .....	87
<b>5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>89</b>
5.1 Considerações iniciais .....	89
5.2 Alongamento e duplicação de vogal .....	94
5.2.1 Alongamento ou duplicação de <a>.....	96
5.2.2 Alongamento ou duplicação de <e>.....	98
5.2.3 Alongamento ou duplicação de <i> .....	102
5.2.4 Alongamento ou duplicação de <o> .....	103
5.3 Variação lexical .....	105
5.4 Numerais.....	111
5.5 Narrativa .....	112
5.6 Diálogo .....	113
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>125</b>

## INTRODUÇÃO

Consideradas como patrimônio imaterial da humanidade (UNESCO), as línguas do mundo necessitam ser registradas, não apenas pela riqueza cultural que carregam, mas também para que outras possibilidades de entendimento sobre questões de universais linguísticos, linguística cognitiva, linguística história e antropologia não sejam perdidas. Metade das mais de seis mil línguas faladas hoje no mundo tende a desaparecer até o final deste século. As línguas minoritárias, incluindo as indígenas, precisam de uma atenção mais urgente, visto que a língua de um povo também representa a sua cultura, carregando os valores, o modo de ser e de agir de uma sociedade. O processo de pesquisa e provitalização das línguas indígenas contribuem para a manutenção dos idiomas, valorizando a história de cada povo, sua identidade e ajudando no processo de ensino e aprendizagem da língua materna nas escolas indígenas.

Diante disso, são de grande importância trabalhos voltados para o registro de línguas indígenas no Brasil e no mundo. Embora a maioria dos brasileiros tenha a impressão de viver num país monolíngue, o Brasil é na verdade multilíngue: nele são aprendidas como línguas maternas mais de 150 diferentes línguas pelas 225 etnias existentes (ISA - Instituto Socioambiental). No estado do Pará, por exemplo, podem ser encontrados cerca de 25 idiomas nativos, o que corresponderia hoje quase ao total de línguas faladas por toda a Europa ocidental. A singularidade linguística do Brasil está no fato de que uma dessas línguas, o Português, é hoje extremamente majoritária e as demais são todas extremamente minoritárias (RODRIGUES, 2001).

Para a linguística, a lentidão com que tem se desenvolvido pesquisas científicas sobre as línguas indígenas do Brasil, por motivos diversos, faz com que a perda dessa diversidade não seja apenas quantitativa, mas também qualitativa. Muito conhecimento sobre as línguas e sobre as implicações de sua originalidade para o melhor entendimento da capacidade humana de produzir línguas e de se comunicar ficará perdido para sempre com cada língua indígena que deixa de ser falada. Assim, o estudo de qualquer língua natural seria uma importante contribuição para o conhecimento dos universais linguísticos, da natureza da linguagem e da cognição humana.

No Brasil ainda existem línguas sem descrições suficientes, línguas de tradição oral, povos isolados e as línguas em extinção, como é o caso do Ofayé no estado de Mato Grosso do Sul, que hoje conta com não mais de nove falantes. Não se sabe exatamente a quantidade de línguas existentes, pois a escassez de estudos linguísticos com as línguas indígenas brasileiras faz com que não haja uma coleta sistemática de dados nesse campo. Além disso, critérios para agrupar as línguas também divergem, sendo assim, surgem inquietações sobre uma língua ser realmente um idioma diferente ou apenas um dialeto. Contudo, aproximadamente 180 vem sendo o número frequentemente utilizado para quantificar o número de línguas indígenas no Brasil (Anexos 1 e 2).

Nesse sentido, Rodrigues (2002, p. 19) diz que:

falam-se no Brasil, hoje em dia, umas 170 línguas indígenas. Quantas, exatamente, não sabemos, não só porque até hoje não se incluem nos recenseamentos oficiais brasileiros informações linguísticas, nem informações sobre os povos indígenas, mas também porque línguas são coisas muito difíceis de contar, mesmo quando são bem conhecidas. É o caso, por exemplo, das línguas românicas da Península Ibérica: São duas - Português e Espanhol? São três: Português, Espanhol e Catalão? São quatro: Português, Galego, Espanhol e Catalão? São cinco ou mais? Quando as línguas são mal conhecidas, como é o caso das línguas indígenas brasileiras, essa situação de indefinibilidade ocorre muitas vezes [...]. Mesmo quando se adquire conhecimento razoável das línguas, ainda restam problemas técnicos, como a definição de língua em contraposição à definição de dialeto, a distinção entre formas antigas e modernas do que pode ser uma mesma língua

Segundo Seki (2000, p. 236), os povos tupis, que ocupavam a costa brasileira, foram os primeiros a serem contactados no Brasil e a língua falada por eles foi, durante os primeiros trezentos anos de colonização, a única descrita. A partir do século XIX começaram a surgir informações sobre línguas não tupi, principalmente a partir de trabalhos realizados por missionários, estudiosos e viajantes europeus que ficavam em contato direto com os falantes nativos. Contudo,

os trabalhos desse período tampouco tinham como objetivo central a abordagem da língua, em si, mas estavam subordinados aos interesses de catequese, no caso dos missionários, ou aos interesses específicos de cada pesquisador, nos demais casos. Os estudos consistem, via de regra, de listas lexicais, sendo raras as tentativas de descrição de aspectos gramaticais, e as transcrições eram, com poucas exceções, precárias, impressionísticas. Ao mesmo tempo, nesse período foi dada atenção a outras línguas, que não o tupi, e os materiais produzidos permitiram análises comparativas que serviram de base para o trabalho de classificação inicial de nossas línguas e, muitas vezes, constituem a única informação existente sobre línguas hoje extintas. (SEKI 2000, p. 236)

Extermínio direto, escravização, redução de territórios, destruição das condições de sobrevivência, aculturação forçada e epidemias são fatores que fizeram com que, no decorrer de 500 anos de colonização, em torno de mil línguas indígenas brasileiras desaparecessem, muitas sem qualquer tipo de registro (RODRIGUES 1993, p. 19). Sobre a diversidade que as línguas indígenas apresentam, este autor ainda diz que:

as línguas indígenas diferem entre si e se distinguem das línguas europeias e demais línguas do mundo no conjunto de sons que se servem (fonética) e nas regras pelas quais combinam esses sons (fonologia), nas regras de formação e variação das palavras (morfologia) e de associação destas na constituição das frases (sintaxe), assim como na maneira como refletem em seu vocabulário e em suas categorias gramaticais um recorte do mundo real e imaginário (semântica). (RODRIGUES 1993, p. 23)

Relacionando tais fatos e informações com a presente pesquisa, constata-se que este estudo contribui para o registro da língua kadiwéu e mostra que o fenômeno de diferenciação entre fala masculina e feminina reflete aspectos culturais desse povo. Como será demonstrado adiante, fala masculina e fala feminina no kadiwéu não se trata de uma questão de gênero masculino e gênero feminino. As diferenças de fala independem do gênero da palavra; o que determina a escolha de uma ou outra forma é o sexo do falante. Homens e mulheres kadiwéu falam e escrevem palavras que se diferenciam em níveis fonéticos, fonológicos e lexicais que independem de gênero

gramatical. Por exemplo, enquanto os homens falam *niwenigi* para a palavra ‘comida’, as mulheres falam *niweenigi*, com alongamento ou duplicação da vogal <e>.

Apesar dos dados mostrarem que as variações aparecem em níveis linguísticos diversos, não é objetivo do presente trabalho aprofundar sobre questões relacionadas a esses fenômenos. A pesquisa se concentrou em verificar e levantar palavras que possuem essa diferença de fala, observar em quais níveis essas diferenças podem ocorrer, buscar elementos que provem a distinção desse fenômeno em relação ao gênero gramatical e relacioná-los aos aspectos socioculturais desse povo.

A respeito desse fenômeno de diferenciação de fala se relacionar com a maneira como a sociedade kadiwéu se comporta, percebe-se que homens e mulheres são responsáveis por atividades específicas de acordo com seu sexo. Todo o processo de pintura corporal, por exemplo, é algo que somente as mulheres podem fazer. O homem pode ser pintado, mas nunca se pintará ou pintará outra pessoa.

Os resultados e registros obtidos a partir dessa pesquisa também contribuem para a educação indígena e para a formação de professores kadiwéu, visto que, são subsídios relevantes para o ensino e elaboração de materiais que contemplem tal especificidade da língua.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos que reúnem informações relevantes sobre o comportamento dos indígenas e sobre as características de sua língua para relacioná-los ao processo de diferença de fala.

Sobre povo kadiwéu, são apresentadas no capítulo 1, algumas informações desses indígenas de acordo com registros históricos, pesquisadores atuais e observações feitas no decorrer da pesquisa. Também é abordada a questão da educação escolar entre os kadiwéu e características do comportamento de homens e mulheres dessa etnia desde o século XVIII até os dias de hoje.

No segundo capítulo, discorre-se sobre a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa para a investigação da variação entre a fala feminina e a fala masculina, bem como as escolhas feitas acerca da apresentação dos resultados. Métodos de observação, entrevista e questionário foram contemplados durante a pesquisa de campo, tendo como base Kibrik (1977), Samarim (1967) e Abbi (2001). Discute-se também a respeito da língua em uso no processo de comunicação entre os kadiwéu, o conceito de palavra de acordo com autores trazidos por Dixon &

Aikhenvald (2002) a fim de justificar as posições tomadas para apresentar os dados kadiwéu neste trabalho.

No capítulo 3, é mostrada como a diferenciação entre fala feminina e masculina se manifesta em algumas línguas do mundo e como o kadiwéu se comporta inserido no grupo de línguas que possuem essa distinção.

São mostradas, no capítulo 4, características da língua kadiwéu retiradas de estudos prévios realizados por Griffiths & Griffiths (1976), Griffiths (2002), Braggio (1981) e Sandalo (1995), mostrando brevemente suas características. Os trabalhos realizados por esses pesquisadores mostram diferentes perspectivas, visto que os Griffiths realizam suas análises a partir de um enfoque estruturalista, enquanto Sandalo e Braggio seguem pressupostos gerativistas. Levando em consideração a existência de marcação de gênero gramatical no kadiwéu, aprofundou-se um pouco mais sobre essa questão com a finalidade de que esse processo não se confunda com o resultado da pesquisa, o qual visa mostrar palavras com o mesmo significado que são escritas e pronunciadas de maneira diferente por homens e mulheres. Com isso, fica esclarecido que a diferença de fala entre homens e mulheres kadiwéu não se trata de gênero gramatical da língua.

O capítulo 5 traz os resultados da pesquisa, com os dados e palavras encontradas em kadiwéu que apresentaram diferença entre a fala do homem e a fala da mulher. Não foi observada nenhuma relação entre as diferenças de fala e as classes gramaticais das palavras. Dentre as diferenças existem verbos, substantivos, adjetivos, então, os resultados foram dispostos contemplando a diferença linguística recorrente, independente da classe gramatical da palavra.

Por fim, apresentam-se as conclusões.

## CAPÍTULO 1

### O POVO KADIWÉU

Neste capítulo reúnem-se algumas informações sobre a história e o comportamento dos kadiwéu desde o século XVIII até os dias de hoje, de acordo com registros históricos, pesquisadores atuais e observações durante a pesquisa.

#### 1.1 Breve Histórico dos kadiwéu

Conhecidos como indígenas cavaleiros e guerreiros, os kadiwéu trazem em sua história um vasto repertório de conflitos com outros indígenas e não indígenas, inclusive tendo participação junto ao Brasil durante a guerra do Paraguai, quando, supostamente, D. Pedro II lhes teria doado as terras que possuem hoje. Esses indígenas pertencem ao grupo Guaikuru do Gran Chaco paraguaio, juntamente com outros povos como os abipon, mocovi, toba, pilagá, payaguá e mbayá (JOSÉ DA SILVA 2004, p. 40).

Compondo um dos grupos mais populosos do Chaco, os Guaikuru foram continuamente, desde o início da colonização ibérica, ameaçados por espanhóis e portugueses, a quem opuseram constante resistência, não o suficiente, contudo, para evitar o desaparecimento de boa parte da população no decorrer de três séculos. [...] Esses grupos étnicos manifestavam algumas características comuns: tipo físico forte e definido, modo de subsistência de caçadores e coletores, conduta hostil aos vizinhos grupos cultivadores e *ethos* belicoso, próprio dos caçadores-guerreiros. (JOSÉ DA SILVA 2004, p. 39 e 56)

Ritos de iniciação e do comportamento guerreiro dentre os Guaikuru foram registrados por Sanchez Labrador (1910, apud JOSÉ DA SILVA 2004, p. 43-44):

Na sociedade Mbayá-Guaikuru a educação para a guerra era cumprida por meio de uma série de ritos, nos quais o jovem ia tornando-se, ao mesmo tempo, homem e guerreiro. A socialização dos homens começava a partir dos 14 anos e, antes dessa idade, as crianças passavam pela primeira iniciação. Nesse primeiro momento, o menino era pintado de preto, sem sofrer escarificações. Os pré-pubescentes, entre 14 e 16 anos, manifestavam agressividade aos pais como norma de conduta, o que conferia à agressividade a qualidade de uma espécie de *ensaio para a guerra*. Os adolescentes ou *soldados* eram pintados com a cor vermelha durante a segunda iniciação, ocasião em que tocavam tambor e cantavam durante um dia inteiro, enquanto sofriam escarificações, sem que pudessem manifestar dor ou medo. A partir de então, acompanhavam os guerreiros veteranos em suas incursões, tornando-se independentes dos maiores. A agressividade contra os pais transformava-se em distância respeitosa. Adquiriam, então, os direitos de participar de caçadas coletivas e de ter relações sexuais com cativas. A terceira graduação ritual tinha características de um rito guerreiro. A partir dos 20 anos, um Mbayá-Guaikuru podia transformar-se em *guerreiro-veterano*. O ritual ocorria esfregando-se cera ou gordura de peixe no corpo do iniciado. Em seguida, alguns guerreiros eram escolhidos para enfeitá-lo com penas de ave de rapina. Deste momento em diante, deixava de ser acompanhante dos guerreiros para tornar-se participante das convocações para a guerra, podendo usar pinturas corporais de diversas cores e uma estrela branca nas costas.

Esse *ethos* guerreiro também está relacionado à outra característica típica da história desses indígenas: a dominação de outros povos, como, por exemplo, terena, kinikinau, guaná e ofayé. Métraux (1966, p.161 *apud* SOUZA, 2008 p. 56) também inclui entre esses povos, os “guachí, guató, guarani, kaingang, bororo, kayapó, chiquito, chamacoco e uns poucos mestiços paraguaios.”

Leczneski (2011, p. 107) aponta que vários autores destacam a forma comum de os kadiwéu raptarem crianças em expedições guerreiras. Elas eram troféus e presentes para suas esposas, as quais só permitiam o nascimento de filhos naturais depois de uma certa idade, geralmente por volta de trinta anos.

Com a presença de guerreiros, vassallos e capturados, os kadiwéu se apresentam como uma sociedade estratificada socialmente. Quanto a isso, Métraux (1945, p. 304 *apud* SANDALO 2011, p. 152) descreve:

*Nobres e Chefes*: “Nobres” são aqueles que recebem o status por sangue, e chefes são eleitos. Trata-se de uma sociedade matriarcal, isto é, a “nobreza” é transmitida através do sangue feminino. *Guerreiros*: O objetivo das guerras era a expansão da área, bem como a captura de escravos. *Vassalos*: De acordo com Metráux, várias tribos vizinhas subjugaram aos Mbayá como resultado de guerra e de acordos de casamentos. De acordo com Labrador (1770), este foi o caso dos Guaná, dentre outros. *Escravos*: Escravos são capturados de guerra e seus descendentes.

De acordo com José da Silva (2004, p. 62), a história desses indígenas durante o século passado e o contato pouco amistoso com a sociedade nacional fizeram com que as incursões cessassem e eles se fixassem no conjunto de terras atualmente demarcado e juridicamente denominado Reserva Indígena Kadiwéu. “A Reserva Indígena (RI) Kadiwéu está situada entre a Serra da Bodoquena (a leste) e os rios Niutaca (norte/noroeste), Nabileque (oeste), Paraguai (sudoeste) e Aquidabã (sul)” (SIQUEIRA JR 2011, p. 75).

Os kadiwéu se autodenominam Ejiwajegi (povo da palmeira ejiwa) e, segundo dados da FUNASA de 2009, contam com 1.346 indígenas distribuídos de maneira não uniforme em cinco aldeias sob jurisdição da FUNAI (Alves de Barros, Campina, Barro Preto, Tomázia e São João), numa área demarcada em 538 mil hectares de terra no município de Porto Murtinho (Anexos 3 e 4).

## **1.2 Educação escolar kadiwéu**

Em José da Silva & Lacerda (2004), depoimentos kadiwéu relatam contextos educacionais desde a segunda metade do século XX. Em 1950 conta-se que não havia professor, quem ensinava as crianças até o correspondente à 4ª série, era o chefe do posto. Nas aulas de educação física, ele ficava com os meninos, enquanto sua mulher ensinava as meninas.

Depois de a escola ficar desativada por um tempo, em 1966 registra-se um regulamento da escola Alves de Barros e ela volta a funcionar. Um relato afirma que, na década de 70, existia uma professora e a educação era severa, rigorosa e com castigos

físicos como ficar de joelhos em milho, puxões de orelha, ficar abraçado ao coqueiro e ficar de braços abertos durante todo o intervalo.

Na década de 80, o depoimento mostra a presença de duas professoras gêmeas, com atitudes também de punição física e com as matérias semelhantes às ensinadas em escolas rurais e urbanas: português, matemática, ciências, estudos sociais, educação física. A partir de 1990, o depoimento não relata castigos físicos ou psicológicos e o sistema de avaliação era o mesmo que se apresentava/apresenta em escolas não indígenas, com atribuição de notas e reprovações. José da Silva & Lacerda (2004) lançam, então, a hipótese de que a partir dessa década a “pedagogia da violência” dá lugar a outra, talvez o que, segundo eles, se poderia chamar de “pedagogia da ordem”.

Hoje em dia, crianças e adolescentes indígenas têm atendimento educacional em todas as aldeias. De acordo com José da Silva & Souza (2005):

até o ano 2000, a escola oferecia apenas a primeira etapa do Ensino Fundamental. Atualmente, a população em idade escolar é atendida pela Escola Municipal Indígena “Ejiwajegi” – Pólo e pelas extensões instaladas em cada aldeia, mantidas pelo poder público municipal. A Escola – Pólo, situada na aldeia Bodoquena, e a Extensão Aquidabã, na aldeia São João, atendem crianças, adolescentes e jovens da Educação Infantil ao Ensino Médio. A Escola-Pólo e todas as extensões possuem professores indígenas nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Essa conquista só foi possível através do Curso Normal em Nível Médio, ocorrido entre os anos de 2002 e 2004.

Professores das etnias indígenas de Mato Grosso do Sul formados pelo Curso Normal Médio e professores não indígenas lecionam nessas escolas, atendendo kadiwéus, kinikinaus e terenas que residem nas aldeias. Além das disciplinas obrigatórias do currículo, como português, matemática, geografia, história, etc, há aulas de língua kadiwéu nas quais se utilizam cartilhas (JOSÉ DA SILVA *et alli*, 2005). As apostilas publicadas e utilizadas para alfabetização da língua kadiwéu nas escolas indígenas trazem, dentro dos próprios textos, as diferenças de fala dos homens e das mulheres, como pode ser visto no anexo 5, quando exemplificamos a diferença do verbo ‘matar’.

Vale comentar que em uma das aulas de língua kadiwéu, assistida num terceiro ano do ensino fundamental na escola indígena da aldeia Alves de Barros, observou-se que não existe a separação de alunos com um professor para ensinar meninos e uma professora para ensinar meninas. Então, quando as variações de fala masculina e feminina estavam presentes nos textos, o professor realizava os exercícios de leitura separadamente com meninas e meninos, enfatizando que “menino não pode falar igual menina”. Os alunos, nesse momento, riam fazendo algumas brincadeiras uns com os outros.

No anexo 6, observa-se que o professor escreveu na lousa a diferença da fala do homem e da mulher para as crianças repetirem conforme seu sexo: *ganakigi* para fala masculina, *ganaakigi* para fala feminina, significando ‘festa da moça’.

As aulas são ministradas em língua portuguesa, apesar de todos entenderem quando o professor fala em kadiwéu. As crianças são criadas em meio à língua kadiwéu e à língua portuguesa. Alguns parecem não querer usar a língua indígena, às vezes por timidez de estarem na frente de uma pesquisadora. Outros dizem que não sabem, mas logo se percebe que estão falando kadiwéu. Existe muito receio com os pesquisadores, então, talvez afirmar não saber falar ou apresentar timidez ao usar essa língua, pode ser uma questão de se resguardar diante de quem eles ainda não conhecem.

Diante disso, pode-se dizer que esta educação escolar está inserida num contexto bilíngue, tentando preservar a língua nativa do povo kadiweu por meio do ensino sistematizado na escola e respeitando suas peculiaridades.

Atualmente também existe na UFMS, no campus de Aquidauana, um curso superior específico voltado para a formação de professores indígenas para lecionarem em escolas indígenas, o que demonstra a preocupação com a provitalização e manutenção das línguas indígenas do Mato Grosso do Sul. E para que tal manutenção seja eficaz, concordando com Rosa *et alli* (2010, p. 114);

faz-se necessário as contribuições da linguística, da linguística aplicada, da antropologia, da educação, entre outras áreas do conhecimento para que se possa proceder à análise e alcançar a Educação Escolar Indígena tão almejada pelos povos indígenas.

Hoje, o curso de licenciatura indígena está dividido em quatro áreas: ciências sociais, ciências naturais, matemática e línguas. É ministrado para aproximadamente 200 indígenas de várias etnias de Mato Grosso do Sul, dentre eles nove são kadiwéus. Cada professor se formará em uma das quatro áreas específicas. Essa iniciativa permite que indígenas se formem para atuar em escolas indígenas, o que envolve um contexto socioeducacional que respeite as peculiaridades, cultura e língua de cada povo.

### **1.3 Homens e mulheres kadiwéu**

É comum, até hoje, observar nas sociedades atividades que são praticadas principalmente por homens e outras por mulheres. Nos grupos indígenas isso também pode ser constatado, como por exemplo, a tendência das mulheres serem artesãs e homens serem caçadores. Outras práticas sociais, como danças, rituais, comportamentos e adornos, podem ser diferenciados de acordo com o sexo.

De acordo com registros de 1770 reunidos por Sanchez Labrador (1910), as crianças do sexo masculino ficavam sob os cuidados da mãe até aproximadamente seus sete anos. Depois dessa idade os meninos mais velhos eram responsáveis por cuidar dos menores. Eles andavam nus, com enfeites na cabeça e o rosto pintado. Tocavam flauta e tambor nas festas, das quais só podiam participar após seus doze anos de idade. Existiam festas de exclusividade masculina, como a festa da corrida, a festa do nascimento do filho do cacique e a festa da caça. O jogo do soco também só era praticado por meninos. As meninas eram de responsabilidade da mãe até serem introduzidas nos ritos pubertários. Quando bebês eram cobertas com mantas e ao crescerem usavam túnicas, rosto pintado e enfeites na cabeça. As mulheres e meninas eram responsáveis pelas pinturas corporais. Ambos, meninos e meninas, mantinham seus cabelos compridos até os cinco anos de idade. A partir dessa idade, seus cabelos eram cortados de maneira diferenciada.

Dopp (2009) observa as diferenças nos modos de criar meninos e meninas, de acordo com os registros do comandante Francisco Rodrigues do Prado, que esteve

presente entre eles em 1795. Ele também encontrou meninos nus com enfeites de plumas e penas nos pulsos e pernas, além de brincos de prata. Observou que, ao se casarem, os homens iam morar na casa dos sogros, o que remete ao fato de a sociedade kadiwéu ser matriarcal. A pintura corporal era feita tanto em homens quanto em mulheres. As meninas usavam uma tanga chamada *aijulate* desde cedo e a primeira menstruação era recebida com a “Festa da Moça”. Elas podiam interromper a gravidez e raspavam suas cabeças em roda, deixando cabelo apenas na parte da moleira.

Outro militar, o coronel Ricardo de Almeida Serra, esteve em meio aos kadiwéu no ano de 1803 e relatou que os kadiwéu

viviam nus, eram fortes. Casavam-se tanto com kadiwéu quanto com cativos. Usavam cavalo como meio de exercícios e lutas. As mulheres eram chamadas de “donas”. Podiam interromper a gravidez. Tinham somente um filho. Tiveram educação para serem guerreiras. Primeiro relato de uma mulher capitã ou chefe, mostrando a índole guerreira. (SERRA 1866 apud DOPP 2009, p.45)

Tendo estado com este povo por dois períodos, em 1892 e depois em 1897, Guido Boggiani escreveu um livro sobre sua experiência. No que diz respeito às diferenças entre meninos e meninas, o autor também relata para os meninos o modo de andar nu, o jogo do soco, a pintura corporal em preto e os enfeites no pescoço, na cabeça, nos pés e nas orelhas. Além disso, eles ajudavam os mais velhos na fabricação de balas de chumbo, limpavam armas, cuidavam dos cavalos e bois e participavam em algumas excursões com os pais. Quando maiores, usavam chapéu e cinto para colocar sua faca. Seus cabelos eram penteados ao meio.

As mulheres tinham uma educação mais polida, mantinham seus cabelos longos até seis anos, depois cortavam e na vida adulta deixavam crescer novamente. Elas acompanhavam as mães para aprenderem as técnicas de ceramista e pintavam seus braços e rostos, o que, segundo o autor, não era comum na pintura corporal dos homens. Já Lévi-Strauss (1996) relatou a pintura corporal no rosto de homens. Todos, na vida adulta se vestiam com um pano geralmente da cor branca.

O etnógrafo Darcy Ribeiro registra em seu livro, a sociedade kadiwéu, de 1947, na qual se percebia a ligação do pai com o filho e da mãe com a filha, entretanto,

ambos, pai e mãe, eram responsáveis pela criação de todos os filhos e filhas. A menarca era comemorada com a Festa da Moça e a autoridade dos pais estava sempre acima da do marido da filha (RIBEIRO 1980).

Pesquisas mais recentes, como as de Siqueira JR (1993), Pechincha (1994), Vinha (2004), Lecznieski (2005) e Graziato (2011), continuam a relatar sobre a festa da menarca chamada de “Festa da Moça”, a atividade de ceramista e pintura corporal feita pelas mulheres e o preparo para guerrear, o cuidado com os cavalos e com o gado para os homens. Há também citações sobre a festa realizada para os meninos quando vão para a cidade pela primeira vez.

Graziato (2011, p. 169) explica que, assim como

os povos do alto Xingu, tudo o que está relacionado à mata é tarefa do homem, enquanto que os materiais mais dúcteis, como o barro, as palhas e os fios, fazem parte do universo feminino. Cabem aos homens, então, as atividades com madeiras e penas, enquanto as mulheres devem se ocupar dos trançados, da tecelagem e da cerâmica. Esse procedimento não constitui uma regra geral para todos os grupos indígenas, mas se apresenta como característica em muitos deles, principalmente em Mato Grosso do Sul.

Durante o trabalho de campo realizado para a presente pesquisa, alguns desses comportamentos também foram observados. Para os meninos e homens podem ser citadas atividades como a caça, tocar tambor e flauta em festas, andarem a cavalo e se vestirem de Bobos. O Bobo é um “personagem” kadiwéu presente na semana do indígena representado hoje por homens e jovens do sexo masculino totalmente cobertos, corpo e rosto, com panos, plantas, chapéus, óculos, a fim de que ninguém os reconheça. Eles assustam as pessoas, correm atrás, gritam, se escondem e podem atrapalhar ou entrar em alguma atividade que esteja ocorrendo, porém, tudo não passa de uma brincadeira. Antigamente, os kadiwéu diziam que os Bobos podiam laçar as pessoas com uma corda e quem fosse laçado deveria dar aquilo que era solicitado, o que geralmente era uma novilha. Por isso, na época em que os Bobos apareciam, as pessoas costumavam ficar somente dentro de casa.

Meninas e mulheres kadiwéu são responsáveis por produzirem cerâmicas. Cada artesã sai à procura de argilas coloridas na região para pintarem seus produtos. O

pau santo, também utilizado na pintura da cerâmica, é conseguido no Pantanal. Para isso, geralmente as mulheres se reúnem algumas vezes ao ano e seguem juntas de camionete fretada até um local propício, onde ficam acampadas alguns dias, colhendo e queimando pau santo. Elas retornam juntas, alguns dias depois, quando o freteiro volta para buscá-las. As mães ensinam suas filhas desde cedo a mexerem com cerâmica, que mais tarde podem ser trocadas por roupas e calçados.

As mulheres são as responsáveis por cantar nas festas e as únicas que podem realizar todo o processo de pintar o corpo de outros indígenas, homens ou mulheres, com suco de jenipapo. Desde colher a fruta, espremê-la, misturá-la ao carvão, até pintar o corpo, são atribuições exclusivas do sexo feminino. Os desenhos corporais também são diferenciados. Para a pintura nas mulheres os traços são curvilíneos e são feitos para enfeitar o corpo. A pintura nos homens tende a ser com traços retilíneos e remetem a figuras relacionadas ao tempo de guerra. Para cada situação existem desenhos próprios, como, por exemplo, desenhos corporais utilizados em cerimônias de funeral.

Nas festas, meninos dançam com meninos, e meninas dançam com meninas, divididos em duas rodas separadas, uma só de meninos e outra só de meninas, que giram em sentido contrário. Um visitante da aldeia não pode caminhar sozinho, sendo assim, durante a pesquisa de campo, a pesquisadora mulher, além de não poder caminhar sozinha, também não pode estar somente na presença de um homem; é obrigatória a presença de uma indígena.

Os corte dos cabelos, lisos e negros, dos kadiwéu se assemelham aos dos não indígenas: curtos para homens, compridos para mulheres. Nas igrejas, em todas elas, existem bancos do lado esquerdo e do lado direito; um lado é reservado para as mulheres e o outro para os homens. Homens e mulheres não podem se sentar misturados uns com os outros nas igrejas. Apenas crianças de colo ou muito pequenas, se forem do sexo masculino, podem ficar do lado feminino com as mães. Os serviços de casa são realizados pelas mulheres, mas alguns homens também ajudam suas esposas. Hoje em dia, os homens kadiwéu começam a cultivar maiores roças com mandiocas, abóboras, vagem, etc, para consumo e venda, além dos outros meios de economia como criação de gado, arrendamento de terra e caça.

Apesar da diferença de fala entre homem e mulher kadiwéu ser uma característica linguística presente na história desse povo, a grande maioria dos

pesquisadores nada relata sobre essa questão. Provavelmente, um dos motivos que justifica a falta de registro sobre esse fenômeno seja o fato de que, se tratando de língua e fala, tal característica não se revele tão latente aos não índios. Dessa forma, não se levantaram maiores questionamentos e estudos sobre a diferença de fala masculina e feminina, ao contrário do que ocorreu com a discussão em torno do *ethos* guerreiro, da cerâmica e pintura corporal kadiwéu. Apesar disso, tendo o conhecimento da existência de tal peculiaridade na fala dos kadiwéu, se consegue comprovar constantemente esse fenômeno estando em meio aos indígenas dessa etnia.

Uma das comprovações foi durante as aulas assistidas na escola Ejiwajegi, na aldeia Alves de Barros. Meninos e meninas estudam juntos, todos misturados dentro da sala, sem lugares específicos para eles e para elas, ao contrário do que foi relatado sobre a educação que se havia na metade do século passado. Também não há uma professora para meninas e um professor para meninos. Hoje em dia, ambos são ensinados por um professor ou professora de cada disciplina; ou seja, existe o professor de geografia, a professora de matemática e assim por diante. Contudo, as diferenças de falas são respeitadas no ambiente escolar. Por exemplo, a professora entende quando o menino, em alguma pergunta, utiliza sua fala masculina. Mesmo que na resposta haja alguma distinção entre a fala do homem e a fala da mulher, a professora utilizará a fala feminina, a qual também será compreendida pelo aluno.

Quanto a isso, as investigações mostraram que nem quando ocorrem situações em que o homem esteja reproduzindo a fala de mulher ele não utiliza a fala feminina. Mesmo no relato oral, em que o homem tenha que representar uma personagem mulher, ele manterá a sua fala de homem.

Outra constatação foi por meio de conversa informal com alguns indígenas que, sabendo da pesquisa que estava sendo realizada, relataram sobre o fato de que alguns homens homossexuais kadiwéu utilizavam a fala da mulher para se comunicarem. Tal fato não foi investigado, pois, nesse momento, correr-se-ia o risco de a pesquisadora ser invasiva. Contudo, em uma única oportunidade, presenciou-se um cumprimento de 'boa tarde' com a fala da mulher pronunciado por um jovem do sexo masculino.

Kibrik (1977) justifica que, quando o pesquisador não é um falante nativo, o conhecimento e familiaridade com as características da língua vão sendo melhor

“treinadas” com o tempo e costuma-se melhor ouvir do que pronunciar. O fato de um homem kadiwéu utilizar a fala da mulher pode ter relação com os relatos históricos encontrados sobre os antigos kudina, nome dado os homens kadiwéu que decidiam se comportar como mulheres:

Há documentos já do século passado sobre a existência de homossexualismo entre tribos do Brasil. Inclusive entre os cadiuéu que eu estudei. Eles chamam o homossexual de kudina. O kudina é um homem mulher, ou um homem que decidiu ser mulher. Ele se veste como mulher, pinta o corpo como uma mulher – e menstrua. (RIBEIRO s/d, p.46)

Trata-se de figuras absolutamente integradas ao grupo social, que os reconhece como grandes artistas [...] os índios se mostram muito livres em suas manifestações de afeto. Além de viverem agarrados uns aos outros, curtem se tocar e conversar bem juntinhos. [...] Supõe-se que nesse contexto, expressões mais erotizadas de relacionamento intermasculino não provocam na tribo tamanha estranheza quanto nas sociedades ocidentais brancas. (TREVISAN 2004, p. 223).

Entre os Guaicurus e Xamicos, há alguns homens a que estimam e são estimados, a que se chamam cudinhos, os quais lhes servem como mulheres [...] vestem-se e se enfeitam como mulheres, falam como elas, fazem só os mesmos trabalhos que elas fazem, urinam agaxados, tem marido que zelam muito e tem constantemente nos braços, prezam muito que os homens os namorem e uma vez cada mês, afetam o ridículo fingimento de se suporem menstruados [...]. (MOTT 1998, p. 15)

Mais uma observação interessante é o fato de que as crianças, quando bem pequenas, costumam utilizar a fala da mulher, visto que ficam sob os cuidados da mãe. Os meninos com um pouco mais de idade, quando já conseguem compreender que existe a diferença na fala de homens e mulheres, começam a cuidar mais de sua fala e são corrigidos pelos pais de modo a utilizarem a forma correta. Até os meninos dominarem a fala dos homens, eles são motivo de brincadeira pelas crianças maiores quando pronunciam uma palavra que pertence à fala das mulheres. Para as meninas o processo se torna um pouco mais simples, visto que são criadas pela mãe e não precisam “corrigir” sua fala quando maiores. Mas necessitam compreender a fala

masculina para que a comunicação se efetive, por exemplo, nos casos em que a diferença de fala está no nível lexical.

Com isso, pode-se perceber que, apesar das transformações em função do crescente contato com o não indígena, os kadiwéu ainda mantêm vivos muitos dos seus elementos culturais, sendo repassados naturalmente de pais para filhos como língua, festas, pintura e cerâmica.

A seguir serão explanados os procedimentos e escolhas feitas para verificar e apresentar a diferença entre as falas masculina e feminina existentes no kadiwéu.

## CAPÍTULO 2

### PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresenta-se a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa realizada *in situ* sobre a variação entre a fala feminina e a fala masculina existente na língua kadiwéu. Esse processo de investigação da língua em uso está baseado no funcionalismo linguístico e, considerando o fato de o kadiwéu ser uma língua polissintética, também são discutidos conceitos teóricos sobre ‘palavra’, a fim de esclarecer as escolhas feitas para a apresentação dos resultados.

#### 2.1 Levantamento bibliográfico

Para iniciar a pesquisa com os kadiwéu, em 2009, foram selecionados materiais linguísticos e antropológicos existentes, bem como obras sobre fenômenos linguísticos que poderiam estar relacionados com a diferença entre as falas de homem e mulher.

Sobre a língua kadiwéu foram estudados os materiais de Giffiths & Griffiths (1976), Braggio (1981), Rodrigues (1993), Griffiths (2002), Sandalo (1995), dentre outros materiais da última autora. Uma visita ao laboratório de línguas indígenas, na UNB, foi realizada para conseguir materiais que até então não estavam disponibilizados na internet, tendo, assim, a oportunidade de ouvir breves orientações de um grupo renomado na área.

Estudos antropológicos reuniram obras de Darcy Ribeiro, Guido Boggiani, Giovanni José da Silva, dentre outros. Durante a realização deste trabalho de mestrado, foi aproveitada a oportunidade para ir ao “Museo Nazionale Preistorico Etnografico Luigi Pigorini” em Roma, onde está guardado o material original de Guido Boggiani sobre os kadiwéu. Infelizmente a visita foi um tanto quanto frustrante, visto que o atendimento não foi muito bom e nada do material de Boggiani fica exposto. Tudo está guardado e só pode ser visto com autorização prévia na companhia da responsável que

não se encontrava naquela semana no museu. Também foi conhecido o “Musée du Quai Branly”, em Paris, onde há coleções de civilizações de todos os continentes. Várias informações e artefatos de povos indígenas brasileiros, dentre eles o kadiwéu, estão presentes nesse museu.

A respeito dos assuntos específicos sobre a diferença entre fala feminina e masculina, foram de suma importância o trabalho de Borges (1997), que apresenta o tal fenômeno na língua karajá, e os materiais disponibilizados pela linguista.

Assim, reuniram-se informações e materiais para que o trabalho fosse realizado.

## 2.2 O trabalho de campo

Seria de grande importância que o trabalho fosse realizado na aldeia, pois, como traz Samarim (1967:10)<sup>1</sup> “existem razões para que o trabalho de campo seja realizado *in situ*, não necessariamente com muitos colaboradores diferentes, mas onde pode-se observar a realidade das pessoas interagindo na língua que está sendo estudada”. Apesar da dificuldade, conseguiu-se contato com os kadiwéu e a autorização da comunidade para que a pesquisa fosse realizada na aldeia Alves de Barros.

De acordo com Kibrik (1977), o trabalho de campo é um método experimental de linguística descritiva, no qual o linguista geralmente não é falante do seu objeto de estudo (a língua-alvo), e os meios pelos quais seu objeto se manifesta (informação) partem de uma pessoa (colaborador) que ajuda a obter os dados necessários. Existem inúmeras línguas que ainda não foram descritas ou sequer possuem um sistema de escrita, e tal trabalho é geralmente feito por linguistas que não são falantes nativos dessas línguas. O estudo e descrição de uma língua que não é nativa para seu investigador pode ser feito como um todo ou fragmentado, de maneira teórica ou prática, isoladamente ou em comparação com outras línguas, sincronicamente ou diacronicamente.

O autor destaca que os objetivos básicos de qualquer atividade linguística descritiva são: o sujeito da investigação (no caso a língua em si, a qual é chamada de

---

<sup>1</sup>*There are reasons why field work should be done in situ, not necessarily with several different informants, but where one can see people realistically interacting in the language being studied.*

*target language* – “língua alvo”), o objeto de observação (textos ou *data* – dados, informação), e o produto da investigação. Alguns objetivos devem ser predeterminados na pesquisa a fim de otimizar o tempo e tornar o trabalho eficaz. Especificar e delimitar o(s) problema(s) ou assunto(s) relevante(s) da língua que se quer pesquisar, bem como o tempo necessário para cada atividade, são alguns requisitos para uma melhor organização da investigação. Também é preciso conhecer e utilizar uma teoria que embase o trabalho e selecionar, primeiramente, material linguístico, glossários e testes que serão usados em campo.

Não há “receitas” para construir programas concretos para investigação de campo. Geralmente para cada caso existe um programa único e que não se repete, visto que existem sempre problemas locais diversos que devem ser levados em conta. Entretanto, existem propriedades gerais que podem aparecer nas pesquisas. Uma delas foi proposta por Voegelin e Robinett (1954) com o uso de gravador de fita em que um mês de investigação foi dividido em três estágios: o primeiro com o estudo da fonologia da língua, o dicionário mínimo e textos simples; o segundo com perguntas paradigmáticas, a descoberta de morfemas; o terceiro com a checagem das gravações e as transcrições. Uma significativa parte do trabalho é reservada para depois da expedição, quando o pesquisador terá que analisar todas as gravações.

Os instrumentos utilizados em trabalho de campo acompanham a rápida informatização e criação de novas tecnologias. Hoje em dia existem diversos programas que podem ser baixados com a internet para analisar fonética, fonológica ou ortograficamente os dados obtidos. Gravadores digitais, microfones específicos e até sugestões de aproveitamento de energia solar para carregar seus aparelhos eletrônicos na aldeia são recursos utilizados atualmente.

Para este trabalho utilizou-se um gravador digital SONY e o programa Audacity para contrastar as variações como alongamento de vogais entre a fala do homem e a fala da mulher<sup>2</sup>.

Além das investigações linguísticas e entrevistas gravadas com os colaboradores, algumas aulas de língua indígena foram assistidas na escola da aldeia Alves de Barros, onde a pesquisa foi desenvolvida.

---

<sup>2</sup> A presente pesquisa não tem o intuito de aprofundar questões fonéticas e/ou fonológicas.

### 2.2.1 Os colaboradores

Para esse trabalho de investigação e descrição, as opiniões se divergem no que diz respeito ao investigador. Há quem defenda a idéia de que uma língua só pode ser descrita se o investigador a conhece o suficiente para ser seu próprio colaborador. Outra possibilidade é ter um falante nativo, que não seja o pesquisador, como colaborador para se obter dados sobre a língua-alvo. Em outros casos, quando não existe uma língua em comum entre o colaborador e o pesquisador, pode existir uma terceira pessoa, um intérprete, que faz a mediação das informações.

No que diz respeito à escolha do colaborador, na visão de Kibrik (1977) não é qualquer falante nativo que poderá ser bom para o processo de investigação. Um bom colaborador é raro de se encontrar, pois se espera que ele tenha algumas qualidades tidas como complexas e, em cada etapa da pesquisa, se requer uma qualidade diferente. Dentre as características de um bom colaborador tem-se: conhecimento da língua nativa; conhecimento da língua utilizada pelo mediador; talento na atividade de tradução; boa pronúncia; paciência; exatidão, rigor. É aconselhável que se descubra elementos gramaticais a partir de um grupo limitado de colaboradores que possuam o máximo de características que beneficiariam a pesquisa. O autor também diz que não é conveniente trabalhar com dois colaboradores ao mesmo tempo.

Com base nisso, optou-se por escolher colaboradores falantes nativos e bilíngues em kadiwéu-português, visto que a pesquisadora não é falante da língua kadiwéu. Foram selecionados cinco colaboradores, duas mulheres e três homens. Atentando-se para o fato de que os kadiwéu são estratificados socialmente, foram selecionados homens e mulheres, tanto “cativos” quanto “nobres”. Todavia, a pesquisa não teve o intuito de verificar variações de fala em relação ao nível social dos kadiwéu. Independente de ser nobre ou cativo, as diferenças de fala aqui apresentadas contemplam tão somente a divisão entre sexo feminino e masculino. Também foram escolhidas idades diferentes para homens e mulheres. Assim, a pesquisa contemplou os seguintes colaboradores: 1 homem nobre mais novo, 1 homem nobre mais velho, 1 homem cativo mais novo, 1 mulher nobre mais nova e 1 mulher cativa mais velha. Dois dos colaboradores também são professores na aldeia, o que facilitou em algumas informações mais específicas sobre a língua.

### 2.2.2 As entrevistas

Kibrik (1977) diz que para investigações linguísticas existe a necessidade de questionários e testes específicos dependendo do objetivo da descrição que se pretende obter. A descrição de uma língua geralmente parte do entendimento da sua organização fonética e morfológica, para, então, compreender sua sintaxe. No que diz respeito à morfologia, a tarefa de segmentar um texto em morfemas, em uma língua desconhecida, é feita simultaneamente, controlando a diferença de formas e significados em elocuições similares e observando quais as mudanças que ocorrem no significado durante tal procedimento.

Quanto ao léxico, o autor aconselha que, para uma língua sem descrições, é necessário que desde o início do trabalho seja criado um pequeno dicionário contendo as formas semânticas consideradas mais importantes na língua, o que ajudará em todo o processo de investigação e na familiarização com a mesma. Mesmo que não seja o objetivo do investigador, é inevitável que ele não entre em contato com as palavras da língua. Alguns princípios ajudam a selecionar quais palavras são mais importantes: o uso da palavra na língua-alvo (frequência com que ocorre); facilidade de tradução na língua-alvo; combinação sintática das palavras (exemplos simples de sentenças).

Nesse sentido, esta pesquisa objetiva apresentar uma descrição das diferenças entre as falas do homem e da mulher kadiwéu, ou seja, variações decorrentes do sexo do falante. Tais diferenças podem aparecer em níveis fonéticos (alongamento de vogais), fonológicos (duplicação de vogais) ou em níveis lexicais. Exemplos: o substantivo ‘filha’ é falado *ioona* pelas mulheres e *iona* pelos homens, mostrando que a fala da mulher possui um alongamento de vogal; o verbo ‘matar’ tem a forma *emadi* para a fala feminina e *eloadi* para a forma masculina, indicando, provavelmente, uma diferença lexical. Apesar da ocorrência de variação em palavras de diferentes classes gramaticais, não se observou nenhuma regularidade quanto a isso. Verbos, substantivos, adjetivos, pronomes e locuções podem apresentar variações tanto fonéticas quanto lexicais. Contudo, futuros trabalhos podem verificar mais a fundo se existe alguma motivação fonológica ou morfossintática para variações de acordo com a classe gramatical da palavra.

Em concordância com Kibrik (1977), textos também são importantes para uma análise e uma descrição linguística; nenhuma investigação pode conter apenas elocuições isoladas. Assim, os procedimentos adotados para esta pesquisa contaram com listas lexicais, expressões orais e narrativas curtas.

A partir dos primeiros contatos feitos com os kadiwéu, no final do ano de 2009 e início de 2010, na cidade de Bodoquena e durante um curso em Campo Grande com os alunos do curso normal médio indígena kadiwéu, confirmou-se informalmente a variação da fala masculina e feminina.

As primeiras investigações feitas em abril de 2010, na aldeia Alves de Barros, basearam-se no dicionário kadiwéu de Griffiths (2002). Algumas palavras foram retiradas desse dicionário a fim de checar com falantes da língua, por meio de paradigmas, a existência da variação de fala entre homem e mulher. A partir das informações dos falantes e palavras registradas no dicionário e nas cartilhas de alfabetização kadiwéu, montou-se uma lista com palavras e frases em português no qual, na primeira visita de seis dias à aldeia, os colaboradores as traduziram para o kadiwéu. Ao final, os colaboradores escreveram mais palavras que lembravam com variação existente na fala de homens e mulheres. Cada colaborador recebeu um questionário e posteriormente as informações foram gravadas. As entrevistas sempre foram realizadas separadamente com cada pessoa.

A cada elocução analisada, expande-se o conhecimento das características morfológicas e sintáticas da língua, sendo necessário fazer generalizações das informações encontradas, levantando novas hipóteses e checando as anteriores. Além disso, a coleta de paradigmas também é importante para verificações dos dados. Para certificar-se da diferença entre a fala do homem e da mulher, as palavras e expressões eram “testadas” em diferentes frases.

Para exemplificar, abaixo, em **negrito**, está o verbo ‘beber/tomar’, o qual apresentou variação lexical entre a fala do homem e da mulher, *aaka* para mulher e *acipe* para homem. Algumas frases com este verbo foram escritas e pronunciadas pelos colaboradores:

- (1) **TOME TUDO**  
 Mulher: **aakata** idatawece  
 Homem: **acipeta** idatawece
- (2) **EU QUERO TOMAR**  
 Mulher: eyo jemaa me **jaaka**  
 Homem: ee jemaa me **jacipe**
- (3) **DÊ PARA SUA FILHA TOMAR À NOITE**  
 Mulher: ajicita Gadioona me **waakata** natigenoale  
 Homem: ajicita Gadiona me **wacipeta** natigenoale

Nota-se que nesse processo outras diferenças também são encontradas. Estão sublinhados acima o pronome ‘eu’, *eyo* na fala da mulher e *ee* na fala do homem; e o substantivo ‘filha’, *ioona* na fala feminina e *iona* na fala masculina. A partir dessa observação, outros paradigmas específicos para essas palavras seriam realizados.

Após contrastar as informações dos questionários dos colaboradores, outra lista foi montada com mais paradigmas e diálogos, já com exemplos escritos em kadiwéu. Propositadamente, algumas palavras pronunciadas por mulheres foram colocadas nos questionários dos homens e vice-versa. Todas foram corrigidas por eles sem hesitação, como se tivesse sido um erro de digitação da pesquisadora. Nessa segunda etapa, ficando mais seis dias na aldeia em setembro de 2010, também foi solicitado que contassem uma pequena narrativa em kadiwéu. A narrativa foi previamente escolhida a partir da cartilha. Os participantes contaram sobre a famosa Festa da Moça, que em kadiwéu se chama *ganakigi*, na fala dos homens, e *ganaakigi*, na fala das mulheres. Após contarem, traduziram o que haviam dito e algumas perguntas em tom de curiosidade foram sendo feitas para os homens com o objetivo de verificar como funciona a diferença de fala no discurso direto, mas com o homem falando como se fosse a mulher.

Para a terceira visita, ficando cinco dias na aldeia em fevereiro de 2011, reformulou-se a lista novamente com o intuito de apresentar somente as palavras que continham diferenças entre as falas masculina e feminina. Mesmo assim, alguns dados ainda foram preferencialmente apresentados como expressões orais, pois a segmentação dos morfemas exigiria um estudo aprofundado da gramática kadiwéu, e esse não é o objetivo neste momento.

As informações foram checadas com cada um deles e os dados foram gravados. Nessa etapa também foram realizados diálogos, observando-se a diferença na fala durante a interação entre homem e mulher kadiwéu. Vale ressaltar que, em todo o processo de trabalho de campo, as atitudes linguísticas eram observadas na aldeia, fazendo-se anotações e questionamentos acerca do que poderia representar diferença de fala.

Uma última entrevista foi realizada em junho de 2011, com um único colaborador do sexo masculino, na cidade de Campo Grande. Foram três dias checando todas as informações dos dados finais e discutindo sobre a grafia que seria utilizada. Mesmo o colaborador sendo do sexo masculino, ele aceitou pronunciar os dados da fala da mulher e os resultados finais foram gravados.

Além das investigações e atenção dos colaboradores nas entrevistas, foi de extrema importância estar em contato com os kadiwéu na aldeia, aprendendo a ouvir, registrar e perguntar sobre outras possíveis variações, observando seus espaços e atitudes que também demonstram e comprovam que os kadiwéu estão inseridos numa sociedade bipartida, na qual homens e mulheres tem seus comportamentos e língua diferenciados. Assim, pode-se dizer que, de acordo com Abbi (2001:84), esta pesquisa contemplou métodos de observação, entrevista e questionário.

### **2.3 A língua em uso**

Pelo fato de este trabalho ter como objetivo verificar a diferença entre a fala do homem e a fala da mulher na língua kadiwéu, o que engloba a situação comunicativa, o uso interativo da língua e também motivação cultural, assim, a pesquisa é norteadada pelo funcionalismo linguístico, visto que seu propósito se baseia na situação

de comunicação e não meramente na estrutura gramatical isoladamente. Halliday (1994, xii) coloca que:

Todo texto - ou seja, tudo o que é falado ou escrito - se desenrola num contexto de uso; além disso, são os usos da linguagem que, há mais de dezenas de milhares de gerações, que tem formado o sistema. A linguagem evolui para satisfazer as necessidades humanas; e a maneira como está organizada é funcional para tais necessidades - ela não é arbitrária.<sup>3</sup>

De acordo com Halliday (1973, p. 104. *apud* Neves, 2004, p. 08), a “função” da linguagem se relaciona com o papel que ela desempenha na vida dos indivíduos e não simplesmente à “função” sintática das palavras. Nesse sentido, os fatos linguísticos se relacionam com o sistema ao qual pertencem para que a comunicação seja eficiente, tanto na interação quanto no planejamento cognitivo do falante e ouvinte.

Uma abordagem funcional da linguagem significa, antes de tudo, investigar como a linguagem é usada: tentar encontrar os propósitos para que a linguagem nos serve e como nós somos capazes de realizar estes propósitos, falando e ouvindo, lendo e escrevendo. Mas também significa mais do que isto. Significa buscar explicar a natureza da linguagem em termos funcionais: vendo se a própria linguagem tem sido moldada pelo uso, e se sim, de quais modos - como a forma da linguagem tem sido determinada pela função a que ela serve. (HALLIDAY, 1973 *apud* GIVÓN 2001, p. 02)<sup>4</sup>

Dik (1978 *apud* Neves 1994, p. 46-47) sintetiza e define características funcionais sustentando que, para esse modelo, a linguagem é vista como um

---

<sup>3</sup>*Every text - that is, everything that is said or written - unfolds in some context of use; furthermore, it is the uses of language that, over tens of thousands of generations, have shaped the system. Language has evolved to satisfy human needs; and the way it is organized is functional with respect to these needs - it is not arbitrary.*

<sup>4</sup>*A functional approach to language means, first of all, investigating how language is used: trying to find out what are the purposes that language serves for us, and how we are able to achieve these purposes through speaking and listening, reading and writing. But it also means more than this. It means seeking to explain the nature of language in functional terms: seeing whether language itself has been shaped by use, and if so, in what ways— how the form of language has been determined by the function it has evolved to serve.*

instrumento, uma ferramenta de interação, em que sua forma se adequa conforme a função social.

Nesse processo de competência comunicativa, Dik (1989, p. 08) esquematiza um modelo de interação verbal no qual o falante, assumindo seu papel na interação verbal, seleciona o registro a ser utilizado na sua atuação linguística esperando que o seu destinatário receba suas informações de maneira acertada, possibilitando, assim, a reativação do modelo no ato comunicacional por meio da compreensão do contexto e no revezamento do papel de ouvinte e falante que os indivíduos assumem durante essa interação.

Butler (2003) discorre sobre a função interpessoal da linguagem, a qual compreende os papéis sociais no evento de fala e o processamento cognitivo, permitindo a eficiência da interação e comunicação entre ouvintes e falantes. É nesse processo que se insere a sociedade kadiwéu. Homens e mulheres dessa etnia reconhecem a fala do outro, mesmo não a usando. Assim, o *input* de dados no contexto natural dos kadiwéu faz com que os indígenas estabeleçam a interação social com a língua por meio do conhecimento pragmático que envolve a comunidade.

#### **2.4 A palavra em kadiwéu**

Conforme já foi especificado anteriormente e, ressaltando-se o objetivo da pesquisa de apresentar uma descrição da diferença entre as falas feminina e masculina no kadiwéu, procurou-se estabelecer alguns critérios para a apresentação dos dados. Um dos questionamentos se deu acerca de como se estabelecer critérios para mostrar uma palavra em kadiwéu com a variação de fala.

Definir o que é palavra levando em conta especificidades de diferentes línguas gera discussão entre linguistas. Mesmo sem conhecimento específico sobre o assunto, se percebe a diferença na formação e extensão do que é classificado como ‘palavra’ nas línguas. Neste item, a fim de justificar as escolhas feitas para este trabalho e elucidar sobre critérios de definição de palavra, apresentamos alguns conceitos de autores citados no livro *Word. A cross-linguistic typology* (DIXON & AIKHENVALD,

2002), o qual traz concepções de vários estudiosos da língua sobre essa questão e a aplicabilidade de suas concepções em diversas línguas tipologicamente diferentes.

Muitos escritores têm assumido que palavra é a unidade básica da língua. Para Bolinger (1963, p.113) a palavra é a fonte, e não o resultado, de contrastes fonêmicos. Diz também que, para pessoas sem estudo, falar é juntar palavras, escrever é uma maneira de escrever as palavras corretamente e espaçá-las, traduzir é associar palavras, significado é a tradução e mudança linguística é meramente a adição ou perda de alguma “parte” da palavra. Já foi dito algumas vezes que línguas primitivas não têm palavras, uma opinião que Lyons (1968, p.199) rejeita com base num relatório de Sapir o qual alega que falantes de línguas indígenas americanas, sem instrução, conseguem ditar palavra por palavra. Entretanto, parece que em apenas algumas línguas existe realmente um lexema para se referir ao termo *palavra*, como existe *mot* em francês ou *slovo* em russo (podendo estas fazer referência tanto a discurso quanto àquilo que é escrito entre espaços).

Em algumas outras línguas, como as faladas por pequenos grupos, às vezes parece não haver um lexema significando *palavra*. É como se somente as línguas com uma tradição ortográfica tivessem uma unidade lexical específica para designar *palavra*. As línguas tendem a criar este termo quando são expostas à escrita, porém uma questão interessante é que existem línguas sem tradição escrita nas quais se encontram um lexema que corresponda à *palavra*.

Em kadiwéu existem dois itens lexicais significando *palavra*: *nigegi* e *notaGa*. A diferença parece estar no sentido de que *notaGa* se refere à algum tipo de registro, algo que foi escrito ou dito e não pode ser revertido. Um exemplo é a frase ‘*lotaGa AneotedoGoji*’, que significa ‘palavra de Deus’. Já *nigegi*, seria usada nos demais sentidos e situações. Por exemplo, ‘palavra bonita’ em kadiwéu é *nigegi ane ele*.

A ideia de palavra como unidade da língua aparece nas línguas de origem europeia que, de um modo geral, têm uma estrutura sintática. De fato alguns critérios para palavra nesse sentido só são aplicáveis em línguas dessa natureza. No chinês alguns critérios de autores não conseguem satisfazer a existência de palavra como unidade da língua. Para essa língua, Chao (1946) reconhece uma unidade sintática para palavra gramatical. Enquanto falantes do inglês, por exemplo, e outras línguas falam sobre palavras, chineses discutem sobre *tzyh*. *Tzyh* (hoje escrita *zi*) é a unidade

sociológica desta língua, um caractere que corresponde a um morfema gramatical e/ou à uma sílaba fonológica. Esta diferença social existe, em parte, devido aos diferentes sistemas adotados pelas línguas.

A respeito de línguas polissintéticas, como é o caso do kadiwéu, a unidade da palavra também pode ser reconhecida. Gray (1939) e Milewski (1951) compartilham concepções semelhantes que definem palavra como “um conjunto de sons que possuem significados fixos e aceitos por convenção”. Por outro lado, há aqueles que não consideram palavra uma categoria básica da língua. O antropólogo Malinowski (1966) insiste que é preciso analisar o modo como se fala, a declaração em si, e não apenas as menores unidades da língua retiradas do seu contexto de uso.

Börgström (1954) acredita que palavras são segmentos de declarações que consistem de um ou mais morfemas, visão a qual Garvin (1954) não está de acordo, visto que em algumas situações não há como saber exatamente como isolar palavras e, conseqüentemente, como separar morfologia de sintaxe. A palavra gramatical forma a interface entre a morfologia e a sintaxe; enquanto a morfologia lida com a formação das palavras, a sintaxe lida com a combinação entre elas.

Sendo assim, o kadiwéu é uma língua polissintética que, segundo Sapir (1921, p.128),

como seu nome implica, é mais que ordinariamente sintética. A elaboração de uma palavra é extrema. Conceitos que nós nunca sonharíamos em tratar de uma maneira subordinada são simbolizados por afixos derivacionais ou mudanças "simbólicas" no elemento radical, enquanto noções mais abstratas, incluindo relações sintáticas, podem também ser transmitidas pela palavra.<sup>5</sup>

Em Sandalo (1995, p.41-42), tem-se os quadros apresentando a estrutura nominal e verbal em kadiwéu. Ao visualizar os quadros, percebe-se a quantidade de afixos existentes nessa língua:

---

<sup>5</sup>*A polysynthetic language, as its names implies, is more than ordinarily synthetic. The elaboration of the word is extreme. Concepts which we should never dream of treating in a subordinate fashion are symbolized by derivational affixes or “symbolic” changes in the radical element, while the more abstract notions, including the syntactic relations, may also be conveyed by the word.*

-2	-1	0	+1	+2	+3	+4
possessivo	alienável	RAIZ	classificador	diminutivo	número	nominalizador
i+ 1sg/pl	n-		-nigo ~ -co animal/planta	-nig:i masculino	-adi	-jegi
Gad:+ 2sg/pl			-GanGa instrumento	-na feminino	-pi	-Gaci
l+ 3sg/pl			-ija plantas cultivadas		-Ga	-awa:
God:+ 1pl			-Gikajo: autor		-al:i	

Tabela 1: Estrutura nominal kadiwéu (adaptado SANDALO 1995, p.42)



Os estudos realizados por Sandalo (1995, p.66) trazem exemplos que demonstram a complexidade morfossintática do kadiwéu, em que uma única palavra nessa língua pode agrupar diversos morfemas e clíticos à raiz verbal, formando uma sentença ao ser traduzida para o português:

- (4)       jotaGaneGetaGadomitiwaji.  
*j-otaGan-Gen:-t+Ga-dom-i+t-waji*  
 1sg.SUJ-falar-tornar-rel+2pl.CL-benefac-pl-rel+pl  
 ‘I talk to them for you.’  
 (Eu converso com eles para você)
- (5)       jib:a:taGawa  
*j-b:a:-t+Ga-wa*  
 1sg.SUJ-pegar-rel+2sg.CL-dativo  
 ‘I catch you’  
 (Eu pego você)

Ainda mostrando a morfossintaxe do kadiwéu, Rodrigues (2002, p.25) explica sobre um exemplo de “palavra” em kadiwéu:

O verbo da língua Kadiwéu é mais complexo que o do Português e o do Tupinambá. *DjikanaGataketiwadji* é uma forma verbal constituída de sete elementos, que significa “nós o estamos soltando outra vez”: *dj-*, marcador de sujeito de 1ª pessoa (“eu” ou “nós”); *ika*, raiz (“soltar”); *-n*, marcador da classe verbal (tal como a vogal temática do português, sem nenhum outro significado); *-aGa*, marcador de envolvimento do falante (se o sujeito é de 1ª pessoa, indica que outras pessoas estão envolvidas, e o sujeito é “nós” e não “eu”); *-taki*, marcador de aspecto iterativo (“fazer de novo”); *-ke*, marcador de relação espacial (“para fora”); *-tiwadji*, marcador de plural.

A respeito de palavra ortográfica, linguistas também não estabelecem uma única convenção para sua definição. Diferentes estratégias têm sido adotadas de acordo com a estrutura da língua a ser analisada. Com exceção de alguns linguistas, a idéia é de que a palavra é unidade da gramática, unidade linguística e não unidade fonética, e de que em todas as línguas o morfema é a unidade mínima da análise gramatical. Muitas discussões sobre palavra combinam critérios gramaticais e fonológicos. Assim, parte-se para outra discussão: a tentativa de se levantar critérios para se definir e diferenciar palavra gramatical e palavra fonológica. Pike (1947, p. 90) faz uma distinção clara entre unidades gramaticais e fonológicas. A primeira inclui morfemas, palavras, clíticos e frases, enquanto a segunda, fonemas, sílabas, acentos, ritmos e entonação. Muitas línguas também possuem clíticos que podem ser considerados palavras gramaticais, mas não são palavras fonológicas independentes. Clíticos em kadiwéu não são claramente diferenciados dos afixos em Griffiths & Griffiths (1976), já Sandalo (1995) os diferencia.

Entretanto, embora haja muitas sugestões de definições para *palavra*, ainda há carência de uma distinção clara entre critérios fonológicos e gramaticais. Sugere-se que critérios fonológicos definam palavra fonológica, a qual é uma unidade na hierarquia fonológica, enquanto critérios gramaticais definam palavra gramatical, a qual é uma unidade dentro da hierarquia gramatical. Assim, buscando esclarecer aplicabilidades, definições e critérios para palavra, de acordo com diferentes estruturas tipológicas, conclui-se que em alguns casos apenas hipóteses podem ser levantadas para certas questões.

Os paradigmas e diálogos utilizados nas entrevistas desta pesquisa foram de suma importância para verificar a existência da diferença de fala entre homens e mulheres kadiwéu. Entretanto, os resultados apresentados restringiram ao máximo a “palavra gramatical kadiwéu” para focar a variação da fala. Adotou-se também a apresentação ortográfica dos dados, visto que o intuito da pesquisa é comprovar e apresentar uma descrição da diferença entre as falas.

Outra questão relevante é que, em concordância com Garvin (1954), sendo o kadiwéu uma língua polissintética, que possui muitos afixos e enclíticos, existem situações em que não há como saber exatamente como isolar suas palavras.

Contudo, em alguns casos de palavras que obrigatoriamente necessitam de um morfema para serem realizadas na língua, como, por exemplo, os verbos, a opção foi marcar essa palavra com um hífen, indicando que se trata de uma forma presa na língua kadiwéu. Para os nomes que foram classificados como alienáveis, o prefixo *n-* foi mantido.

A morfossintaxe dessa língua é bastante complexa, portanto, os resultados aqui apresentados utilizaram uma forma que corresponde à tradução de uma palavra em português, mesmo que ela esteja com afixos e enclíticos, ou seja, não foi objetivo deste trabalho delimitar a morfossintaxe da língua.

Em situações em que não foi possível estabelecer um limite da raiz da palavra e seus morfemas e clíticos, respeitou-se apenas a informação dos colaboradores, sendo, por vezes, apresentada uma palavra gramatical kadiwéu que corresponde a uma expressão ou uma locução em português. Nesse sentido, assume-me o pensamento de Gray (1939) e Milewski (1951), pois as palavras apresentadas possuem um significado e são aceitas por convenção.

No próximo capítulo serão mostrados exemplos de línguas que também possuem diferença de fala feminina e masculina, tanto relacionadas a fatores biológicos e a contextos sociais, quanto de acordo com o sexo do falante, que é o caso das diferenças do kadiwéu investigadas nessa pesquisa.

## CAPÍTULO 3

### FALA DO HOMEM X FALA DA MULHER

A fim de ilustrar a diferenciação entre fala feminina e masculina, estão reunidos neste capítulo exemplos de algumas línguas do mundo que também apresentam esse fenômeno em diferentes níveis.

#### 3.1 Diferenças gerais de fala

Homens e mulheres podem apresentar variações e diferenças de fala que podem estar relacionados tanto a contextos sociolinguísticos quanto a contextos biológicos. Em relação a fatores biológicos, que levam em conta as especificidades da fisiologia humana para cada sexo, Borges (1997, p.65) explica sobre a diferença nas cordas vocais de homens e mulheres, bem como suas vibrações, as quais influenciam na altura da voz:

Muitas vezes quando se ouve alguém à distância ou ao telefone, torna-se capaz de identificar-lhe o sexo. Isso ocorre porque a voz da mulher é, em média, uma oitava mais alta que a do homem. Conforme Balmori (1967:36), a fala feminina tem como traço distintivo a acuidade, entendida como uma predominância de energia nas frequências altas, enquanto na fala masculina destaca-se a gravidade, que se evidencia nas frequências baixas.

Tais fatores, de acordo com a autora, independem do desejo do falante, pois são características próprias do aparelho fonador humano e geralmente se iniciam na adolescência. De acordo com Coulthard (1991 apud BORGES 1997, p. 67), é na puberdade que “as cordas vocais do menino se alongam e se tornam fisicamente maior que a da menina”.

Contudo, o mesmo autor reconhece que existem outras diferenças que se apresentam antes mesmo dessa idade, o que confirma que algumas manifestações linguísticas diferenciadas são adquiridas de acordo com o contexto social em que os indivíduos se encontram inseridos. Mais do que apenas um enquadramento tipológico, o universo linguístico pode trazer consigo toda a representação cultural de um povo, podendo ser encontradas variações em meio às suas estruturas e funcionamento de acordo com contextos diversos.

O uso de uma língua também varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, ou seja, de maneira ilimitada englobando diversas variáveis. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme, pois, dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Exemplos disso são tabus linguísticos para mulheres se referirem aos órgãos sexuais, pois, em concordância com Alves (1993), geralmente a linguagem feminina é mais polida, sem palavrões e gírias, as quais são mais toleradas na fala do homem.

Alves (1993, p. 07) conta, curiosamente, que dentre os Ba-Ila, povo do norte da Rodésia, as mulheres cantam palavras obscenas no funeral dos homens, pois este vocabulário não é permitido na frente deles. A pesquisadora também escreve sobre tabus dos indígenas das Ilhas Trobriand, onde as mulheres não podem proferir fórmulas mágicas de rituais sob pena de que se tornem nefastas. Nos rituais de iniciação do povo kamilaroi, na Austrália, a língua mística Yanan é falada exclusivamente por homens. A autora ainda descreve sobre a proibição da mulher de pronunciar o nome do marido ou de um outro membro da família, o que é observado entre os Zulus e indígenas das Caraíbas, na Melanésia e em Madagascar.

Também, no discurso feminino, é dito que as mulheres utilizam com maior frequência estruturas de modalização que exprimem dúvida, incerteza, não afirmando categoricamente sua opinião para não parecerem agressivas. Furfey (1944 *apud* ALVES 1993, p.06) levanta a possibilidade de que “a linguagem masculina pode ser um instrumento de dominação sobre as mulheres”. Alves (1993) comenta sobre as características encontradas na língua japonesa, que ainda mantém alguns traços sociolinguísticos de épocas antigas, mesmo o Japão sendo um país desenvolvido. Isso

mostra que tais manifestações não são de exclusividade de sociedades primitivas; elas também podem ser perceptíveis em sociedades modernas.

Nesse contexto do Japão podem ser citadas as falas das damas da corte ou *court ladies* (nyooba-kotoba) e das damas de diversão ou *play ladies* (yuujojo). Segundo Ide & Terada (1998), ambas as línguas eram específicas para indicar uma posição na sociedade. A primeira era usada por mulheres da corte, geralmente filhas de aristocratas, as quais serviam à família imperial. A segunda era específica das mulheres que trabalhavam nas “*play houses*”, onde serviam homens não somente de maneira sexual, mas tinham estudo e cultura para entretê-los em troca de dinheiro. Ainda hoje existem resquícios dessas falas no japonês, mas os autores dizem que não carregam mais tais conotações. Homens e mulheres podem utilizá-las, contudo, remetem sim ao universo feminino.

Sobre essas questões, Alves (1993) conclui que não se tratam de línguas distintas, mas de diferenças lexicais e repertórios diferentes devidos à repartição de papéis e de centros de interesse entre homens e mulheres, ou seja, essas manifestações estão relacionadas também a contextos sociais.

### 3.2 Língua e sexo

À parte das diferenças relacionadas a fatores biológicos, contexto sociais, tabus, fala de exclusividade dos homens ou polidez feminina, existem línguas que apresentam algumas diferenças pontuais na sua língua de acordo exclusivamente com o sexo do falante ou o sexo de ouvinte e falante, estando relacionadas mais a um aprendizado cultural. A seguir serão explanados alguns exemplos de línguas que se comportam dessa maneira.

Na língua japonesa, além das diferenças sociais de homem e mulher mencionadas, existem palavras, pronomes, prefixos e partículas diferenciados para a fala dele e dela. Shibamoto (1987 apud BORGES 1993, p. 71) exemplifica:

	<u>Forma Masculina</u>	<u>Forma Feminina</u>	
Itens lexicais:	<i>hara</i>	<i>onaka</i>	‘estômago’
	<i>mizu</i>	<i>ohiya</i>	‘água’
Prefixos:	<i>kane</i>	<i>okane</i>	‘dinheiro’
	<i>hasi</i>	<i>ohasi</i>	‘utensílio doméstico’

Línguas indígenas de várias regiões do mundo apresentam variação entre as falas masculina e feminina. Por apresentarem estruturas e propriedades ainda não observadas em outras regiões, elas despertam muito interesse linguístico. Pode-se encontrar variação de fala em diversos níveis linguísticos: morfológico, fonológico, sintático, lexical. Em algumas línguas indígenas encontra-se distinção da fala de acordo com o sexo do falante e, às vezes, também do ouvinte.

O karajá, língua indígena brasileira do tronco linguístico Macro-jê é um exemplo. Borges (1997, 2009) afirma que nessa língua os itens lexicais na fala das mulheres geralmente incluem segmentos (consoantes, sílabas) que não são encontrados na fala dos homens. Os resultados de sua pesquisa mostram que as falas masculina e feminina possuem, por exemplo, diferença no ataque<sup>6</sup> de uma sílaba:

<u>Fala Feminina</u>	<u>Fala Masculina</u>	
/kuɛ/	/uɛ/	‘capivara’
/anõna/	/aõna/	‘coisa’

(BORGES 2009, p.251)

<sup>6</sup> Segundo Goldsmith (1990), a sílaba é um constituinte fonológico dotado de estrutura hierárquica interna, composta pelo **ataque** (A) (ou **onset** (O)), uma seqüência de zero ou mais consoantes que, grosso modo, inicia uma sílaba, seguida pela **rima** (R). Esta, por sua vez, possui sua própria estrutura interna, subdividindo-se em **núcleo** (N), que contém a vogal obrigatória da sílaba, e **coda** (C), também ocupada por zero ou mais consoantes. Tanto o ataque quanto a coda são constituintes silábicos opcionais, diferentemente do núcleo, constituinte obrigatório, imprescindível à existência de uma sílaba. Naturalmente nem todas as sílabas possuem essas três posições preenchidas. (BORGES 2009, p. 251)

Além da diferença no ataque de uma sílaba, a pesquisadora também exemplifica: diferença nos ataques de duas sílabas; diferença no núcleo de uma sílaba e no ataque da sílaba seguinte; diferença no núcleo de uma sílaba e no ataque da sílaba seguinte e ainda em outro ataque; diferença no ataque e no núcleo de sílaba final; diferença no ataque de uma sílaba (inicial ou medial) e no ataque e no núcleo de uma sílaba medial ou final; diferença no ataque e no núcleo de uma sílaba medial e no ataque de uma sílaba seguinte; diferença no ataque e no núcleo de uma sílaba medial; substituição de uma sílaba com consoante -consoante -vogal (CCV) da fala feminina por uma vogal (V), seguida de consoante - vogal (CV) na fala masculina.

Há outros exemplos nos quais as formas femininas e masculinas diferem pelo vozeamento de um dos ataques, como em ‘raposa’, /itʃɔrɔ/ (f.f.) e /idʒɔrɔ/ (f.m.), onde o ataque da segunda sílaba é composto pela africada palato-alveolar desvozeada /tʃ/ na primeira e por sua homorgânica vozeada /dʒ/ na segunda.

Alguns empréstimos do português também apresentam tal variação, sofrendo adaptação fonológica. Exemplos (BORGES 1997):

<u>Fala Feminina</u>	<u>Fala Masculina</u>	
/kawaru/	/awaru/	‘cavalo’
/kabe/	/abe/	‘café’

A pesquisadora descreve demais diferenças entre as falas dos homens e das mulheres no karajá, entretanto, não são apenas as formas linguísticas que apresentam distinções nesse aspecto. Borges ressalta que os karajás possuem espaços reservados tanto para homens quanto para mulheres e atividades específicas para cada sexo. As pinturas corporais também se diferenciam. Nas mulheres elas aparecem na região abdominal e nos homens podem ser feitas nesta mesma região, nos braços e nas coxas. “Dessa maneira, um dos princípios ordenativos dessa sociedade indígena é a dicotomia mulheres/homens, sendo a diferença entre as falas um reflexo linguístico desse princípio” (BORGES 2009, p. 253).

No kamaiurá, língua indígena brasileira (tupi-guarani), Seki (2000, p. 242) descreve que tanto o homem quanto a mulher utilizam diferentes partículas finais de

sentença para indicar seu sexo, sendo a partícula **ka** para falante do sexo masculino e **ki** para falante do sexo feminino, conforme pode ser observado:

a-juka rape ka  
 1sg-matar Cauc Masc  
 ‘acho melhor matá-lo’

a-juka rape ki  
 1sg-matar Cauc Fem  
 ‘acho melhor matá-lo’

Na língua biloxi, falada no norte dos EUA, Haas (1964) coloca que formas imperativas dos verbos demonstram, tanto no singular quanto no plural, o sexo do ouvinte e do falante. Para ‘*Carry it!*’ (carregue-o, carregue-a, carreguem-no ou carreguem-na), tem-se:

	<u>SING</u>	<u>PL</u>
homem para homem:	ki-kaŋko’	ki-ta kaŋko’
homem ou mulher para mulher:	ki-tki’	ki-ta tki’
mulher para mulher:	ki-tate’	ki-tatute’

Na língua chiquito, falada na Bolívia, Adam & Henry (1880, p.05) registram a variação fonológica na estrutura silábica. A mulher suprime a consoante ou a vogal iniciais de certos termos, principalmente termos que designam alguns tipos de animais e árvores:

<u>Forma Masculina</u>	<u>Forma Feminina</u>	
ñoñeis	oñeis	‘homem’
opetas	petas	‘tartaruga’
upaixoorus	paixoorus	‘tipo de árvore’

Nessa mesma língua, verifica-se, segundo Jespenser (1921, p. 240), também variação no nível morfológico. Homens indicam estarem se referindo a alguém do sexo masculino mediante o sufixo *tii-*, enquanto que as mulheres não o utilizam, fazendo, assim, distinção entre ‘ele’ e ‘ela’, ‘dele’ e ‘dela’:

yebotii ti n-ipoostii	‘Ele foi para a casa dele.’
yebotii ti n-ipoos	‘Ele foi para a casa dela.’
yebo ti n-ipoostii	‘Ela foi para a casa dele.’

Como na fala feminina não há a ocorrência do sufixo para todos os exemplos acima, o autor coloca que a mulher diz apenas “yebo ti n-ipoos”.

A língua *cocáma*, falada na fronteira da Colômbia com o estado do Amazonas, apresenta, segundo Norma Faust (1972, *apud* BORGES 1997, p. 78), algumas formas distintas para pronomes na fala masculina e feminina:

<u>Homens</u>	<u>Mulheres</u>	
yucá	yucun	‘esse’
ta	etse	‘eu, a mim’
uri	ai	‘ele, a ele’
tana	penu	‘nós, a nós’
rana	inu	‘eles, a eles’

Em *awetí*, língua do troco Tupi e falada por um grupo indígena de 115 pessoas no Xingú, Mato Grosso, Drude (2002) observa diferença de fala feminina e masculina no que diz respeito aos dêiticos (possivelmente relacionado à morfologia) e pronomes, os quais parecem ter alguma correspondência com outras línguas do tronco Tupi. Exemplo:

<u>Forma Masculina</u>	<u>Forma Feminina</u>	
atit	ito	1ª pessoa do singular
na	i	3ª pessoa do singular
tsa	ta'i	3ª pessoa do plural

Em yana, língua do norte da Califórnia, Sapir (1921) distingue formas masculinas e femininas. A masculina é usada por homens para falar com homens; a feminina é utilizada por homens para falar com mulheres, e pelas mulheres para falarem tanto com homens quanto com mulheres. As diferenças incluem fatores fonéticos e gramaticais, contudo, conclui que tais diferenças podem estar relacionadas ao baixo prestígio social da mulher naquela sociedade, visto que a fala da mulher possui formas reduzidas, que podem sugerir economia linguística:

<u>Forma Masculina</u>	<u>Forma Feminina</u>	
au-na	au	‘fogo’
au-nidja	au-nitc	‘meu fogo’

De acordo com Haas (1964), em koasati, língua indígena da família Muskogean, falada no estado da Louisiana, existem diferenças entre a língua usada por homens e mulheres. A autora coloca que outras línguas desta mesma família, como o muskogee e hitchiti, também apresentam distinções dessa natureza. A pesquisadora observa a diferença em formas verbais do indicativo e do imperativo em koasati:

<u>Forma Masculina</u>	<u>Forma Feminina</u>	
lakawtakkó	lakawtakkós	‘Eu não a/o estou levantando’
lakawwa	lakawwas	‘Ele a/o levantará’
ka	kas	‘Ele está falando’

Em mataco, língua falada no Chaco paraguaio e argentino, Hunt (1940 *apud* BORGES 1997, p. 82) mostra diferença em pronomes pessoais e possessivos da primeira pessoa do singular:

<u>Forma Masculina</u>	<u>Forma Feminina</u>	
o-wet	ya-wet	‘minha casa’
chaj no ho	chaj yan ho	‘compre para mim’

Esses são alguns exemplos que demonstram a ocorrência da diferença entre a fala do homem e a fala da mulher, sugerindo um contexto social de aprendizado desde criança, de línguas com algumas variações e é nessa perspectiva que a língua kadiwéu também se diferencia entre homens e mulheres.

Diferentes estratégias linguísticas são observadas para marcar essas diferenças em línguas ao redor do mundo. Existem línguas que marcam as variações em níveis morfológicos e morfossintáticos, enquanto que em outras línguas ocorrem em níveis fonéticos e fonológicos.

No kadiwéu constatou-se diferenças em níveis fonéticos, fonológicos e lexicais relacionadas ao sexo do falante. Em nível fonético há o alongamento de vogal marcando a fala feminina; em nível fonológico tem-se a duplicação de vogal na fala feminina para a formação de mais uma sílaba quando o radical da palavra masculina possui um número ímpar de sílabas, pois o radical da palavra utilizada pelas mulheres precisa ter sempre um número par de sílabas; e lexical quando há diferença no radical das palavras utilizadas por homens e mulheres.

No capítulo a seguir, serão apresentadas questões relacionadas ao funcionamento da língua kadiwéu de acordo com estudos prévios, bem como o enfoque do gênero gramatical dessa língua, diferenciando-o do fenômeno de diferença de fala entre homens e mulheres dessa etnia.

## CAPÍTULO 4

### LÍNGUA KADIWÉU

Neste capítulo reúnem-se informações sobre a língua kadiwéu retiradas de estudos prévios realizados por Griffiths & Griffiths (1976), Griffiths (2002), Braggio (1981) e Sandalo (1995), mostrando brevemente suas características. Os trabalhos realizados por esses pesquisadores mostram diferentes perspectivas, visto que os Griffiths aplicam suas análises a partir de um enfoque estruturalista, enquanto Sandalo e Braggio seguem pressupostos gerativistas.

#### 4.1 Griffiths & Griffiths (1976)

O casal de missionários Glyn Griffiths e Cynthia Griffiths realizou trabalhos sobre a língua kadiwéu entre os anos de 1968 a 1974, os quais foram publicados pelo SIL em 1976 com o título de “Aspectos da língua kadiwéu”. A obra apresenta sete capítulos sobre diferentes aspectos da língua: a estrutura de dois estilos discursivos na língua kadiwéu; o elemento interrogativo em kadiwéu, verbos kadiwéus<sup>7</sup>; o sistema pronominal na língua kadiwéu; substantivos kadiwéu; relatório fonêmico do kadiwéu; formulário dos vocabulários padrões para estudo comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras.

Na primeira abordagem, “A estrutura de dois estilos discursivos na língua kadiwéu”, é investigado o estilo discursivo a partir do modelo de Labov e Waletzky e o estilo episódico. O primeiro traz lendas e histórias a partir de experiências pessoais, enquanto o segundo tem o intuito de analisar o discurso de uma breve explicação ou descrição de um evento/acontecimento. O estudo analisa os conectivos utilizados no discurso, os diversos papéis dos participantes nas sentenças discursivas e técnicas de focalização (entonação, repetição de frases, referência a participantes e o aspecto verbal

---

<sup>7</sup> O trabalho de Griffiths e Griffiths utiliza a forma “kadiwéus” para o plural, o que não corresponde às escolhas do presente trabalho, visto que -s é marcação de plural na língua portuguesa.

continuativo<sup>8</sup>). Menciona-se que os colaboradores para a pesquisa eram homens e mulheres falantes da língua.

Para o “Elemento interrogativo em kadiwéu” diz-se o seguinte:

Basicamente há duas maneiras de formar o elemento interrogativo em Kadiwéu. A mais simples é por mudança dos contornos de entonação da oração, geralmente dando perguntas com a resposta 'sim' ou não' (perguntas polares). A segunda maneira é de formar perguntas com as palavras interrogativas que ocupam a posição inicial de sujeito, objeto, lugar ou tempo nas orações. (GRIFFITHS & GRIFFITHS 1976, p. 25)

Quando as perguntas são construídas com palavras interrogativas, estas sempre aparecem no início das orações. Há formas que variam conforme o gênero também. Não existe menção sobre os colaboradores que colaboraram na pesquisa, contudo, os dados apresentados estão sempre na fala masculina.

No terceiro item sobre “Verbos kadiwéus” é explanado sobre: classes verbais; pessoas verbais; indicação de objetos direto e indireto; afixos de alcance: lugar; aspecto e tempo; modo; afixos plurais; combinações afixadas; afixos derivacionais; estrutura verbal; objeto indireto reconsiderado. No que diz respeito aos colaboradores é colocado que foram colhidas informações tanto com homens quanto com mulheres, todavia, a opção de apresentar apenas os dados dos homens é justificada dizendo-se que as diferenças entre fala do homem e fala da mulher não alteram as descrições ou análises.

As duas classes verbais são a transitiva e a intransitiva, sendo que o objeto direto pode aparecer como afixo ou como uma locução nominal particular. Ambas as classes também podem ser marcadas por prefixos subjetivos.

As pessoas verbais são marcadas por locução nominal ou por afixos (prefixo e sufixos) verbais que variam de acordo com a transitividade verbal e o tema verbal. Gera-se, assim, uma complexa diversidade de afixos verbais para as pessoas verbais (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas tanto do singular quanto do plural) divididos em subclasses levando em

---

<sup>8</sup> “De vez em quando ocorre um verbo com inesperado aspecto `continuativo`, o qual serve para ressaltar um ponto suspensivo...O contexto é integrado por uma crescente incerteza à espera de solução.” (GRIFFITHS e GRIFFITHS 1976, p. 21)

conta a transitividade, se são prefixos ou sufixos e o tema do verbo. Nas palavras dos autores, explica-se que

O sujeito da ação verbal da oração aparece, não somente como locução nominal, mas também com referência dentro do verbo mesmo. As pessoas verbais são marcadas por afixos e mudanças de tema no verbo. As pessoas verbais que se relacionam com o sujeito são descritas separadamente para cada classe verbal. É conveniente descrever cada classe em termos de sub-classes à base das diversas séries de prefixos que ocorrem em cada classe. Há, semelhantemente, diversas séries de sufixos e mudanças de tema em cada classe, e as sub-classes já descritas podem subdividir-se ainda mais à base destas diferenças. (GRIFFITHS & GRIFFITHS 1976, p. 32)

Sobre objetos, Griffiths & Griffiths afirmam que eles também aparecem como afixos ou como locuções nominais dentro das orações.

Segundo os autores, há dois tipos de afixos (sufixos) de alcance, ou seja, locativos: um para lugar definido e outro para lugar indefinido. Eles carregam a função de indicar a extensão ou alcance da ação verbal em termos espaciais (dentro de área emparedada, dentro de área cercada, através de alguma abertura, numa vizinhança imediata, lugar distante e exato, etc). Por exemplo, Griffiths & Griffiths (1976, p. 45) mostram os afixos *-tineci* e *-tinigi* delimitam uma ação dentro de uma área delimitada, sendo que a segunda forma parece estabelecer uma área mais restrita:

(6) Goneleegiwa ewaligit**tineci** naigi  
 homem anda caminho  
 ‘O homem está andando no caminho’

(7) Goneleegiwa naligit**tinigi** nedenigo iiGo  
 homem enterra cachorro terra  
 ‘O homem enterrou o cachorro na terra’

A respeito de tempo os autores discorrem poucas linhas, apenas citando que a palavra *baanaGa* modifica a ação verbal no sentido de assinalar uma ação que começou no passado, mas que continua no tempo presente e também pode ocorrer no futuro. Exemplo (GRIFFITHS & GRIFFITHS 1976, p. 53):

- (8)       baanaGa               datiodi               digoidane  
           já está               começando a chover               lá  
           ‘Já começou a chover lá’

Quanto ao aspecto, dividem-se em aspecto de precedência temporal, aspecto continuativo e aspecto suposicional. O modo aparece principalmente marcado por afixos (prefixos ou sufixos), seguindo uma hierarquia de posições quando um modo é marcado na dependência da presença de outro. Apresentam-se os modos indicativo, imperativo, imperativo negativo, repetitivo, condicional e intensivo.

Por fim, o trabalho apresenta os afixos plurais (prefixos ou sufixos) marcam principalmente os verbos e variam conforme a transitividade e a pessoa verbal, podendo, ainda, haver combinação entre si para criar outros sentidos. Combinações afixadas podem sofrer modificação ao se prenderem ao verbo, geralmente com a redução do segundo afixo.

#### 4.2 Griffiths (2002)

No “Dicionário da língua kadiwéu” (GRIFFITHS 2002), a língua é colocada como sendo aglutinante, pertencendo à família linguística Guaicuru e tendo o Toba, no norte da Argentina, como a língua com características bem próximas às do kadiwéu. Por língua aglutinante, o autor explica que:

...quer dizer, existem muitos afixos que podem ajuntar com a raiz (que tem o significado central) de uma palavra, formando palavras compridas. O resultado é que o significado de uma palavra pode incluir muita informação. (GRIFFITHS 2002, p.03)

Quanto ao alfabeto, registram-se 4 vogais: a, e, i, o, podendo também ser duplas: aa, ee, ii, oo. As consoantes são 15: b, c, d, g, G, j, k, l, m, n, p, t, w, x, y. O autor também exemplifica a pronúncia das consoantes:

A letra “c” é sempre como o primeiro “c” em cachorro “d” é sempre como “d” em “daí” (nunca como em “dia”) “g” é sempre como “g” em “gato”, “j” é como o som “dj” em “Djalma”, “t” é sempre como “t” em “tambor”, “x” é sempre como “tch” em “tchau”, “G” e “k” são sons uvulares descritos como plosivos. A letra “k” é surda enquanto a letra G é sonora. (GRIFFITHS 2002, p.03)

Os padrões silábicos, de acordo com o dicionário, são V e CV, ocorrendo em qualquer combinação. Contudo, é afirmado que existem exceções, apesar de poucas, como “nyV”.

Ao final do dicionário encontram-se quatro apêndices: um sobre verbos, um sobre afixos dos verbos, um sobre afixos dos substantivos e outro sobre afixos de orientação e movimento.

No primeiro apêndice, dividem-se os verbos em transitivos e intransitivos, os quais possuem diferentes afixos para marcação de pessoa. Para ambos, há dois quadros, um com prefixos de pessoa do sujeito e outro com sufixos de pessoa do sujeito. Nos quatro quadros os afixos estão divididos em cinco subclasses, porém, infelizmente, tal divisão não é justificada. Ainda no mesmo apêndice, há uma breve colocação sobre os verbos reflexivos, em que se afirma que para um verbo estar na forma reflexiva é necessário acrescentar o prefixo *din-* ao verbo e, sendo o verbo da classe transitiva, ele se torna intransitivo, ou seja, verbos reflexivos serão sempre intransitivos.

Exemplo: o verbo *-okole* significa ‘jogar’ e é conjugado dentro da classe dos transitivos. Ao acrescentar o prefixo *din-*, formando *dinokole*, seu significado se torna ‘jogar-se’ e é conjugado com os afixos da classe intransitiva.

Outros afixos dos verbos são apresentados no segundo apêndice. Há os afixos (prefixos) significando o objeto do verbo e exemplos de como se comportam juntamente com os afixos do sujeito. Quando há marcação de sujeito e objeto num verbo kadiwéu, “o prefixo do objeto toma o lugar do prefixo do sujeito, deixando só o sufixo do sujeito” (GRIFFITHS 2002, p. 332). Uma tabela também é colocada com os afixos (sufixos) para marcação de objeto indireto de acordo com a pessoa do objeto. Estes sufixos não influenciam em outros afixos. Ademais, encontram-se outros afixos (prefixos), que influenciam no sentido do verbo, precedendo afixos de objeto indireto. O autor separa esses prefixos em cinco categorias: 1 – repetição da ação (exemplo: outra vez), 2 – local indefinido da ação (exemplo: por aí, no alto, dentro de uma área fechada), 3 – local definido da ação (exemplo: perto, junto), 4 – extensão da ação, 5 – intensidade da ação (aumento do grau da ação). É dito que tais afixos podem também ocorrer juntos, obedecendo a uma ordem:

1 – (2 ou 3) – (4 ou 5)

Sobre os afixos dos substantivos, no terceiro apêndice, a marcação de singular e plural aparece nas últimas sílabas e existem sufixos diferenciados conforme a subclasse das palavras (se são coisas inanimadas ou que representam perigo, por exemplo). Para indicar o plural dos substantivos que representam perigo, coisas alongadas ou coisas que cobrem, acrescenta-se o sufixo *-li* na palavra: *nodaajo* - ‘faca’, *nodaajoli* - ‘facas’.

Para indicar posse, os substantivos presos possuem seus afixos apresentados num quadro. Existem também os substantivos livres que geralmente não necessitam ser possuídos, mas, quando são, estão marcados por outros afixos diferentes daqueles existentes para os substantivos presos. A forma diminutiva também é marcada por sufixo, um utilizado para o gênero masculino e outro para o gênero feminino, com variações fonológicas de acordo com a última sílaba do substantivo, como, por exemplo, perda de sonoridade.

Também existem verbos que são substantivados a partir de sufixos. Outro caso de formação de substantivo é a junção de um sufixo (um para o singular *-jegi*, outro para o plural *-jedi*) para modificar o significado do substantivo que indica um

lugar para passar a significar o morador, pessoa ou animal, daquele lugar. Exemplo: *nigotaGa* “cidade”, *nigotakajegi* “cidadão”.

No último apêndice do dicionário estão os afixos de orientação e movimento, os quais não variam e aparecem em algumas classes de palavras como numerais, demonstrativos e locativos. Eles podem indicar, por exemplo, algo na vertical ou horizontal, algo vindo ou indo, trazido ou levado.

Percebe-se nesse trabalho que, mesmo se tratando de um dicionário, muitas questões sobre o funcionamento da língua são tratadas nos apêndices com o intuito de colaborar para que o leitor entenda o comportamento da língua.

### 4.3 Braggio (1981)

O trabalho de Braggio (1981), “Aspectos fonológicos e morfológicos do kadiwéu”, está dividido em três capítulos e dois apêndices (um com a matriz fonética e outro com paradigmas verbais). Nesse trabalho, são expostos aspectos fonológicos do kadiwéu com treze fonemas consonantais e oito fonemas vocálicos (quatro tensos e quatro distensos):

	bilabial	alveolar	álveo-palatal	velar	uvular
tenso	p	t	c	k	q
Oclusivo distenso	b	d	j	g	G
Nasal distenso	m	n			
Lateral distenso		l			

Tabela 3: Fonemas consonantais (BRAGGIO 1981, p. 01)

	Anteriores	Posteriores
Altos	i i:	o o:
Baixos	e e:	a a:

Tabela 4: Fonemas vocálicos (BRAGGIO 1981, p. 06)

Braggio comenta que os Griffiths (1976, p. 133 e 146) descrevem /c/ e /j/ impropriamente como alveolares. A autora assinala que “a realização fonética das oclusivas álveo-palatal e uvular flutua entre oclusiva (propriamente africada, no caso de álveo-palatal) e fricativa” (BRAGGIO 1981, p. 03), comentando que, provavelmente, tal variação é decorrente de diferentes estilos de discursos. Também comenta-se que Glyn Griffiths encontrou em “falas suaves” uma maior frequência de fricativas, enquanto Braggio coloca que em qualquer estilo de fala há muito mais ocorrências de africadas do que de fricativas. Sobre segmentos consonantais ainda ressalta que

Em fim de enunciado, sobretudo em estilo menos formal as sílabas podem perder a voz, caso em que não só as vogais, mas também as consoantes distensas se ensurdecem; estas últimas não se confundem com as tensas correspondentes, mas distinguem-se delas pelo grau de tensão: as surdas são mais tensas, as sonoras ensurdecidas menos tensas. (BRAGGIO 1981, p. 04)

A pesquisadora também observa que, dependendo do estilo (formal ou não), o colaborador pode apresentar um mesmo enunciado com ou sem a oclusiva glotal. A maior incidência aparece em falas formais, mas ainda variando de falante para falante. Ela não considerou a oclusiva glotal na representação fonológica pelo fato de sua ocorrência ser apenas em final de enunciado, após vogal breve. Griffiths (1976) traz também tal informação, dizendo que a oclusiva glotal ocorre em final de enunciado, contudo, não aparece quando a última vogal é alongada.

A linguista pontua que os Griffiths não incluem na sua série de segmentos vocálicos as vogais [e], [o] e [a] e afirma que “os segmentos vocálicos, tal como os consonantais, podem perder a voz em sílaba final de enunciado, especialmente em estilo menos formal.” (BRAGGIO 1981, p.07). Além disso, é dito que

Griffiths admite como fonemas também /w/ e /y/. Consideramos, porém, que os segmentos [i] e [o] que a eles correspondem, têm sua assilabidade produzida pelo contexto, especificamente pela contiguidade a outros segmentos vocálicos. (BRAGGIO 1981, p.05)

Sobre os traços fonológicos, Braggio apresenta uma matriz fonológica e uma árvore esquemática com as possíveis classes naturais do kadiwéu. Com relação à estrutura silábica “que determina a estrutura dos morfemas da língua, os quais, por sua vez, constituem a estrutura nuclear verbal, ou seja, prefixos, sufixos e temas verbais” (BRAGGIO 1981, p.13), a autora comenta que seu estudo não é considerado completo e requer análises com dados mais amplos e que contemplem diversos estilos e velocidades de fala. Os tipos de sílabas encontrados por ela foram: V, VV, V:, CV, CV:, C:V, C:V:, CCV. Na análise dos Griffiths, há a ocorrência também de CCCV.

Na estrutura silábica verificam-se processos de assilabação, inserção de fronteira silábica, alongamento consonantal, supressão vocálica e cancelamento de fronteira silábica, restrições sequenciais, elisão vocálica, supressão de vogal após vogal tensa, ensurdecimento de sílaba final de enunciado e acento de intensidade. Para este último, diz-se que é imprevisível, sem nenhuma evidência de condicionamento fonológico. Para os outros processos, com exceção do alongamento consonantal, a autora postula regras para suas ocorrências.

A pesquisadora descreve regras morfofonêmicas como regra de assimilação vocálica progressiva, regra de assimilação regressiva, regra de síncope de vogal /i/, regra de aférese de /j/ e regra de aférese de consoante e vogal. Alguns desses processos são citados também no material de Griffiths (1976), mas sem uma explicação detalhada.

Os aspectos morfológicos da estrutura do núcleo verbal também são observados. A classificação dos temas verbais se divide em: prefixos subjetivos, prefixos objetivos, prefixos pluralizadores, sufixos pluralizadores e complementadores. Os temas verbais são classificados como transitivos ou intransitivos, variando de acordo com os alomorfes dos prefixos e sufixos que a eles se agregam. Cada uma dessas classes, transitiva e intransitiva, se subdivide em demais subclasses de acordo com o afixo e tema verbal. Além disso, demonstram-se processos para a ocorrência desses afixos e suas combinações.

Diferentemente dos trabalhos anteriores, Braggio explica e exemplifica questões linguísticas, enquadrando o kadiwéu em padrões gerativistas.

#### 4.4 Sandalo (1995)

A “Gramática da língua kadiwéu”, elaborada por Sandalo (1995), apresenta uma descrição da língua e um dicionário kadiwéu-inglês-português num último apêndice. Os dados foram coletados na aldeia entre 1993 e 1995 e comparados com os estudos anteriores de Griffiths e Braggio. O trabalho está dividido em capítulos que contemplam a fonologia da língua, a descrição da morfologia verbal e nominal da língua, e a morfossintaxe da língua, incluindo ordem dos constituintes e tipos de sentenças, sistema pronominal, verbos seriais, transitividade e valência.

Sobre a fonologia, a pesquisadora constata que existem variações fonológicas refletindo a estratificação social existente entre os kadiwéu. Diante disso, ela diferencia a língua kadiwéu em nobre e não nobre, sendo o kadiwéu nobre aquele falado apenas pelas mulheres nobres e o kadiwéu não nobre falado pelo restante da sociedade, inclusive homens nobres.

De acordo com a linguista, os fonemas consonantais da língua incluem as consoantes longas, diferentemente da análise feita por Griffiths & Griffiths (1976) e Braggio (1981). Os fonemas consonantais e vocálicos da língua são:

	labial	dental	álveo-palatal	palatal	velar	pos-velar
<b>Oclusivas</b>	p	t	c		k	q
	b	d	j		g	G
	b:	d:			g:	
<b>Nasais</b>	m	n				
	m:	n:				
<b>Laterais</b>		l				
		l:				
<b>Aproximantes</b>	w			y		
	w:			y:		

Tabela 5: Fonemas consonantais (SANDALO 2011, p. 153)

	anterior		central		posterior	
	breve	longa	breve	longa	breve	longa
<b>alta</b>	i	i:				
<b>média</b>	e	e:			o	o:
<b>baixa</b>			a	a:		

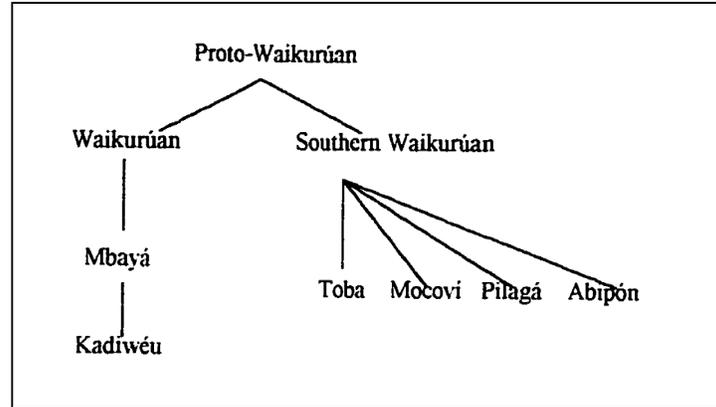
Tabela 6: Fonemas vocálicos (SANDALO 1995, p.15)

Uma das diferenças entre o kadiwéu nobre e o não nobre é observada na ocorrência das semivogais. Os fonemas de semivogais alongadas aparecem apenas no kadiwéu não nobre, conforme o exemplo da autora:

- (9)      ÁRVORE  
kadiwéu nobre: niyál:e  
kadiwéu não nobre: niy:ál:e

Nas explicações sobre processos fonológicos, Sandalo encontra outra diferença entre as falas nobre e não nobre. Mudanças diacrônicas são relacionadas entre o kadiwéu não nobre<sup>9</sup>, mocoví e toba (três línguas Guaicuru de dois troncos diferentes). Tal relação tem o propósito de apresentar uma reconstrução fonológica, pronominal e de demonstrativos do Proto-Guaicuru. Este trabalho foi realizado primeiramente por Ceria & Sandalo (1995), que relacionou as línguas Guaicuru da seguinte maneira:

<sup>9</sup> O trabalho de Sandalo (1995) é baseado no kadiwéu não nobre, contudo, há questões que relacionam ditongos e semivogais longas do kadiwéu nobre.



Quadro 1: Línguas Guaikuru (SANDALO 1995, p. 23)

Baseando-se na fonologia métrica, Sandalo considera que o kadiwéu nobre parece ser mais arcaico quando comparado com o kadiwéu não nobre. O kadiwéu nobre, ao contrário do kadiwéu não nobre, não aceita pés degenerados<sup>10</sup>. Os radicais com número ímpar de sílabas no kadiwéu não nobre reduplicam uma vogal (sendo ela alongada ou não), criando, assim, uma nova sílaba no kadiwéu nobre:

- (10) PANELA  
 kadiwéu não nobre: [nóole]  
 kadiwéu nobre: [no<sup>A</sup>o<sup>B</sup>o<sup>M</sup>le]

Outro contraste entre o kadiwéu nobre e o não nobre é o fato de que este último possui um sistema acentual diferente (SANDALO 1995, p. 39).

Sobre a morfologia verbal e nominal, a autora apresenta sua estrutura conforme os quadros apresentados nas tabelas 1 e 2 apresentadas anteriormente. Explica-se que, ao contrário da tendência das línguas de terem as marcas de pessoa e número em posição mais periférica, no kadiwéu, modo e aspecto são marcados precedendo sujeito e objeto. Modo e algumas marcas de aspecto são classificados como

<sup>10</sup> *A foot formed by a single syllable is called a degenerate foot.* (Um pé formado por uma sílaba simples é chamado de pé degenerado) (SANDALO 1995, p. 32)

proclíticos ou podem aparecer como palavras independentes. Não há marcação de tempo em kadiwéu, contudo, o aspecto marca a duração ou o tipo de atividade temporal do verbo. Segundo Sandalo, existem sete marcas de aspecto na língua: completivo/incompletivo/durativo, télico/atélico, repetitivo e intensivo. Quanto ao modo, existem o condicional, o desiderativo e o imperativo/declarativo. Estes dois últimos modos são marcados da mesma forma e se diferenciam de acordo com o contexto.

A pesquisadora mostra três diferentes marcas de negação: um proclítico preso ao verbo, um morfema preso a um complementizador e outro morfema ocorrendo preso a sentenças imperativa ou condicional, combinando, assim, negação e modo. As duas primeiras marcas de negação também podem ocorrer juntas com o propósito de negar tanto a sentença principal quanto a subordinada de uma frase.

Quanto aos pronomes, a linguista mostra que o verbo é marcado por sujeito, objeto direto e objeto indireto. Diferentemente dos estudos realizados pelo casal Griffiths, Sandalo explica que sujeito e objeto direto são marcados como prefixos e o objeto indireto é marcado como enclítico, pois, ao contrário de outros sufixos da língua, o clítico pode apagar consoantes sonoras.

	<b>Sujeito</b>	<b>Objeto Direto</b>	<b>Enclíticos</b>
1sg	j-	i-	+ i
2sg	a-...-i	Ga-	+ Ga
3sg	y- ~ -w	∅	+ e
1pl	j- ... -Ga	Go-	+ Go
2pl	a- ... -i	Ga- ... -i	+ Ga ... i
3pl	y- ... Ga ~ o- y-	∅	+ e

Tabela 7: Pronomes (SANDALO 1997, p. 47)

Os verbos intransitivos são marcados com prefixos de sujeito e os verbos transitivos são marcados por prefixos de objeto (com exceção da terceira pessoa; quando o objeto é de terceira pessoa, o verbo é marcado por um prefixo de sujeito). (SANDALO 1995, p. 47). Ademais, é explicado sobre os condicionamentos dos alomorfes de prefixos e sufixos.

Pessoa e número não aparecem gramaticalizados juntos na língua. Existem prefixos para marcar pessoa e sufixos para marcar número, os quais variam conforme a transitividade dos verbos e seus sujeitos e objetos. Outras duas marcas opcionais podem aparecer na sentença marcando número, uma indicando a presença de um sujeito plural e a outra um participante na terceira pessoa do singular. A marcação de pessoa obedece a seguinte hierarquia:

1pl.OBJ > 2sg.pl.SUJ > 1sg.OBJ > 1sg/pl.SUJ > 3sg./pl.SUJ > 3sg./pl.OBJ

O trabalho também exemplifica o funcionamento dos pluralizadores de sujeito e objeto (enclíticos selecionados de acordo com a transitividade verbal), bem como o funcionamento de verbos auxiliares, os quais se flexionam em pessoa e número num padrão diferenciado envolvendo formas supletivas.

Adiante, explica-se sobre movimento e direção. Direção é marcada por prefixo ou enclítico e movimento é marcado por enclíticos derivacionais que mudam o significado da raiz verbal e antecedem à marcação de direção. Complementos e adjuntos são distinguidos na língua a partir de uma marcação pronominal no verbo.

Quanto à posse nas línguas Guaicuru, Sandalo divide os nomes em três classes:

Classe I, nomes que devem ser possuídos e não levam o prefixo *n-*;  
 Classe II, nomes que podem ser possuídos e levam o prefixo *n-*;  
 Classe III, nomes que nunca são possuídos, e se referem à fenômenos da natureza, por exemplo, tempestade, chuva e rio.<sup>11</sup> (SANDALO 1995, p. 40)

Os primeiros, que devem ser possuídos e não levam o prefixo *n-*, são marcados por outros prefixos possessivos, que se assemelham às marcas de objeto. Na segunda classe, nomes que podem ser possuídos, observa-se a marcação por meio da junção do possessivo mais: um classificador específico ou o prefixo *n-*. Esse possessivo antecedido do classificador ou do prefixo *n-* forma um outro item lexical que antecede o

---

<sup>11</sup> *Class I, nouns that must be possessed and do not take a prefix n-; Class II, nouns that can be possessed and take the prefix n-; Class III, nouns that are never possessed, and refer to things from nature, e.g. storm, rain and river.*

nome possuído. A linguista coloca que existem três classificadores para nomes: dois para animais domésticos (um para fêmea e outro para não fêmea) e outro, *neb:i*<sup>12</sup>, utilizado nos demais nomes. Os nomes que não são possuídos mudam seu significado se apresentarem um prefixo de posseção. Exemplo: *epenay* ‘lua’, *inepenay* ‘meu mês, o mês em que nasci’.

Os genitivos são construídos a partir da justaposição de nomes, não tendo uma ordem fixa para os nomes, porém, o nome que é possuído é marcado por um possessivo. A pesquisadora exemplifica:

(11) *Gonelegiwa liGeladi*  
 homem 3POSS-casa  
 ‘a casa do homem’

(12) *lakilo Maria*  
 3POSS-cabeça Maria  
 ‘a cabeça da Maria’.

Os nomes também possuem outras cinco subclasses de classificadores sufixados ao nome, podendo indicar animais ou plantas e instrumentos, como, por exemplo, ‘fogão’. Observa-se, ainda, a ocorrência de sufixo ocorrendo com verbos nominalizados com o prefixo *n-* para indicar o autor da ação.

Há também sufixos para formar um nome a partir de outro nome, um sufixo para formas derivacionais e outro sufixo com a função de nominalizador (comprar-NOM : mercado).

Para o diminutivo, há um sufixo para o gênero masculino e outro para o gênero feminino. Para marcar número, a língua dispõe de cinco sufixos, um para objetos com formas alongadas, como ‘facas’ e os outros para os demais nomes, os quais são selecionados de acordo com o item lexical, sem um padrão definido.

---

<sup>12</sup> Sandalo comenta a possibilidade do prefixo *n-* ser uma forma reduzida do classificador *neb:i*.

Os demonstrativos formam um sistema complexo nas línguas Guaicuru, fato não comum quando comparado com as línguas do mundo. Eles podem carregar indicação de gênero, número, ausência/presença e posição (estático/em movimento).

Ao apresentar a morfossintaxe da língua, a pesquisadora mostra que a ordem dos constituintes da oração principal pode variar além do que havia sido observado por Griffiths. Seus dados demonstram que podem existir sentenças com ordens SVO, SOV, VOS, VSO, OVS, OSV. Exemplos de Sandalo (2002, p. 30) para a frase ‘Maria viu um tucano’ ilustram as ordens:

(13) SVO Maria n:adi Gatodi.  
*Maria y-na:d Gatodi*  
 Maria 3erg-ver tucano  
 ‘Maria viu um tucano’

(14) VOS n:adi Gatodi Maria  
*y-na:d tucano Maria*

(15) SOV Maria Gatodi n:adi  
*Maria tucano y-na:d*

(16) OSV Gatodi Maria n:adi  
*tucano Maria y-na:d*

(17) OVS Gatodi n:adi Maria  
*Gatodi y-na:d Maria*

(18) VSO n:adi Maria Gatodi  
*y-na:d Maria Gatodi*

Em seguida, mostram-se possíveis processos e formações de sentenças de acordo com a transitividade (transitiva e intransitiva). A autora exemplifica a existência de sentenças: reflexivas (marcada com morfema); passivas (só as transitivas sofrem passivização, sem um morfema exclusivo; forma-se a passiva utilizando a mesma marcação de sujeito das cláusulas inacusativas); ditransitivas (marcadas por enclíticos que indicam objeto indireto); copulares; existenciais; locativas.

Nas orações copulares, o complemento é uma frase nominal. A assertiva de que o kadiwéu não possui adjetivos e que estes corresponderiam a nomes ou verbos intransitivos (SANDALO 1995, p. 71) já foi refutada pela mesma pesquisadora. Outros tipos de construções de orações também são explicados, como por exemplo, as adverbiais, relativas, comparativas, coordenadas, interrogativas.

Os complementos, objetos das orações transitivas, são introduzidos com um complementizador não preso e, geralmente, o sujeito da oração subordinada aparece antes desse complementizador. Isso demonstra que os constituintes da oração não são completamente livres nas diversas ordens que o kadiwéu possui (SVO, VOS, SOV, OSV, OVS, VSO).

A linguista mostra as funções e construções semânticas com clíticos e afixos para as possíveis marcações de tema, dativo, benefativo, adesivo, alativo e meta, os quais correspondem a argumentos na língua. Ela também expõe os testes realizados com elementos sintáticos (passivização, comportamento das perguntas *qu-*, correferência, anáfora, ausência de quantificadores, recursividade), que comprovam que o kadiwéu é uma língua de argumento pronominal, pois tanto afixos quanto clíticos funcionam como argumentos na língua e suas justificativas não conseguem ser reduzidas a princípios isoladamente sintáticos ou analisados apenas no nível fonológico.

Sobre os verbos seriais a autora conclui, a partir da observação do comportamento de advérbios e relativização, que o kadiwéu não possui preposições e que os sintagmas preposicionais que aparecem nos trabalhos de Griffiths na verdade são estruturas biclausais. Sandalo (1995, p. 107) sugere que a ideia de que os verbos seriais estejam associados a línguas de morfologia verbal menos complexa seja revisto, pois, o kadiwéu apresenta construções dessa natureza e é uma língua polissintética. Algumas confirmações de que tais estruturas estão presentes nessa língua são os argumentos compartilhados, a implicação de que uma marcação de negação pode negar toda a frase

e o fato de que as ações expressas pelos verbos seriais são simultâneas. Os exemplos no estudo de Sandalo (1995) sugerem que os verbos seriais podem ser utilizados para inserir argumentos nas sentenças. Segue um exemplo:

- (19) Maria      yel:wadi      oqoqo:di      yatita      lod:a:jo  
*Maria      y-el:wad      oqoqo:di      y-ati-t+e-wa      l-od:ajo*  
 Maria 3sg.SUJ-matar    galinha 3sg.SUJ-pegar-rel+3sg.CL-dativo 3POSS-faca  
 ‘Maria matou a galinha com sua faca’  
 Sentido literal: ‘Maria matou a galinha pegando a galinha com sua faca’

(SANDALO 1995, p. 101)

Por fim, a pesquisadora trata de categorias lexicais que variam de acordo com a valência da raiz e transitividade.

Após explanar sobre características linguísticas do kadiwéu registradas por esses pesquisadores, considera-se importante para esta pesquisa, abordar mais detalhadamente a questão do gênero gramatical existente na língua, visando esclarecer e comprovar a distinção entre gênero gramatical e as falas feminina e masculina nesta língua, as quais se diferenciam de acordo com o sexo do falante.

#### 4.5 Gênero na língua kadiwéu

Ao se tratar de gênero, faz-se necessária a distinção entre gênero natural (sexo) e gênero gramatical. Apesar de muitas línguas apresentarem concordância de gênero coincidindo com a distinção macho/fêmea, homem/mulher, não significa que isso seja fator determinante para classificação do gênero gramatical em masculino ou feminino. Borges (1997, p.32) comenta que

pode-se entender o gênero natural como uma distinção biológica existente entre machos e fêmeas, que se opõe ao gênero gramatical, uma categoria de subdivisão dos nomes. Nas línguas indo-européias os substantivos dividem-se em masculinos e femininos, como nas línguas românicas, entre as quais o Português e o Francês, ou em masculinos, femininos e neutros, como no Latim e no Inglês.

Além disso, as possibilidades do gênero gramatical se apresentar nas línguas do mundo podem variar bastante. De acordo com classificações inerentes a cada língua, o gênero em algumas delas “é fundamental e difundido, enquanto que em outras ele é totalmente ausente”<sup>13</sup> (CORBETT 1991, p.01).

Para Hockett’s (1958, p.231 *apud* CORBETT 1991, p.01) “gêneros são classes nominais que se refletem no comportamento de palavras associadas”<sup>14</sup>. Segundo Dubois et alii (1973, p.302), o gênero é uma categoria gramatical em que os nomes se subdividem em classes a partir de uma ou mais propriedades formais como referência pronominal, afixos nominais, concordância do adjetivo ou concordância verbal.

Corbett (1991, p.106) também afirma que o gênero pode se realizar por meio de adjetivos, demonstrativos, artigos, numerais, advérbios, possessivos, participípios, verbos, pronomes pessoais, pronomes relativos, adposições e/ou complementizadores.

Apesar do gênero gramatical geralmente estar associado ao sexo, muitos sistemas linguísticos fazem com que esta categoria se manifeste a partir de outros fatores. De la Grasserie (1898, p. 614-15 *apud* CORBETT 1991, p.30), por exemplo, traz oito possibilidades de padrões de distinção de gênero associadas ao critério semântico, os quais podem se distinguir em: animado/inanimado, racional/ não racional, humano/não humano, forte/fraco, aumentativo/diminutivo, macho/outro, masculino/feminino/sem sexo, humano macho/outros. Algumas línguas também apresentam gênero para líquidos, coletivos e abstratos. A combinação desses critérios também pode ocorrer em outras línguas.

Assim, Corbett (1991, p. 30 e p. 05) exalta que “um critério que é o principal fator para definir todo o gênero de uma língua pode ser um fator contribuinte em outra”<sup>15</sup>. Apesar do mais comum entre as línguas é aparecer gênero masculino, gênero feminino e neutro, esta quantidade de três gêneros não é limitada: quatro também é comum e vinte é possível.

No português, Câmara Jr. (2004, p. 152) propõe que o gênero dos nomes seja estabelecido de acordo com a determinação do artigo que antecede o nome. A seleção, bem como a flexão do artigo, foi chamada de princípio fundamental da

---

<sup>13</sup> *In some languages is central and pervasive, while in others it is totally absent.*

<sup>14</sup> *Genders are classes of nouns reflected in the behavior of associated words.*

<sup>15</sup> *A criterion which is the main defining factor for a complete gender in one language may be one contributory factor in another.*

morfologia de gênero por este autor. Segundo Bechara (2003, p. 131), “são masculinos os nomes a que se pode antepor o artigo ‘o’, são femininos os nomes a que se pode antepor o artigo ‘a’”. Nesse sentido, Neves (2002) complementa que:

[...] os estóicos compreenderam a operação de concordância em gênero, e perceberam a falta de correspondência entre gênero e sexo, apontando como função do artigo indicar o gênero e o número do nome. (NEVES 2002, p. 40)

Exemplo dessa questão é o substantivo ‘molecada’, que apresenta gênero gramatical feminino, ‘a molecada’. Este substantivo é formado a partir de ‘moleque’, que, por sua vez, pertence ao gênero masculino, ‘o moleque’. O radical ‘molek’ acrescido do sufixo nominal –ada, que carrega o significado de porção/multidão/grupo, e da vogal temática –a ao radical ‘molek’, forma ‘molecada’. Isso comprova que a natureza do gênero acaba sendo puramente gramatical, pois não considera o seu referente no mundo, ou seja, o seu gênero natural.

Também em português se encontra a discussão acerca da forma de agradecimento ‘obrigado’ falada por homens e ‘obrigada’ falada por mulheres. A flexão no feminino ocorre pelo fato de se tratar de um verbo no particípio, ou seja, a mulher tem a mesma intenção de dizer que está ‘muito agradecida’ por um favor que alguém lhe fez. Assim, por razões etimológicas, a flexão é legítima. Por outro lado, se o agradecimento for classificado como interjeição, não haverá flexão, admitindo-se, então, que tanto homens quanto mulheres possam utilizar a forma ‘obrigado’.

De acordo com Borges (1997, p.29), “é comum as pessoas interpretarem o fenômeno da diferenciação entre as falas feminina e masculina como sendo o gênero gramatical”. A seguir serão apresentadas as possíveis marcações de gênero na língua kadiwéu, de acordo com estudos de Griffiths & Griffiths (1976), Griffiths (2002) e Sandalo (1995), analisando e comparando essa propriedade com as diferenças de fala masculina e feminina na língua.

Uma das possibilidades de marcação de gênero é na formação de diminutivos na língua. Sandalo (1995, p. 59) diz que o “kadiwéu possui dois sufixos de

diminutivos que carregam gênero: *-nig:i* ‘diminutivo masculino’ e *-na* ‘diminutivo feminino’,<sup>16</sup> e exemplifica:

(20) *nig:a:nig:i*  
*n-ig:a:-nig:i*  
 alienável-criança-dim.masc  
 ‘menino’

(21) *nig:a:na*  
*n-ig:a:-na*  
 alienável-criança-dim.fem  
 ‘menina’

Além da diferença de gênero, os dados desta pesquisa mostram que tanto a palavra ‘menino’, quanto a palavra ‘menina’, também possuem diferença de fala masculina e feminina por meio de alongamento da raiz:

(22) MENINO  
 <nig**aa**nigi> fala feminina  
 <nig**a**nigi> fala masculina

(23) MENINA  
 <nig**aa**ana> fala feminina  
 <nig**a**ana> fala masculina

---

<sup>16</sup> *Kadiwéu has two diminutive suffixes that encode gender: -nig:i ‘masculine diminutive’ an -na ‘feminine diminutive’.*(SANDALO 1995, p.59)

Para Griffiths & Griffiths (1976, p.82),

Os substantivos são divididos em duas classes, a masculina e a feminina, à base do seu gênero. O gênero, não claramente marcado no substantivo, é indicado pelo demonstrativo, locativo ou adjetivo que lhe acompanha, pelo numeral 'um', ou pela forma diminutiva.

Os sufixos *-nigi* para masculino e *-na* para feminino são analisados no trabalho deles como marcações de adjetivo: *nodaajo libinienigi* 'faca bonita'<sup>17</sup>, *yotedi libiniēna* 'estrela bonita'. Os diminutivos são formados com sufixos com as mesmas terminações dos sufixos para adjetivo: *-awaanigi* para masculino e *-awaana* para feminino<sup>18</sup>, diferindo da análise de Sandalo que define para os diminutivos *-nig:i* para masculino e *-na* para feminino. Exemplos de Griffiths & Griffiths (1976, p.96):

(24) 'cachorro' - *necenigo*                      'cachorrinho' - *necenicawaanigi*

(25) 'semente' - *lolagi*                      'sementinha' - *lolagawaana*

Dentre as variações que podem ser observadas com o numeral 'um', há a diferenciação refletindo gênero; *-ni-* para masculino e *-na-* para feminino: *oniniteci Goneleegiwa* 'um homem', *onaniteci iwaalo* 'uma mulher'. Não foi constatada diferença de fala entre homens e mulheres kadiwéu com o numeral 'um', contudo, foram encontradas diferenças com outros numerais, como, por exemplo, o número 'cinco': *nigotini GobaGadi* na fala dos homens e *nootini GobaaGadi* na fala das mulheres<sup>19</sup>.

Os autores ainda afirmam que a formação de plural dos substantivos é dividida em classe genérica masculina e classe genérica feminina, que se subdividem em outras subclasses de acordo com os processos de flexão. Atenta-se para uma

<sup>17</sup> Na língua kadiwéu, 'faca' é um substantivo masculino.

<sup>18</sup> Existem também regras fonológicas que podem modificar a última sílaba da palavra.

<sup>19</sup> Será observado nas análises a presença do item lexical *GobaGadi / GobaaGadi*, respectivamente para fala masculina e feminina, significando 'mão'. A explicação dada para a relação dessa palavra com numerais a partir de cinco carrega a ideia de que a partir de cinco tem-se uma "mão cheia".

possível correlação semântica dentro das classes masculina e feminina em alguns desses processos. Exemplo: os plurais femininos terminados em *-tedi* parecem se tratar de palavras emprestadas do português e significam algum receptáculo (saco: *jaaco / jaacotedi*; copo: *goopa / goopatedi*)<sup>20</sup>, enquanto os plurais masculinos terminados em *-tedi* são substantivos animados mas não humanos (macaco: *eGiadi / eGiatedi*).

Além disso, trata-se dos locativos, que podem carregar marcação de gênero, *mi-* para masculino e *ma-* para feminino: *miditaGa akiidi* ‘lá no rio’, *manitaGa nigotaGa* ‘lá na cidade’. No dicionário, Griffiths ilustra o exemplo do “lá com”, no qual é observado que o gênero nos locativos está presente apenas nas formas singulares:

Exemplo: ‘lá com’

Forma masculina		Forma feminina	
singular	plural	singular	plural
<b>mi</b> -da-taGa	midoataGa	<b>ma</b> -da-taGa	midoataGa
<b>mi</b> -ni-taGa	miniwataGa	<b>ma</b> -ni-taGa	miniwataGa
<b>mi</b> -di-taGa	midiwataGa	<b>ma</b> -di-taGa	midiwataGa
<b>mi</b> -na-taGa	minoataGa	<b>ma</b> -na-taGa	minoataGa
<b>mi</b> -jo-taGa	mijoataGa	<b>ma</b> -jo-taGa	mijoataGa
<b>mi</b> -ca-taGa	micoataGa	<b>ma</b> -ca-taGa	micoataGa

Tabela 8: Diferença de gênero nos locativos (adaptado GRIFFITHS 2002, p.343)

A tabela acima mostra o comportamento dos locativos juntamente com os afixos de orientação e movimento da língua. Afirma-se que nos demonstrativos, estes afixos também estão presentes e a diferença de gênero se observa nas duas primeiras sílabas, *niGi-* para masculino e *naGa-* para feminino: *niGini Goneleegiwa* ‘esse homem (sentado)’, *naGani iwaalo* ‘essa mulher (sentada)’. Os afixos de direção e movimento são:

Forma do afixo	Significado
-da	vertical (pessoa em pé, árvore)
-ni	neutro (pessoa sentada, animal em pé)
-di	horizontal (pessoa deitada, rio, grama cortada)
-na	coisa vindo ou trazida
-jo	coisa indo ou levada
-ca	coisa não vista

Tabela 9: Afixos de orientação e movimento (GRIFFITHS 2002, p.342)

<sup>20</sup> Saco e copo são substantivos femininos na língua kadiwéu.

Ceria & Sandalo (1995 *apud* Sandalo 1995, p. 62) apresentam uma tabela com a comparação de demonstrativos de línguas Guaicuru, em que se coloca que a diferença de gênero está presente também apenas singular com o prefixo *i-*, para o masculino, e *a-* para o feminino:

Num	Gen	P-Wkr	Waikurúan		Southern	
			Kdw	Tb	McV	Abp
<b>Singular</b>						
	<i>absent</i>	*k:æ	i-ka	ka	ka	<ekaha>
	<i>standing</i>	*(e)-d:a	i-d:a	da	da	<heraha>
<b>M</b>	<i>sitting</i>	*(e)-n:i	i-n:i	ñi	ñi	<hiñiha>
<i>present</i>	<i>lying</i>	*(e)-d:i	i-d:i	ji	ji	<hiriha>
	<i>coming</i>	*(e)-n:a	i-n:a	na	na	<enaha>
	<i>going</i>	*(e)-d <sup>y</sup> u	i-jo	so	so	<chaha>
	<i>absent</i>	*a-k:æ	a-ka	a-ka	(a-)ka	<akaha>
	<i>standing</i>	*a-d:a	a-d:a	a-da	(a-)da	<haraha>
<b>F</b>	<i>sitting</i>	*a-n:i	a-n:i	a-ñi	(a-)ñi	<hañiha>
<i>present</i>	<i>lying</i>	*a-d:i	a-d:i	a-ji	(a-)ji	<hariha>
	<i>coming</i>	*a-n:a	a-n:a	a-na	(a-)na	<anaha>
	<i>going</i>	*a-d <sup>y</sup> u	a-jo	a-so	(a-)so	<ahaha>
<b>Plural</b>						
	<i>absent</i>	*k:æ-wa	i-d:i-wa	ka:-/ka-wa	ka-wa	?
	<i>standing</i>	*d:a-wa	i-d:i-wa	da:-/da-wa	da-wa	<herooha>
	<i>sitting</i>	*n:i-wa	i-d:i-wa	ñi:-/ñi-wa	ña-wa	?
<i>present</i>	<i>lying</i>	*d:i-wa	i-d:i-wa	ji:-/ji-wa	ja-wa	?
	<i>coming</i>	*n:a-wa	i-d:i-wa	na:-/na-wa	na-wa	<henooaha>
	<i>going</i>	*d <sup>y</sup> u-wa	i-d:i-wa	so:-/so-wa	sa-wa	?

Quadro 2: Demonstrativos (CERIA & SANDALO 1995 *apud* SANDALO 1995, p. 62)

Sandalo (1995, p. 63 e 70) exemplifica:

- (26)      in:a Gonel:e:giwa  
               *i-n:a Gonel:e:giwa*  
               masc-vindo homem  
               Esse homem vindo / Tem um homem vindo
- (27)      ijo Gonel:e:giwa  
               *i-jo Gonel:e:giwa*  
               masc-indo homem  
               Esse homem indo / Tem um homem indo

Nas análises feitas para a presente pesquisa, percebeu-se que os prefixos de demonstrativos não ocorrem apenas com esta marcação *i-*, para masculino, e *a-*, para feminino. Esta marcação de gênero é antecedida por *niG-* para gênero masculino e *naG-* para feminino, o que se assemelha à proposição de Griffiths colocada acima, em que os demonstrativos, então, seriam *niGi-* para gênero masculino e *naGa-* para o feminino. Esta formação também é vista nas apostilas de alfabetização utilizadas na escola indígena.

Em Griffiths (2002), os mesmos afixos de orientação e movimento ainda podem se fazer presentes em palavras interrogativas que também possuem diferença de gênero. Para ‘o que?’ ou ‘quem é?’, o kadiwéu possui a forma *ami-* para o gênero masculino e *ama-* para o gênero feminino. Outras palavras interrogativas também são citadas em Griffiths (1976), algumas com diferença de gênero e outras sem. Uma dessas palavras interrogativas é ‘o que mais?’ que, em kadiwéu, os autores registram como *amaaleGini*. Não há para esta última palavra diferença de gênero, mas as conclusões deste trabalho mostram que existe diferença na fala do homem e da mulher, além da grafia também não corresponder exatamente com a forma registrada por Griffiths.

Outro ponto é que no dicionário existe uma outra grafia para o item ‘o que mais?’ (*amaaleeGica* para homens e *ameeGica* para mulheres) a qual foi refutada pelos

colaboradores desta pesquisa. De acordo com a investigação desta pesquisa, este item lexical tem a sua forma na fala dos homens como *amaleeGini* e na das mulheres, *ameeGini*:

- (28) O QUE MAIS VOCÊ QUER?  
 <ameeGini anemani?> (fala feminina)  
 <amaleeGini anemani> (fala masculina)

Griffiths & Griffiths (1976) trazem uma tabela de pronomes pessoais que ocorrem como formas livres funcionando como sujeito de maneira facultativa, pois o sujeito pronominal também é indicado por meio de afixos, principalmente presos aos verbos. Nessa tabela existe a diferença de gênero para a terceira pessoa do singular, a qual não se comprovou nesta pesquisa.

<b>Pessoa</b>	<b>Singular</b>	<b>Dual</b>	<b>Plural</b>
1 <sup>a</sup>	ee	okomodi	oko
2 <sup>a</sup>	akaami		akaamitiwaji
3 <sup>a</sup> (masc)	ijoa		niGiditiogi
(fem)	ajoa		niGiditiogi

Tabela 10: Pronomes pessoais (GRIFFITHS & GRIFFITHS 1976, p. 73)

Por outro lado, não são contempladas as diferenças de fala de homens e mulheres que existem para as 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas do singular. Os resultados desta pesquisa atestam que, para o pronome pessoal ‘eu’, mulheres falam *eyo*, enquanto homens utilizam a forma *ee*. Para ‘você’, mulheres dizem *aami* e homens, *akaami*. Exemplos:

- (29) EU VOU EMBORA<sup>21</sup>.  
 <eyo jajoi> (fala feminina)  
 <ee jajopi> (fala masculina)

- (30) VOCÊ ESTÁ BEM?  
 <aami ele?> (fala feminina)  
 <akami ele?> (fala masculina)

Nos exemplos de Sandalo (1995), essas as diferenças de fala entre homens e mulheres também não são mencionadas ou observadas nos exemplos, talvez pelo mesmo motivo afirmado por Griffiths (1976, p.31) de que as descrições e análises feitas não são influenciadas pela diferença de fala. Contudo, a autora registra tal diferença num apêndice classificando-as como diferença de fala entre kadiwéu nobre e não nobre.

Outra diferença de gênero pode ser encontrada em pronomes possessivos de forma livre. Griffiths (1976) os classifica como pronomes possessivos da série animada, enquanto Sandalo (1995) os encaixa como classificadores usados para animais domésticos possuídos. A linguista propõe a forma *wiGadi* para a classe de animais não fêmeas e *wiqate* para a classe de fêmeas. Griffiths traz o seguinte quadro, apresentando também as formas plurais, que são iguais para ambos os gêneros:

	<b>Singular</b>	<b>Plural</b>
<b>masculino</b>	-wiGadi	-wikatedi
<b>feminino</b>	-wikate	-wikatedi

Tabela 11: Raízes dos pronomes possessivos da série animada (GRIFFITHS & GRIFFITHS 1976, p. 75)

<sup>21</sup> Neste exemplo também há diferença de fala feminina e masculina no verbo -oi para mulher e -jopi para homem.

Essas formas são livres em relação ao objeto que é possuído, todavia, são presas aos prefixos de pronomes possessivos que indicam o possuidor, como pode ser comprovado de acordo com o quadro abaixo.

Possuidor	Forma que precede C	Forma que precede V
meu / minha	i-	y-
seu / sua	Ga-	Gad-
dele / dela	li-	l-
nosso / nossa	Go-	God-
seu / sua (plural)	Ga-	Gad-
deles / delas	li-	l-
possuidor desconhecido	ni- ; #	n-

Tabela 12: Pronomes Possessivos (GRIFFITHS 1976, p.337)

Assim, os autores trazem sentenças que mostram o uso do possessivo de acordo com o gênero do objeto possuído. A seguir, os três primeiros exemplos foram retirados de Griffiths & Griffiths (1976, p. 75) e os dois outros de Sandalo (1995, p.57):

(31) *jelicaGa liwiGadi nigidagiwaGa*

comemos **dele** porco

‘Comemos o porco dele.’

(32) *Goneleegiwa nigodi iwikatedi necexodi*

homem matou **meus** cachorros

‘O homem matou os meus cachorros.’

(33) *Gowikate apolicaGanaGa wacipe ninioGodi*

nossa égua toma água

‘A nossa égua está tomando água.’

(34) *liwiGadi*    *apolikGanGa*  
 l-wiGadi    apolokGanGa  
 3POSS-animal não fêmea    cavalo  
 ‘Cavalo **dele**’

(35) *liwiqate*    *apolikGanGa*  
 l-wiqate    apolokGanGa  
 3POSS-animal fêmea    cavalo  
 ‘Égua **dele**’

No segundo e terceiro exemplos, dados por Griffiths & Griffiths, comprova-se que foi contemplada em seu trabalho a fala dos colaboradores homens, pois a palavra ‘homem’ e o verbo ‘tomar’ possuem diferença de fala feminina e masculina:

‘**Goneleegiwa**’ - substantivo masculino ‘homem’, pronunciado apenas pelos homens.

‘**aaginaGa**’ - substantivo masculino ‘homem’, pronunciado apenas pelas mulheres.

‘**-acipe**’ - verbo ‘tomar’, pronunciado apenas pelos homens.

‘**-aaka**’ - verbo ‘tomar’, pronunciado apenas pelas mulheres.

Na fala da mulher, percebe-se que o gênero não se altera. Apenas os itens lexicais acima são trocados, sem outras modificações linguísticas:

(36) *aaginaGa*    *nigodi*    *iwikatedi*    *necexodi*  
 homem    matou    **meus**    cachorros  
 ‘O homem matou os meus cachorros.’

- (37) *Gowikate* *apolicaGanaGa* *waaka* *ninioGodi*  
 nossa égua toma água  
 ‘A nossa égua está tomando água.’

A partir dessas explanações, conclui-se que a diferença de fala masculina e feminina e o gênero gramatical são fenômenos linguísticos distintos na língua kadiwéu. O fato de o gênero gramatical da palavra não mudar em relação à alternância nas falas do homem e da mulher, comprovam que a língua kadiwéu possui variação de fala de acordo com o sexo do falante.

#### 4.6 Considerações

Diante dessas explanações sobre a língua kadiwéu, observa-se a complexidade de uma língua polissintética e algumas posições linguísticas diferentes entre os autores. Um exemplo é Sandalo contemplar como fonemas as consoantes longas no kadiwéu, enquanto Griffiths e Braggio as consideram como resultado de processos fonológicos.

A diferença de fala entre nobres e não nobres, comprovada nos trabalhos de Sandalo, está baseada em diferenças prosódicas e, mesmo que um item lexical apresentado por ela esteja presente nos resultados deste trabalho, não significa a exclusão de uma análise ou de outra. Um item lexical que possui diferença de fala entre homens e mulheres também pode vir a apresentar outras variações que estejam relacionadas à estratificação social desse povo. A constatação da diferença de fala entre homens e mulheres dessa etnia, independentemente da hierarquia social, é comprovada nesta pesquisa pelo fato de que foram selecionados colaboradores homens e mulheres, jovens e adultos, tanto nobres quanto cativos. Além disso, conforme dito, as investigações foram realizadas separadamente com cada um dos colaboradores, o que reforça a existência desse fenômeno, excluindo a possibilidade de um cativo ser submetido à opinião de um nobre em algum momento.

Outra observação é o registro de algumas diferenças de fala masculina e feminina no dicionário dos Griffiths e a afirmação, em seu outro trabalho, de que tais diferenças não afetam a estrutura e comportamento da língua, utilizando, assim, apenas exemplos com a fala do homem.

Além disso, a estrutura e funcionamento da língua kadiwéu a partir dos estudos registrados mostram e discutem sobre o gênero gramatical, mas apenas citam em poucos momentos a diferença de fala entre homens e mulheres. Em nenhuma glosa ou tradução tal fato é observado e o que se apresenta nos dados, na maioria das vezes, é apenas a fala masculina. Tais escolhas acabam por deixar este fenômeno da diferenciação de fala de acordo com sexo sem a devida apreciação linguística, o que justifica a importância de um registro sobre a fala do homem e a fala da mulher kadiwéu.

Depois de mostrar elementos socioculturais desse povo, exemplos de línguas que também diferenciam falas de homem e de mulher, o funcionamento da língua indígena em questão e do seu gênero gramatical, bem como a importância de um registro voltado para a descrição de fala masculina e fala feminina no kadiwéu, são apresentados no próximo capítulo os resultados da pesquisa.

## CAPÍTULO 5

### APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo reúne os dados obtidos através das entrevistas realizadas a partir de levantamento lexical, expressões orais e narrativas curtas tendo como base inicial material sobre a língua kadiwéu, tal como gramática (SANDALO, 1995), dicionário bilíngue (GRIFFITHS, 2002) e cartilhas (JOSÉ DA SILVA *et alli*, 2005).

#### 5.1 Considerações iniciais

Para a investigação sobre a diferença de fala masculina e feminina no kadiwéu, foram analisados os materiais já existentes sobre a língua, como o “Dicionário da Língua Kadiwéu” (Griffiths, 2002), “A grammar of kadiwéu” (Sandaló, 1995) e cartilhas utilizadas nas escolas kadiwéu. No dicionário de Griffiths (2002) existem considerações iniciais para a interpretação dos itens lexicais e suas informações adicionais. Uma das considerações diz respeito à diferença entre a fala do homem e a fala da mulher. Havendo essa diferença, a informação aparece no verbete escrita em itálico, entre parênteses: (*fala do homem*) e (*fala da mulher*). Quando a fala do homem vem registrada como entrada, a informação entre parênteses (*fala do homem*) não é colocada. Sabe-se que existe a variação, pois logo abaixo vem registrada a variação (*fala da mulher*). A informação (*fala da mulher*) é colocada sempre, independente de ser a entrada ou não.

Nota-se que quando a variação é lexical o item é registrado duas vezes neste dicionário, cada uma respeitando, na entrada, a sequência da ordem das letras que representam os sons das palavras na fala do homem e na fala da mulher, como pode ser observado no exemplo abaixo:

- (38) **aaginaGa** (*fala da mulher*)  
**Goneleegiwa** (*fala do homem*)  
*subst masc*  
 ‘homem’  
 (GRIFFITHS 2002, p. 05)

- (39) **Goneleegiwa**  
**aaginaGa** (*fala da mulher*)  
*subst masc*  
 ‘homem’  
 (GRIFFITHS 2002, p. 62)

Um exemplo de variação lexical que é registrado apenas uma vez é o verbo ‘beber/tomar’. Apesar de haver a variação, só a forma da fala do homem (*acipe*) é registrada como entrada. A forma da fala da mulher (*aaka*) só aparece abaixo da forma da fala do homem, não sendo registrada como entrada.

No caso de palavras com variação provocadas por alongamento ou duplicação de vogais, registra-se apenas a fala do homem como entrada. A fala da mulher, com o alongamento ou duplicação de vogal, vem logo abaixo da forma da fala do homem.

Para algumas palavras registradas no dicionário foram encontradas, nas entrevistas, algumas diferenças, como é o caso, por exemplo, de ‘o que mais?’. Para esta interrogativa existe no dicionário o registro de *ameeGica* para a fala da mulher e *amaleeGica* para a fala do homem, ambas não confirmadas e ditas inexistentes pelos colaboradores. Para ‘o que mais?’ os colaboradores apresentaram *ameeGini* para a fala da mulher e *amaleeGini* para a fala do homem. Quando há dúvida é necessário observá-la e dar continuidade ao trabalho; isso costuma acontecer, mas com o progresso do estudo tendem a diminuir as ocorrências dessa natureza. Esses desvios não são apenas necessários; costumam ser convenientes e desejáveis também (KIBRIK, 1977).

Foram encontradas também variações que não estão registradas no dicionário. Um exemplo é o verbo ‘terminar’ que apresenta no dicionário apenas a forma *igodi*, sem variação. Nas entrevistas foi confirmada a existência de variação para este verbo, sendo *igodi* para a fala do homem e *ioodi* para a fala da mulher. Atentou-se para este caso, visto que existe a forma *iodi*, registrada no dicionário como ‘pai’ em ambas as falas, contudo, foi confirmada a diferença. Existe a forma *iodi* para ‘pai’, sem variação de fala masculina ou feminina, e para o verbo ‘terminar’ existem as formas *igodi* e *ioodi* na fala do homem e para a fala da mulher, respectivamente.

As divergências que foram verificadas entre o dicionário de Griffiths (2002) e o presente trabalho podem ser justificadas pelo fato de o dicionário conter dados que foram coletados durante um longo período, desde 1968. Por este motivo, não se descarta a possibilidade de ter havido processos de mudança ou variação na língua.

Durante o trabalho, procurou-se fazer o levantamento de palavras em kadiwéu que apresentassem diferença de fala feminina e masculina tomando cuidado para que o fenômeno não fosse confundido com diferença de gênero gramatical. No dicionário, quando existe a diferença de gênero, a observação é feita entre parênteses e itálico (*forma fem*) ou (*forma masc*):

- (40)      **GoniiGaxinoGodi**  
             *subst masc*  
             1 ‘nosso professor’  
             2 ‘nosso mestre’  
             GoniiGaxinoGodo (*forma fem*)  
             (GRIFFITHS 2002, p. 62)

Os resultados finais mostraram que as diferenças de fala aparecem em níveis fonético, fonológico e lexical. As hipóteses levantadas acerca dos níveis linguísticos do fenômeno de diferenciação de fala foram feitas a partir de informações contidas nos estudos realizados por Sandalo.

Não há nenhuma evidência de que tais diferenças estejam relacionadas com a classe gramatical das palavras, portanto elas não foram separadas em pronomes,

verbos, adjetivos, substantivos. Apenas os numerais foram dispostos separadamente para demonstrar que nem todos possuem diferença.

No geral, os resultados estão agrupados em alongamento ou duplicação de vogais (níveis fonético e fonológico) e diferenças lexicais (nível lexical). O alongamento e duplicação de vogais foram dispostos juntos por motivos de ser extremamente necessário um conhecimento avançado sobre o funcionamento da língua kadiwéu para poder, com segurança, separá-los em um ou outro nível. E não é objetivo da pesquisa detalhar esses processos fonéticos ou fonológicos.

Para apresentar os resultados, a diferença entre as falas foi colocada em negrito e a disposição dos dados foi feita da seguinte maneira: primeiro a tradução em português, depois a fala masculina (f.m.) e sua transcrição ortográfica e abaixo a fala feminina (f.f.) e sua transcrição ortográfica. A disposição ficou como a seguir:

#### TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS

f.m. <palavra kadiwéu>

f.f. <palavra kadiwéu>

Exemplo:

- (41) VOCÊ  
 f.m. <**akami**>  
 f.f. <**aami**>

Pelo fato de existir variação na escrita do kadiwéu, tanto entre os entrevistados, quanto nos materiais consultados, optou-se, nesse trabalho, por adotar a forma escrita mais recorrente. O kadiwéu ainda não possui um sistema ortográfico definido, assim, justificam-se essas variações. Um exemplo dessa dificuldade foi a palavra ‘tamanduá’ em kadiwéu, que claramente possui diferença entre a fala do homem e a fala da mulher, mas há divergências quanto à sua escrita. Encontraram-se as seguintes formas ortográficas para a palavra ‘tamanduá’:

FALA DA MULHER	FALA DO HOMEM
bioni	bitioni
biioni	betione
biyone	betioni
biione	bitione

Tabela 13: Variação na escrita kadiwéu

Comparando-se as ocorrências escritas, dos materiais e dos colaboradores, as gravações dos questionários, bem como as checagens de dados, adotaram-se neste trabalho a forma *biione* para a fala da mulher e *bitione* para a fala do homem. Vale mencionar que no dicionário existe apenas o registro da palavra *bitioni*, sem observação acerca da distinção da fala do homem e da mulher.

Todos os resultados da presente pesquisa estão escritos com letras minúsculas, inclusive as iniciais. Por estarem aqui dispostos ortograficamente, deve-se atentar para a letra “G”, escrita em maiúscula. Ela é a representação para os sons uvulares, plosiva /G/ ou fricativa /ɣ/, e foi escrita em maiúscula para ser diferenciada da letra “g”, representação do som velar /g/. Para a escrita dos sons uvulares em kadiwéu, os indígenas adotaram o que eles chamam de “G cortado”, ou seja, a letra G escrita sempre em maiúscula com um risco cortando a sua lateral esquerda. O Anexo 5 também ilustra esse detalhe.

Algumas palavras apresentam mais de um processo de variação linguística, como ocorre no exemplo a seguir, no qual existe primeiro um rebaixamento de /i/ na fala masculina para /e/ na fala feminina; depois o alongamento ou duplicação de vogal, de <e> na fala masculina para <ee> na fala feminina:

- (42) ESTAR (NUM LUGAR)  
 f.m. <-iGetigi>  
 f.f. <-eGeetigi>

Conforme justificado anteriormente, observa-se nesse mesmo exemplo que, por se tratarem de formas presas, os verbos estão marcados com um hífen inicial.

É provável que existam outras palavras em kadiwéu que apresentem variação entre a fala da mulher e a fala do homem, visto que a pesquisa foi realizada por uma não falante da língua kadiwéu. A falta de metodologia específica para pesquisas de variação de fala dessa natureza também dificulta o processo de obtenção de *corpus*. Assim, julga-se de extrema importância o trabalho de campo, a observação e a convivência na aldeia, bem como o interesse dos indígenas sobre o assunto.

## **5.2 Alongamento e duplicação de vogal**

Conforme registrado por Griffiths, Braggio e Sandalo, as quatro vogais [a, e, i, o] existentes no kadiwéu possuem sua forma alongada [a:, e:, i:, o:]. Na presente pesquisa confirmou-se que uma das diferenças linguísticas entre a fala da mulher e a fala do homem em kadiwéu é observada por meio de alongamento das vogais ocorrendo da seguinte maneira: quando há a diferença de fala, as palavras que possuem as vogais alongadas correspondem sempre à fala das mulheres. Contudo, por esta ocorrência não demonstrar nenhum condicionamento ou motivação interna, ela se classifica dentro do nível fonético.

Outra diferença entre as falas masculina e feminina é a duplicação de vogal na fala feminina. Nevins & Sandalo (2010) explicam que quando um radical na fala masculina possui um número ímpar de sílabas, a mulher duplica uma vogal, formando mais uma sílaba e um radical com número par de sílabas. Havendo este condicionamento, as diferenças estão inseridas em nível fonológico.

Essas diferenças fonéticas ou fonológicas partem do princípio de que a fala feminina precisa ter um número par de sílabas no radical da palavra. Quando a fala masculina apresenta uma palavra já com número par de sílabas, então a mulher apenas alonga uma vogal, marcando a diferença da fala feminina em nível fonético. A diferença em nível fonológico acontece quando existe um condicionamento ou motivação interna partindo de palavras da fala masculina que apresentam um número ímpar de sílabas no

seu radical. Ocorrendo isso, a mulher duplica uma vogal, formando mais uma sílaba para que a palavra tenha sempre um número par de sílabas no radical. Essas hipóteses podem ser testadas com um aprofundamento sobre as questões fonético fonológicas da língua.

Os resultados encontrados de ambas as diferenças de fala, com alongamento e duplicação, foram dispostos de maneira conjunta, visto que, por não se ter um conhecimento suficiente para demarcar a morfologia dessa língua polissintética, no tocante a todos os itens lexicais e seus radicais, torna-se difícil separar um fenômeno do outro. Outro motivo é que, apesar de serem fenômenos distintos, as diferenças de fala com alongamento e duplicação de vogal são representadas da mesma forma na ortografia kadiwéu: <V> na fala masculina e <VV> na fala feminina.

Contudo, o fato de o alongamento ou a duplicação de vogais aparecerem em algumas palavras na fala feminina marcando a distinção com a fala do homem não significa que esse alongamento ou duplicação seja exclusivo da fala feminina, visto que não são apenas as mulheres que apresentam a forma <VV> em kadiwéu. Observa-se essa forma em muitas outras palavras nessa língua, sem que haja a distinção de uma fala para outra. Seguem exemplos de palavras usadas tanto por homens quanto por mulheres:

- |      |              |                        |
|------|--------------|------------------------|
| (43) | <naamipi>    | ‘antepassados’         |
| (44) | <eneewigigi> | ‘mandioca              |
| (45) | <-iwiiigi>   | ‘cortar algo com faca’ |
| (46) | <enoona>     | ‘armadilha, cilada’    |

Em outros casos em que a fala da mulher e a fala do homem diferem, observa-se que a repetição das vogais pode estar presente tanto na fala feminina quanto na masculina, entretanto, este não é o fator que distingue uma fala da outra. Isso sustenta que o alongamento ou duplicação não são específicos da fala das mulheres, tampouco que ocorre na fala dos homens somente quando, concomitantemente, se faz

presente na fala das mulheres. Um exemplo é o item lexical ‘homem’ em kadiwéu, em que na fala feminina é *aaginaGa* e na fala masculina é *Goneleegiwa*.

Assim, tanto alongamento quanto duplicação de vogais podem estar presentes nas falas masculina e feminina ao se referirem a uma mesma palavra, mas, nesse caso, não há diferença entre as falas ou, então, a diferença é lexical.

Vale comentar que, conforme apresentado na tabela de fonemas consonantais de Sandalo (2011), o kadiwéu não possui apenas vogais alongadas; ele também possui fonemas consonantais alongados. Todavia, a diferença entre fala masculina e feminina neste trabalho não levou em consideração esses fonemas consonantais alongados. Tal investigação exige um estudo fonético e fonológico minucioso com programas específicos. Além disso, o alongamento de consoante não é tão perceptível aos ouvidos quanto o alongamento de vogais.

Na escrita esse fenômeno também não aparece, ou seja, não é representado. Por esses motivos, esta pesquisa não contemplou questões relacionadas ao alongamento de consoantes. Diante disso, se a fala feminina possui diferenças relacionadas ao alongamento de vogais, sugere-se que pesquisas posteriores verifiquem a possibilidade de o kadiwéu também apresentar diferença de fala levando em consideração o alongamento de consoantes.

Além das diferenças com alongamento ou duplicação, diferenças lexicais e diferenças nos numerais, também discorre-se sobre o resultado obtido por meio de narrativa para verificar o uso da fala feminina pelos homens e vice-versa. E, por fim, há um diálogo que ilustra a interação da comunicação kadiwéu com a diferença de fala entre homens e mulheres.

### 5.2.1 Alongamento ou duplicação de <a>

- (47) QUE BOM!  
 f.m. <apaGalatoGo>  
 f.f. <aapaGalatoGo>

- (48) TRABALHO, SERVIÇO  
f.m. <nib**a**kedidi>  
f.f. <niba**a**kedidi>
- (49) PEGAR (ALGUM OBJETO)  
f.m. <-ib**a**te>  
f.f. <-iba**a**te>
- (50) SENTIR FALTA  
f.m. <-i**a**di>  
f.f. <-ia**a**di>
- (51) FIQUE AI<sup>22</sup>  
f.m. <id**i**aGonite>  
f.f. <id**i**aaGoonite>
- (52) VER  
f.m. <-n**a**di>  
f.f. <-na**a**di>
- (53) CAMINHO  
f.m. <n**a**igi>  
f.f. <na**a**igi>
- (54) FLORESTA  
f.m. <n**i**aligi>  
f.f. <n**i**aaligi>
- (55) MENINA  
f.m. <n**i**gana>  
f.f. <n**i**ga**a**na>

---

<sup>22</sup> Percebe-se nessa palavra o alongamento ou dulpicação tanto da vogal <a> quanto da vogal <o>.

(56) MENINO  
 f.m. <niganigi>  
 f.f. <nigaanigi>

(57) MÃO  
 f.m. <nibaGadi>  
 f.f. <nibaaGadi>

### 5.2.2 Alongamento ou duplicação de <e>

(58) NOVO / NOVA  
 f.m. <gela>  
 f.f. <geela>

(59) FRIO / FRIA  
 f.m. <diwete>  
 f.f. <diweete>

(60) VESTIMENTA (ROUPA USADA ANTIGAMENTE)  
 f.m. <wedi>  
 f.f. <weedi>

(61) MENTIR, INVENTAR (PARA PREJUDICAR ALGUÉM)  
 f.m. <-iGeka>  
 f.f. <-iGeeka>

(62) MORAR  
 f.m. <-iGelade>  
 f.f. <-iGeelade>

- (63) HONRAR  
f.m. <iweniGide>  
f.f. <iweeniGide>
- (64) É PRECISO QUE, É NECESSÁRIO QUE  
f.m. <leditibige>  
f.f. <leeditibige>
- (65) LUGAR ONDE SE SENTA OU DEITA  
f.m. <nimedi>  
f.f. <nimeedi>
- (66) LONGE  
f.m. <legita>  
f.f. <leegita>
- (67) CÉU, LUGAR MUITO ALTO  
f.m. <legitibigimece>  
f.f. <leegitibigimece>
- (68) NO FUNDO  
f.m. <legitinece>  
f.f. <leegitinece>
- (69) PORQUE, POR CAUSA DE  
f.m. <leGodi>  
f.f. <leegodi>
- (70) ÉPOCA  
f.m. <limedi>  
f.f. <limeedi>

(71) COMIDA  
 f.m. <niwenigi>  
 f.f. <niweenigi>

(72) BRINCO  
 f.m. <nigegi>  
 f.f. <nigeeegi>

(73) CALÇADO  
 f.m. <niweladi>  
 f.f. <niweeladi>

(74) VENTRE  
 f.m. <ye>  
 f.f. <yee>

(75) OLHO  
 f.m. <nigecoGe>  
 f.f. <nigecoGee>

(76) MEU TIO  
 f.m. <inexodi>  
 f.f. <ineexodi>

Em ‘serviço dele’ e ‘consertar’ existe um outro processo ocorrendo: a inserção da semivogal ou consoante aproximante /w/ na fala feminina:

(77) SERVIÇO DELE  
 f.m. <loenatagi>  
 f.f. <loweenatagi>

- (78) CONSERTAR, ARRUMAR  
 f.m. <-oeni>  
 f.f. <-oweeni>

Além do alongamento ou duplicação, observa-se na primeira sílaba das próximas cinco ocorrências ('lençol', 'residência', 'está lá', 'está aqui', 'eu estou') o rebaixamento de /i/ na fala masculina, para /e/ na fala feminina. Este rebaixamento aparece apenas em palavras em que a primeira sílaba da fala feminina é formada por uma consoante mais a vogal [e] e a segunda sílaba contém uma uvular /G/ ou /ɣ/ e a vogal [e] que será alongada na fala feminina. Tal observação sugere um condicionamento fonológico:

- (79) LENÇOL  
 f.m. <liGelate>  
 f.f. <leGeelate>
- (80) RESIDÊNCIA, CASA  
 f.m. <niGeladi>  
 f.f. <neGeeladi>
- (81) ESTÁ LÁ  
 f.m. <diGeticogi>  
 f.f. <deGeeticogi>
- (82) ESTÁ AQUI  
 f.m. <diGetigi>  
 f.f. <deGeetigi>
- (83) EU ESTOU (NUM LUGAR)  
 f.m. <jiGetigi>  
 f.f. <jeGeetigi>

### 5.2.3 Alongamento ou duplicação de <i>

- (84)      ÁRVORE  
             f.m. <niale>  
             f.f. <niiale>
- (85)      SERIA, TERIA  
             f.m. <daGawini>  
             f.f. <daGawiiini>
- (86)      DORMIR  
             f.m. <-iote>  
             f.f. <-iiote>
- (87)      MANDAR  
             f.m. <-iGe>  
             f.f. <-iiGe>
- (88)      TERRA, PLANETA, MUNDO  
             f.m. <iGo>  
             f.f. <iiGo>
- (89)      ENXERGAR, VER  
             f.m. <-iwi>  
             f.f. <-iwii>
- (90)      VOCÊ JÁ VAI?<sup>23</sup>  
             f.m. <akami neGemi?>  
             f.f. <aami neGemii?>

---

<sup>23</sup> A variação no pronome pessoal, f.f. *aami* / f.m. *akami* , será apresentada adiante.

- (91) IGUAL, COMO  
 f.m. <liciagi>  
 f.f. <liiciagi>
- (92) DOCE, MUITO GOSTOSO  
 f.m. <lidi>  
 f.f. <liidi>

#### 5.2.4 Alongamento ou duplicação de <o>

- (93) SER SUFICIENTE, BASTAR  
 f.m. <-abo>  
 f.f. <-aboo>
- (94) COMER  
 f.m. <-aniodi>  
 f.f. <-anioodi>
- (95) COPO  
 f.m. <gopa>  
 f.f. <goopa>
- (96) EVITADO  
 f.m. <noitice>  
 f.f. <nooitice>
- (97) FILHA  
 f.m. <niona>  
 f.f. <nioona>

- (98) FILHO  
f.m. <nionigi>  
f.f. <nioonigi>
- (99) IRMÃO  
f.m. <ninio~~o~~xa>  
f.f. <ninio~~oo~~xa>
- (100) ACORDAR  
f.m. <-idiwodi>  
f.f. <-idiwoodi>
- (101) PRESENTE  
f.m. <niboniGi>  
f.f. <nibooniGi>
- (102) NOME  
f.m. <nibonaGadi>  
f.f. <niboonaGadi>
- (103) PANELA  
f.m. <nole>  
f.f. <noole>
- (104) CABELO  
f.m. <lamodi>  
f.f. <lamoodi>
- (105) FIQUE AI<sup>24</sup>  
f.m. <idiaGonite>  
f.f. <idiaaGoonite>

---

<sup>24</sup> Conforme dito anteriormente, esta palavra possui alongamento de <a> e de <o>.

### 5.3 Variação lexical

Foram encontradas nos dados diferenças lexicais entre a fala da mulher e a fala do homem. Em algumas palavras, para o mesmo referente, a mulher usa uma palavra que difere completamente da forma utilizada pelos homens. Em outros casos, as palavras parecem ser semelhantes, mas, pelo fato de o radical carregar a distinção entre uma fala e outra, sugere-se que sejam palavras distintas.

- (106)      **HOMEM**  
               f.m. <**Goneleegiwa**>  
               f.f. <**aaginaGa**>
- (107)      **BEBER**  
               f.m. <**-acipe**>  
               f.f. <**-aaka**>
- (109)      **TARDE**  
               f.m. <**Gocidi**>  
               f.f. <**awii**>
- (110)      **MATAR**  
               f.m. <**-eloadi**>  
               f.f. <**-eemadi**>
- (111)      **MORRER**  
               f.m. <**-ideleo**>  
               f.f. <**-idee**>
- (112)      **TIRAR**  
               f.m. <**-noGa**>  
               f.f. <**-noGowaa**>

- (113) SENHOR  
f.m. <niotagodi>  
f.f. <niwaagodi>
- (114) SENHORA  
f.m. <niotagodo>  
f.f. <niwaagodo>
- (115) CONTAR  
f.m. <-atemati>  
f.f. <-eemati>
- (116) HISTÓRIA  
f.m. <natematiko>  
f.f. <neematiko>
- (117) CONTAR HISTÓRIA OU MENSAGEM, ELE CONTA  
f.m. <datematika>  
f.f. <deematika>
- (118) NOTÍCIA  
f.m. <nibodigi>  
f.f. <nibiigi>
- (119) NOSSA NOTÍCIA  
f.m. <Gobodigi>  
f.f. <Gobiigi>
- (120) FLECHA  
f.m. <nopitena>  
f.f. <niitena>

(121) ENCERRAR, TERMINAR  
 f.m. <-nigotini>  
 f.f. <-nootini>

(122) TERMINAR  
 f.m. <-igodi>  
 f.f. <-ioodi>

Percebe-se que esses dois últimos dados carregam o significado de ‘terminar’. A primeira forma *nigotini* (f.m.) / *nootini* (f.f.) coincide com o numeral 5 (cinco) em kadiwéu. Semanticamente, a primeira forma de ‘encerrar’ e o número 5 se assemelham, carregando o sentido de que algo se encerrou, pois o número 5 encerra uma mão. A segunda forma, *-igodi* (f.m.)/*-ioodi* (f.f.), foi utilizada em circunstâncias de, por exemplo, dizer que terminou de apresentar uma palestra. Apesar da diferença não ficar exatamente explicitada, a hipótese é de que haja relação com aspecto, visto que a primeira é usada em circunstâncias em que algo foi encerrado há algum tempo e sugere que não haverá continuidade, como um jogo de futebol encerrado, enquanto a segunda forma tende a ser utilizada em situações que aconteceram há pouco tempo ou que talvez possam ter continuidade, como terminar uma aula ou terminar de apresentar uma palestra.

(123) SEGUIR ALGUÉM  
 f.m. <-ioteci>  
 f.f. <-ooteci>

(124) CHEGAR (ATÉ UM DESTINO ESPECÍFICO)  
 f.m. <-icotá>  
 f.f. <-ootá>

(125) SE PODIA, SE TIVER, SE FOR  
 f.m. <daGaleeGaGa>  
 f.f. <deGeeGaGa>

- (126) DAI, AGORA COMEÇOU  
 f.m. <na**Galee**ka>  
 f.f. <ne**Geeka**>
- (127) NÃO HÁ MAIS, NUNCA MAIS  
 f.m. <a**Galee**Gica>  
 f.f. <a**Gee**Gica>
- (128) O QUE MAIS?  
 f.m. <amale**e**Gini>  
 f.f. <ame**e**Gini>
- (129) AINDA NÃO  
 f.m. <ana**leeda**Ga>  
 f.f. <ane**eda**Ga>
- (130) IR EMBORA  
 f.m. <-**opi**>  
 f.f. <-**oi**>
- (131) VOCÊ  
 f.m. <**akami**>  
 f.f. <**aami**>
- (132) EU  
 f.m. <**ee**>  
 f.f. <**eyo**>

A seguir serão mostrados paradigmas contendo alguns dos itens lexicais apresentados acima, ilustrando e comprovando como foram verificadas as diferenças entre as falas feminina e masculina. Estes paradigmas comprovam que as diferenças são lexicais, visto que a diferença está presente no radical das palavras. Ou seja, mesmo

alterando as frases com flexões e formas verbais, a variação sempre se mantém da mesma forma.

Frases contendo a palavra ‘homem’ e frases com a palavra ‘mulher’ mostram a recorrência da diferença entre palavra ‘homem’ utilizada pelos homens e a palavra ‘homem’ falada pelas mulheres:

- (133) ESTE **HOMEM** DORME.  
 f.m. <niGini **Goneleegiwa** diote>  
 f.f. <niGini **aaginaGa** diiote>

- (134) ESTA **MULHER** DORME.  
 f.m. <naGani **iwalo** diote>  
 f.f. <naGani **iwalo** diiote>

Com o verbo ‘tomar’ foram testados paradigmas como a seguir:

- (135) EU **BEBO**  
 f.m. <**jacipe**>  
 f.f. <**jaaka**>
- (136) **TOME** ESTE REMÉDIO  
 f.m. <**acipeta** niGida niwetadi>  
 f.f. <**aakata** niGida niwetadi>
- (137) **BEBA** TUDO  
 f.m. <**acipeta** idatawece>  
 f.f. <**aakata** idatawece>

Para a palavra ‘tarde’, não apenas no questionário escrito, mas principalmente estando na aldeia, constata-se a todo momento o cumprimento e despedida:

(138) BOA TARDE  
f.m. <ele **Gocidi**>  
f.f. <ele **awii**>

(139) ATÉ MAIS TARDE  
f.m. <nati **Gocidi**>  
f.f. <nati **awii**>

Para o verbo matar, tem-se os exemplos a seguir:

(140) Eu **matei** a onça.  
f.m. <**jeloadi** nigediogo>  
f.f. <**jeemadi** nigediogo>

Na apostila de alfabetização há um registro com a diferença de fala com o verbo ‘matar’ (Anexo 5):

(141) O cervo bravo **mata** pessoas.  
f.m. <naGana oticaGanigo me diojo **Godeloadi**>  
f.f. <naGana oticaGanigo me diojo **Godeemadi**>

#### 5.4 Numerais

Os numerais em kadiwéu também possuem diferença nas falas feminina e masculina. Na contagem até dez foram verificados processos de alongamento de vogal na fala feminina a partir do número 5 e variação lexical nos números 5 e 10. A ordem segue o padrão anterior, primeiro a fala da mulher, depois a fala do homem.

(142)	UM (1)	
	f.m./f.f.	<unidadece>
(143)	DOIS (2)	
	f.m./f.f.	<itoatale>
(144)	TRÊS (3)	
	f.m./f.f.	<itoatadiGida>
(145)	QUATRO (4)	
	f.m./f.f.	<cuatolo>
(146)	CINCO (5)	
	f.m.	<nigotini GobaGadi>
	f.f.	<nootini GobaaGadi>
(147)	SEIS (6)	
	f.m.	<dibatío GobaGadi>
	f.f.	<dibaatio GobaaGadi>
(148)	SETE (7)	
	f.m.	<itoatale dibatio GobaGadi>
	f.f.	<itoatale dibaatio GobaaGadi>

- (149) OITO (8)  
 f.m. <itoatadiGida dibatio GobaGadi>  
 f.f. <itoatadiGida dibaatio GobaaGadi>
- (150) NOVE (9)  
 f.m. <unidadece daGa niGotedini GobaGatedi>  
 f.f. <unidadece daGa niGotedini GobaaGatedi>
- (151) DEZ (10)  
 f.m. <nigotedi GobaGatedi>  
 f.f. <noogotedi GobaaGatedi>

Vale observar que o número 4 é um empréstimo da língua portuguesa e que o número 5 é um composto: *nootini* (f.f.) / *nigotini* (f.m.) significa ‘terminado, encerrado’ e *nibaaGadi* (f.f.) / *nibaGadi* (f.m.) significa ‘mão’. Assim, tem-se o sentido de “terminou uma mão”. A partir do número 5 a raiz da palavra ‘mão’ continua aparecendo.

### 5.5 Narrativa

Durante a segunda entrevista realizada em campo, foi solicitado aos colaboradores que contassem uma pequena narrativa. O assunto foi escolhido previamente: Festa da Moça. Na língua kadiwéu este nome possui diferença de fala entre homem e mulher; eles falam *ganakigi* e elas dizem *ganaakigi*. O intuito nesse momento foi tentar fazer perguntas e observar como eles contariam episódios no discurso direto estando no lugar do outro, ou seja, como a mulher contaria algo no discurso direto reproduzindo a fala de homem e como o homem reproduziria a fala de uma mulher.

O resultado mostrou que ambos, homens e mulheres, continuam utilizando sua língua, mesmo reproduzindo a fala de uma pessoa ou de um personagem do sexo

oposto. Um dos colaboradores do sexo masculino, ao ser indagado sobre a questão de que se caso uma personagem de uma história fosse mulher o natural seria que se falasse como mulher, não gostou e não aceitou a colocação, dizendo que “isso jamais acontece na língua kadiwéu. Homem nunca pode falar como mulher, de jeito nenhum”.

## 5.6 Diálogo

A seguir, a fim de ilustrar o fenômeno da variação de fala, tem-se um exemplo de diálogo entre um homem e uma mulher montado com os colaboradores, em que se visualiza a diferença entre fala masculina e fala feminina ocorrendo na interação entre homem e mulher kadiwéu.

- (152)       HOMEM   Boa tarde!  
                                  ele **Gocidi!**
- (153)       MULHER   Boa **tarde!**  
                                  ele **awii!**
- (154)       HOMEM   Tudo bem?  
                                  **akami** ele?
- (155)       MULHER   Tudo bem e **você?**  
                                  **eyomoda** ele baGa **aami?**
- (156)       HOMEM   Tudo bem também. A senhora conhece aquele **homem?**  
                                  **eemoda** eledi ele. niotagodo icoa mowoGoti ijoa **Gonelegiwa?**
- (157)       MULHER   Sim, eu conheço. Aquele homem é meu marido.  
                                  jowoGodi. niGijoa **aaginaGa** yodawa.

- (158)      HOMEM    Ele vai tomar injeção?  
                  igo dinojogo?
- (159)      MULHER    Não. **Eu** vou tomar injeção.<sup>25</sup>  
                  oGoa. **eyo** ejogo idinojogo.
- (160)      HOMEM    **Você** também precisa de remédio.  
                  **akami** eledi opotigi madiniwetadeni.
- (161)      MULHER    **Eu** compro o remédio para **tomar**. Tenho **dez** reais.  
                  **eyo** jinojetetigi niwetatiidi me **jaakata**. odi **noogotedi GobaGatedi**.
- (162)      HOMEM    **Dez** reais paga tudo. Tome **cinco** vezes ao dia.  
                  **nigotedi GobaGatedi** yedia idiwatabece. acipeta **nigotini GobaGadi** noko.
- (163)      MULHER    Certo. **Tomarei** o remédio **cinco** vezes ao dia.  
                  ele. **jaakata** iwetadi **nootini GobaGadi** noko.
- (164)      HOMEM    Agora a senhora pode **ir embora**.  
                  natigide iniotagodo já yakadi **mopili**.
- (165)      MULHER    Obrigada, senhor. **Vou embora** e amanhã eu volto.  
                  banaGa adiwikodeni iniotagodi. **jajoi** natinigoi oada idoitio.
- (166)      HOMEM    Até amanhã!  
                  natinigoi!

---

<sup>25</sup> Nesse caso o homem não usa o verbo *-acipe* para ‘tomar’, pois *-aaka* (f.f.) e *-acipe* (f.m.) são usados no sentido de ‘tomar/beber’ quando se coloca algo dentro da boca.

## CONCLUSÕES

Sánchez Labrador (1910, vol. 2, p. 114-115 *apud* SANDALO 2011, p. 149) já havia notado e registrado sobre a diversidade linguística entre os Mbayá:

Deu-nos bastante trabalho entender os significados da nossa intérprete, a qual já era um pouco menos bárbara que os demais. Um dos maiores cuidados consistiu em que nos dissesse as palavras que os homens usam para muitas coisas, e são distintas das que as mulheres usam. Como ela era a intérprete, nos dizia os vocábulos que eram familiares ao seu sexo. Falávamos com estas palavras com os homens, e estes com graça nos perguntavam se nós éramos mulheres: e ao mesmo tempo corrigiam a fala e punham a que eles usavam.<sup>26</sup>

Com esta pesquisa, verifica-se que tal fenômeno ainda existe na língua kadiwéu, abrangendo palavras de diferentes classes gramaticais, como, por exemplo, substantivos, verbos, adjetivos, pronomes e numerais. Essas diferenças também podem aparecer em níveis linguísticos distintos: fonético, por meio de alongamento de vogais; fonológico, com a duplicação de vogal; e variação lexical. A duplicação de vogal na fala feminina é motivada para que o radical da palavra possua um número par de sílabas. O alongamento vocálico marcando variação na fala feminina não possui, aparentemente, nenhum condicionamento interno ou motivação que o justifique.

Constata-se que a diferenciação de fala na língua kadiwéu se insere dentro de um processo de aprendizado cultural que se relaciona com o comportamento de toda a sociedade kadiwéu. Assim como existe uma fala de mulher e uma fala de homem, existem atividades e modos específicos de se portar para cada um deles e essas diferenças são tradicionalmente repassadas de pais para filhos.

Essa diferença entre fala masculina e fala feminina também está presente em outras línguas do mundo. A descrição presente neste trabalho vem incluir o kadiwéu nas

---

<sup>26</sup> *Costó increíble trabajo hacer entender los significados á la intérprete, que estaba ya poco menos bárbara que los mismos infieles. Uno de los mayores cuidados consistió em que nos diese las palabras com que hablan em muchas cosas los hombres, y son distintas de las que usan las mujeres. Como lo era la intérprete, nos decía los vocablos que á las de su sexo eran familiares. Hablábamos com tales palabras á los hombres, y éstos com gracia nos preguntaban si nosotros éramos mujeres: y al mismo tiempo corregían la voz y ponían la que ellos usaban.*

línguas que possuem tal característica, mostrando um fenômeno que até então parecia ficar escondido nos trabalhos sobre os kadiwéu ou até mesmo não era contemplado. Exemplo disso é o trabalho de Griffiths (1976), em que o autor apenas justifica no início de seu trabalho a escolha de apresentar apenas a fala masculina pelo fato de que essas diferenças de fala não afetam a estrutura e comportamento da língua. Realmente elas não influenciam, aparentemente, na morfossintaxe da língua, visto que as diferenças encontradas aqui são lexicais ou, então, estão presentes no radical das palavras. Relatado o fato ao iniciar seu trabalho, Griffiths (1976) não tece nenhum outro comentário acerca desse fenômeno. Assim, ele deixa a curiosidade sobre o que seria e como ocorre a diferença de fala entre homem e mulher kadiwéu.

Outro ponto a ser observado é o fato de que muitas palavras registradas no dicionário de Griffiths & Griffiths (2002), que apresentam a distinção entre a fala da mulher e a fala do homem não foram confirmadas na presente pesquisa. Outras várias palavras também apresentaram grafias diferentes. Além disso, existem registros no dicionário que não mencionam diferença de fala masculina e fala feminina, mas a pesquisa confirma a existência da distinção.

Diante disso, em concordância com Rodrigues (1993, p. 05), cabe dizer que

desde que se tenham algumas descrições de línguas, aparecerão espíritos curiosos bastante para dedicar-se a comparar essas descrições e daí tirar conclusões, classificando as línguas como relacionadas umas com as outras ou como pertencentes a tipos semelhantes num ou noutro particular, e para fazer deduções de ordem mais profunda, no âmbito da linguística geral e no campo das questões antropológicas. Por outro lado, se é lícito falar em responsabilidade de uma comunidade com respeito à investigação científica na região em que vive essa comunidade, então os linguistas brasileiros têm aí uma responsabilidade enorme, que é não deixar que se percam para sempre cento e tantos documentos sobre a linguagem humana.

É relevante também o fato de que os resultados aqui dispostos comprovam que estas diferenças de fala não estão relacionadas à estratificação social desse povo, pois colaboradores nobres e cativos participaram da pesquisa. Todavia, um item lexical que possui diferença de fala entre homens e mulheres, também pode vir a apresentar outras diferenças que estejam relacionadas à essa hierarquização, conforme os estudos

de Sandalo, os quais apresentam diferentes dialetos prosódicos entre kadiwéu nobre e não nobre.

Ademais, este trabalho confirma que esse comportamento da língua não é uma questão de gênero gramatical, pois as flexões de gênero não variam de acordo com a fala do homem ou a fala da mulher. Homens e mulheres, sejam crianças ou adultos, interagem cada qual fazendo uso do léxico específico de acordo com seu sexo. Em concordância com Basílio (2009, p. 09)

o léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação [...]. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo as unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados.

Pode-se dizer, então, que os kadiwéu conseguem estabelecer a interação na comunicação mesmo com uma parte do seu léxico sendo diferenciado. Existe léxico específico para mulheres e léxico específico para homens. Cada falante, de acordo com seu sexo, faz o uso do seu léxico específico, mas também tem competência para reconhecer o léxico da pessoa do sexo oposto.

Por fim, e o mais importante para os kadiwéu, há a contribuição no que diz respeito à educação escolar indígena. Para Seki (2000, p. 245), “a importância do estudo de línguas indígenas pode ser colocada sob dois aspectos fundamentais: o científico e o social.” Nesse sentido, esta pesquisa vem contribuir para que um traço tão peculiar da língua kadiwéu não deixe de ser incluído em materiais didáticos para os alunos. Além disso, deve existir a reflexão sobre este fenômeno nos cursos de formação de professores indígenas, visto que a diferença de fala já é enfatizada pelos professores em sala de aula. Rosa (2010, p. 46), sobre educação escolar indígena, afirma que “os problemas principais estão relacionados à escassez de pesquisas científicas sobre a língua indígena”.

Esta descrição, no entanto, não esgota o assunto sobre diferença de fala feminina e fala masculina no kadiwéu. A partir do que foi pesquisado, descrito e registrado, abrem-se outras possibilidades de investigações acerca dessa distinção de fala.

## REFERÊNCIAS

- ABBI, Anvita. *A manual of linguistic fieldwork and structures of Indian languages*. München: Lincom Europa, 2001.
- ADAM, L.; HENRY, V. *Arte e vocabulário de la lengua Chiquita con algunos textos traducidos y explicados compuestos sobre manuscritos inéditos del XVIIIº siglo*. Bibliothèque Lingüistique Américaine, t. 6. Maisonneuve & Cia Libreros: Paris, 1880.
- ALVES, S. C. O. *Diferenciação sexual na linguagem: o uso de estrutura de modalização na fala feminina*. In: Moara-Estudos da língua em uso. Belém-PA: UFPA, n 1, mar./set, 1993, p. 01-25.
- BASÍLIO, M. *Formação de classes de palavras no português do Brasil*. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. revista e ampliada. Editora Lucerna. Rio de Janeiro, 2003.
- BOGGIANI, G. *Os caduveo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, exemplar nº 105, 1945.
- BOLINGER, D. L. *Reference and inference: Inceptiveness in the Spanish preterite*. Hispania, 46, 1963, p. 128-135.
- BORGES, M. V. *As falas feminina e masculina no Karajá*. – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística)
- \_\_\_\_\_. *O estudo sobre as línguas Karajá e Avá-Canoeiro: duas experiências distintas*. In: ALVES-BEZERRA, W.; SIGNORI, M. B. D. (Orgs.). *Letras em Jornadas*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2009, p. 249-276.
- BORGSTROM, C. (1954): Review Lehmann 1952 (=1959). NTS 18,558-562.
- BRAGGIO, S. L. B. *Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu*. Campinas, Brazil: UNICAMP. M.A.thesis, 1981.
- BUTLER, C. S. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Part 1: approaches to the simple clause. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2003.
- CAMARA Jr., J. M. *Considerações sobre o gênero em português*. In: *Dispersos*. Nova edição revista e ampliada. Editora Lucerna. Rio de Janeiro, 2004.

- CERIA, V.; SANDALO, F. *Preliminary Reconstruction of Proto-Waikurúan with Special Reference to Pronominals and Demonstratives*. *Anthropological Linguistics* 37, 1995.
- CHAO, Y. R. *The logical structure of Chinese words*. *Language* 22, 1946, p. 4-13.
- CORBETT, G. *Gender*. Cambridge textbooks in Linguistics. Cambridge, 1991.
- COULTHARD, M. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1991.
- DIK, S. C. *Functional Grammar*. Dordrecht –Holland / Cinnaminson- EUA: Foris Publications, 1978.
- \_\_\_\_\_. *The theory of functional Grammar*. Dordrecht-Holland / Providence RI - USA, Foris Publications, 1989.
- DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. *Word: a cross-linguistic typology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. xiii+290.
- DOPP, R. R. *Pedagogia kadiwéu e a formação da criança - olhares de mulheres adultas kadiwéu*. Campo Grande: UCDB, 2009. Dissertação (Mestrado)
- DRUDE, S. *Fala masculina e fala feminina em awetí. Línguas indígenas brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da Anpoll. Belém: UFPA, 2002, p. 177-190.
- DUBOIS, J. et alii. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FAUST, N. W. *Grammatica cocama: lecciones para el aprendizaje del idioma cocama*. Summer Institute of Linguistics, 1972.
- FURFEY, P. H. *Men's and women's language*. *American Catholic Sociological Review* 5, 1944, p. 218-223.
- GARVIN, P. L. *Delimitation of syntactic units*. *Language* 30 - 3, 1954, p. 345-348.
- GIVÓN, T. *Syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2 vols, 2001.
- GRAY, L. *Foundations of language*. New York, 1939.
- GRAZIATO, V. P. P. O universo feminino na cerâmica kadiwéu. In: JOSÉ DA SILVA, G. (Org.) . *Kadiwéu: Senhoras da Arte, Senhores da Guerra*. 1. ed. Curitiba: CRV, v. 1, 2011.
- GRIFFITHS, G. *Dicionário da Língua Kadiwéu. Kadiwéu-Português. Português-Kadiwéu*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística (SIL), 2002.

\_\_\_\_\_ ; GRIFFITHS C. *Aspectos da língua Kadiwéu*. (Série Linguística 6) Brasília, Brazil: Summer Institute of Linguistics, 1976.

HAAS, M. Men's and women's speech in Koasati. In: HYMES, D. (ed.) *Language in culture and society: A reader in linguistics and anthropology*. New York: Harper & Row, 1964, p. 228-233.

HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 2ª ed, 1994.

\_\_\_\_\_. *Explorations in the Functions of Language*. London: Edward Arnold, 1973.

HUNT, R. J. *Mataco Grammar*. Tucumán: Instituto de Antropología, 1940.

IDE, R.; TERADA, T. *The historical origins of Japanese women's speech: From the secluded worlds of 'court ladies' and 'play ladies.'* International Journal of the Sociology of Language, 1998, p. 139-156.

JESPERSEN, O. *Language. Its nature, development and origin*. New York: The Norton Library, W.W. Norton and Company, 1921.

JOSÉ DA SILVA, G. *A construção física, social e simbólica da Reserva Indígena Kadiwéu (1899-1984): memória, identidade e história*. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Dourados, Dourados, 2004. Dissertação (Mestrado em História)

\_\_\_\_\_ ; SOUZA, J. L. de. *O Curso de Formação de Professores Kadiwéu e Kinikinau: limites e avanços de uma experiência pedagógica intercultural*. In: Anais do 15º Congresso de Leitura do Brasil/ VI ELESÍ Encontro sobre Leitura e Escrita em Sociedades Indígenas: Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_ (Org.) ; SOUZA, J. L. de (Org.); SANTOS, K. de M. L. (Org.) ; GRAZIATO, V. P. P. (Org.) ; AZEVEDO, V. de S. (Org.) . *Dinatitalo okomaga gobagatedi: Construído pelas nossas próprias mãos - Livro de Alfabetização*. 2. ed. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, v. 1, 2005.

\_\_\_\_\_ (Org.) ; SOUZA, J. L. de (Org.) ; SANTOS, K. de M. L. (Org.) ; GRAZIATO, V. P. P. (Org.) ; AZEVEDO, V. de S. (Org.) . *Dinatitalo okomaga gobagatedi: Construído pelas nossas próprias mãos - Livro de Neoalfabetização*. 2. ed. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, v. 1, 2005.

\_\_\_\_\_ ; LACERDA, L. T. *A educação escolar indígena em perspectiva histórica: os Kadiwéu e a pedagogia da violência (segunda metade do século XX)*. In: Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação: Curitiba, 2004.

KIBRIK, A. E. *The methodology of field investigations in linguistics. Setting up the problem*. The Hague, Paris: Mouton, 1977.

LA GRASSERIE, R. de. *La categorie psychologique de la classification revelde par le langage*. Revue philosophique de la France et de l'dtranger, 1989, p. 594-624.

LECZNIESKI, L. K. Política feita em casa: a dimensão doméstica da política entre os kadiwéu. In: JOSÉ DA SILVA, G. (Org.). *Kadiwéu: Senhoras da Arte, Senhores da Guerra*. 1. ed. Curitiba: CRV, v. 1, 2011.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LYONS, J. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

MALINOWSKI, B. *The Problems of Meaning in Primitive Languages*. Supplement to Odgen & Richards, 4<sup>th</sup> ed, 1966.

MÉTRAUX, A. Ethnography of the Chaco. In: *Handbook of South American Indians*. ed. by J.H. Steward. Washington: Government Printing Office (bulletin 143, Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution), v. 1, 1945, p. 197-310.

\_\_\_\_\_. *Etnografia del chaco*. Asunción: El Lector, 1996.

MILEWSKI, T. *The conception of the Word in languages of North American natives*. Lingua Posnaniensis 3, 1951, p. 248-268.

MOTT, L. *Etno-história da homossexualidade na América Latina*. In: História em Revista, Pelotas, vol. 4, 1998, p. 7-35.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *A Gramática: História, Teoria e Análise, Ensino*. São Paulo: Ed.da UNESP, 2002.

NEVINS, A.; SANDALO, F. *Markedness and morphotactics in kadiwéu [+participant] agreement*. Morphology, 2010.

PECHINCHA, M. T. S. *Histórias de admirar: mito, rito e história Kadiwéu*. Universidade de Brasília, Brasília, 1994. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

PIKE, K. *Phonemics: A technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor, MI: University of Michigan, 1947.

PRADO, F. R. do. *História dos Índios Cavaleiros ou da Nação Guaycuru*. In: Revista Sociologia. Publicada pela Escola de Sociologia/USP, v. XIII , 1951, p. 93-109.

RIBEIRO, D. *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. *Lições de humanismo dos índios do Brasil*. Revista Psicologia Atual, n. 4, s/d, p. 43-46.

RODRIGUES, A. D. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. Ciência e Cultura 95, 1993.

\_\_\_\_\_. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *A originalidade das línguas indígenas brasileiras*. Conferência. Brasília: Universidade de Brasília\Laboratório de Línguas Indígenas. Comciência, 2001

ROSA, A. M. Educação escolar indígena e bilinguismo: sonho ou realidade? In: SOUZA, C. C. (Org.) ; SILVA, D. (Org.) ; ROSA, A. M. (Org.) . *Povos Indígenas: mitos, educação escolar e realidade histórico-cultural*. 1. ed. Campo Grande: UFMS, v. 1, 2010.

\_\_\_\_\_; Cameschi, C; SILVA, D. Língua terena: considerações sobre o trabalho linguístico e a prática pedagógica. In: SOUZA, C. C. (Org.) ; SILVA, D. (Org.) ; ROSA, A. M. (Org.) . *Povos Indígenas: mitos, educação escolar e realidade histórico-cultural*. 1. ed. Campo Grande: UFMS, v. 1, 2010.

SAMARIN, W. J. *Field linguistics. A guide to linguistic fieldwork*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1967.

SANCHEZ LABRADOR, J. *Gramática Eyiguayegi-Mbayá. Según El manuscrito Del siglo XVIII*. In: B. Susnik. Familia Guaycuru. Museo Etnográfico “Andrés Barbero” (Lenguas Chaqueñas I): Asunción, Paraguay, 1971, p. 1-166.

SÁNCHEZ LABRADOR, J. *El Paraguay católico*. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910.

SANDALO, F. *A Grammar of Kadiwéu*. PhD Dissertation. Department of Linguistics. University of Pittsburgh, 1995.

\_\_\_\_\_. *A violação da condição C em kadiwéu*. Delta, São Paulo, v. 18, n. 1, 2002, p. 25-66.

\_\_\_\_\_. Estratificação social e dialetos prosódicos no kadiwéu. In: JOSÉ DA SILVA, G. (Org.) . *Kadiwéu: Senhoras da Arte, Senhores da Guerra*. 1. ed. Curitiba: CRV, v. 1, 2011.

\_\_\_\_\_. *Person Hierarchy and Inverse Voice in Kadiwéu*. LIAMES, v. 9, p. 27-40, 2009.

SAPIR, E. Male and female forms of speech in Yana. In: MANDELBAUM, D. G. (ed.) *Language, culture and personality. Selected writings of Edward Sapir, 1921*, p. 206-212.

SEKI, L. *Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI*. Impulso, Piracicaba: Unimep, v. 12, 2000.

SERRA, R. F. de A. *Parecer sobre o aldeamento dos índios Uaicurús e Guanás, com a descrição de seus usos, religião, estabilidades e costumes*. In: Revista trimestral de História e Geografia: Rio de Janeiro, 2ª edição, 1866, p. 204-218.

SHIBAMOTO, J. S. The womanly woman: manipulation of stereotypical and nonstereotypical features of japanese female speech. In: PHILIPS, S. U., STEELE, S. & TANZ, C. *Language, gender & sex in comparative perspective*. Studies in the social and cultural foundations of language 4. Cambridge, 1987, p. 26-49.

SIQUEIRA JR., J. G. *Esse campo custou o sangue dos nossos avós: a construção do tempo e espaço Kadiwéu*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)

\_\_\_\_\_. *Esse campo custou o sangue de nossos avós: a construção do tempo e espaço kadiwéu*. In: JOSÉ DA SILVA, G. (Org.) . *Kadiwéu: Senhoras da Arte, Senhoras da Guerra*. 1. ed. Curitiba: CRV, v. 1, 2011.

SOUZA, J. L. de . *A (In) visibilidade dos lugares Kadiwéu: Contribuições da Geografia Cultural para o estudo de populações indígenas*. Espaço e Cultura (UERJ), v. 23, 2008, p. 53-66.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 6ª ed., 2004.

VINHA, M. *Corpo-Sujeito Kadiwéu: jogo e esporte*. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2004. Tese (Doutorado em Educação Física)

VOEGELIN, C. F.; ROBINETT, F. M. *Obtaining a linguistic sample*. IJAL 20, 1954, p. 89-100.

## SITES CONSULTADOS

ISA- Instituto Socioambiental, <http://piib.socioambiental.org/pt/povo/kadiweu> - acessado em 22/09/2011

<http://www.ethnologue.com> - acessado em 20/09/2011

<http://www.arara.fr/BBLANGUESINDIGENES.html> - acessado em 20/09/2011

<http://www.nacaoturismo.com.br/UF/MS/localizacao.aspx> - acessado em 01/10/2011

[http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/mato\\_grosso\\_do\\_sul/kadiweu.htm](http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/mato_grosso_do_sul/kadiweu.htm) - acessado em 01/10/2011

<http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/cultural-diversity/languages-and-multilingualism/endangered-languages/> - acessado em 10/10/2011

[www.etnolinguistica.org](http://www.etnolinguistica.org) - acessado em 20/12/2011

<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling13.htm> - acessado em 22/01/2012

**ANEXOS**

MAPA COM LÍNGUAS DO BRASIL



Fonte: Lewis, M. Paul (ed.), 2009. Ethnologue: Languages of the World, Sixteenth edition. Dallas, Tex.: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com>

2

## QUADRO DE LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL

TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUA	DIALETO	LOCAL
T U P I G U A R A N I	T U P I G U A R A N I	Akwáwa	<i>Asurini do Trocará (Akwáwa)</i>	Pará
			<i>Suruí do Tocantins (Mudjetire)</i>	Pará
			<i>Parakanã</i>	Pará
		Amanayé		Pará
		Anambé		Pará
		Apiaká		Mato Grosso
		Araweté		Pará
		Asurini do Xingu (Awaeté)		Pará
		Avá (Canoeiro)		Goiás/Tocantins
		Guajá		Maranhão
		Guarani	<i>Kaiowá</i>	Mato Grosso do Sul
			<i>Mbya (Mbuá, Mbia)</i>	RS/SC/PR/SP/RJ/ES
			<i>Nhandeva (Txiripá)</i>	RS/SC/PR/SP/RJ/ES
		Kamayurá		Mato Grosso
		Kayabi		Mato Grosso
		Kokáma		Amazonas
		Nheengatu (Língua Geral Amazônica)		Amazonas
		Omágua (Kambeba)		Amazonas
		Parintintin	<i>Diahói</i>	Amazonas
			<i>Júma</i>	Amazonas
			<i>Karipuna</i>	Rondônia
			<i>Parintintin (Kagwahiv)</i>	Amazonas
			<i>Tenharim</i>	Amazonas
		Tapirapé		Mato Grosso
		Tenetehara	<i>Guajajara</i>	Maranhão
			<i>Tembe</i>	Maranhão/Pará
		Uru-eu-wau-wau		Rondônia
Urubu (Kaapor)		Maranhão		
Wajápi		Amapá		

		Xetá	Paraná	
		Zo'é (Puturu)	Pará	
	<b>ARIKÉM</b>	Karitiana	Rondônia	
	<b>JURUNA</b>	Juruna	Mato Grosso	
		Xipaya	Pará	
	<b>MONDÉ</b>	Aruá	Rondônia	
		Cinta-Larga	Rondônia	
		Gavião (Ikārã, Digüt)	Rondônia	
		Mondé (Sanamaikã, Salamã)	Rondônia	
		Suruí (Paiter)	Rondônia	
		Zoró	Mato Grosso	
	<b>MUNDURUKU</b>	Kuruaya	Pará	
		Munduruku	Pará/Amazonas	
	<b>RAMRÁMA</b>	Arara (Uruku, Karo)	Rondônia	
		Itogapúk (Ntogapid)	Mato Grosso	
	<b>TUPARI</b>	Makuráp	Rondônia	
		Sakurabiat	Rondônia	
		Tupari	Rondônia	
		Wayoró (Ajuru)	Rondônia	
		Aweti	Mato Grosso	
	Puruborá	Rondônia		
	Mawé (Sateré)	Amazonas/Pará		
<b>TRONCO</b>	<b>FAMÍLIA</b>	<b>LÍNGUA</b>	<b>DIALETO</b>	<b>LOCAL</b>
<b>M A C</b>	<b>JÊ</b>	Akwén	<i>Xakriabá</i>	Minas Gerais
			<i>Xavante</i>	Mato Grosso
			<i>Xerente</i>	Tocantins
		Apinajé	Tocantins	
		Kaingang	RS/SC/PR/SP	
		Kayapó	<i>Gorotire</i>	Pará
			<i>Kararaô</i>	Pará
			<i>Kokraimôro</i>	Pará
			<i>Kubenkrangnoti</i>	Pará
			<i>Kubenkrankêgn</i>	Pará
			<i>Menkrangnoti</i>	Pará
		<i>Tapayúna (?)</i>	Mato Grosso	

<b>R O - J Ê</b>			<i>Txukahamãe (Mentuktire)</i>	Mato Grosso	
			<i>Xikrin</i>	Pará	
		Kren-akarôre		Pará	
		Suyá		Mato Grosso	
		Timbira	<i>Canela Apâniekrá</i>	Maranhão	
			<i>Canela Ramkokamekrá</i>	Maranhão	
			<i>Gavião Parkatejê</i>	Pará	
			<i>Gavião Pykobyê</i>	Maranhão	
			<i>Krahò</i>	Tocantins	
			<i>Kreyé (Krenjé)</i>	Maranhão/Pará	
			<i>Krikati</i>	Maranhão	
		Xokleng (Aweikoma)		Santa Catarina	
		<b>BORORO</b>	Bororo		Mato Grosso
			Umutina		Mato Grosso
		<b>BOTOCUDO</b>	Krenak		Minas Gerais
		<b>KARAJÁ</b>	Javaé		Goiás/Tocantins/Pará
			Karajá		Goiás/Tocantins/Pará
			Xambioá		Goiás/Tocantins/Pará
		<b>MAXAKALI</b>	Maxakali		Minas Gerais
			Pataxó		Bahia/Minas Gerais
	Pataxó Hãhãhãe		Bahia		
		Guató		Mato Grosso do Sul	
		Ofayé		Mato Grosso do Sul	
		Rikbaktsa		Mato Grosso	
		Yatê		Pernambuco	
<b>TRONCO</b>	<b>FAMÍLIA</b>	<b>LÍNGUA</b>	<b>DIALETO</b>	<b>LOCAL</b>	
	<b>K  A</b>	Apalai		Pará	
		Atroari		Amazonas/Roraima	
		Arara do Pará		Pará	
		Bakairi		Mato Grosso	
		Galibi do Oiapoque		Amapá	
		Hixkaryana		Pará/Amazonas	
		Ingarikó		Roraima	

<b>R I B</b>	Kalapalo	Mato Grosso	
	Kaxuyana	Pará	
	Kuikuro	Mato Grosso	
	Makuxi	Roraima	
	Matipu	Mato Grosso	
	Mayongong (Makiritare, Yekuana)	Roraima	
	Nahukwá	Mato Grosso	
	Taulipang	Roraima	
	Tiriyó	Pará	
	Txikão (Ikpeng)	Mato Grosso	
	Waimiri	Amazonas/Roraima	
	Waiwai	Pará/AM/Roraima	
	Warikyána	Pará	
	Wayana	Pará	
<b>A R U Á K</b>	Apurinã	Amazonas/Acre	
	Baniwa do Içana	Amazonas	
	Baré	Amazonas	
	Kâmpa	Acre	
	Mandawáka	Amazonas	
	Mehinaku	Mato Grosso	
	Palikur	Amapá	
	Paresi	Mato Grosso	
	Piro	<i>Manitenéri</i>	Acre
		<i>Maxinéri</i>	Acre
	Salumã (Enawenê-Nawê)	Mato Grosso	
	Tariana	<i>Yurupari- Tapuyá</i>	Amazonas
	Terena	Mato Grosso do Sul	
	Wapixana	Roraima	
	Warakéna	Amazonas	
	Waurá	Mato Grosso	
	Yabaána	Amazonas	
	Yawalapiti	Mato Grosso	
<b>ARAWÁ</b>	Banavá-Jafi	Amazonas	
	Deni	Amazonas	

	Jarawára	Amazonas	
	Kanamanti	Amazonas	
	Kulina	Acre/Amazonas	
	Paumari	Amazonas	
	Yamamadi	Amazonas	
	Zuruahá	Amazonas	
<b>KATUKINA</b>	Kanamari	Amazonas	
	Txunhuã-djapá	Amazonas	
	Katukina do Biá/Jutaí	Amazonas	
	Kawawixi (?)	Amazonas	
<b>MÚRA</b>	Mura	Amazonas	
	Pirahã	Amazonas	
<b>GUAIKURU</b>	Kadiwéu	Mato Grosso do Sul	
<b>PANO</b>	Amawáka	Amazonas (?)	
	Katukina do Acre	Acre	
	Kaxarari	Rondônia	
	Kaxinawá	Acre	
	Korubo	Amazonas	
	Marubo	Amazonas	
	Matis	Amazonas	
	Mayá	Amazonas	
	Mayoruna	Amazonas	
	Nukuini	Amazonas	
	Poyanawá	Acre	
	Yaminawá	Acre	
	Yawanawá	Acre	
<b>TXAPAKÚRA</b>	Orowari	Rondônia	
	Torá	Amazonas	
	Urupá	Rondônia	
	Wari (Pakaanova)	Rondônia	
<b>NAMBIKWARA</b>	Nambikwara do Norte	<i>Tawandê</i>	Mato Grosso/Rondônia
		<i>Lakondê</i>	Mato Grosso/Rondônia
		<i>Latundê</i>	Mato Grosso/Rondônia

		<i>Mamaindê</i>	Mato Grosso/Rondônia	
		<i>Nagarotú</i>	Mato Grosso/Rondônia	
		Nambikwara do Sul	<i>Munduká</i>	Mato Grosso
			<i>Galera</i>	Mato Grosso
			<i>Kabixi</i>	Mato Grosso
			<i>Nambikwara do Campo</i>	Mato Grosso
		Sabanê	Mato Grosso	
	<b>TUKANO</b>	Arapaso	Amazonas	
		Barasana	Amazonas	
		Desana	Amazonas	
		Juriti	Amazonas	
		Karapanã	Amazonas	
		Kubéwa	Amazonas	
		Pirá-tapuya	Amazonas	
Suriana		Amazonas		
Tukano		Amazonas		
Tuyuka		Amazonas		
Wanana		Amazonas		
Yebá-masã (Makuna)	Amazonas			
<b>YANOMAMI</b>	Ninám	Roraima		
	Sanumá	Roraima		
	Yanomán	Roraima		
	Yanomami	Amazonas/Roraima		
<b>MAKÚ</b>	Bará	Amazonas		
	Guariba (Wariía-Tapuya)	Amazonas		
	Húpda	Amazonas		
	Kamã (Dow)	Amazonas		
	Nadeb	Amazonas		
	Yahúp	Amazonas		
<b>LÍNGUAS ISOLADAS</b>	Aikanã	Rondônia		
	Arikapú	Rondônia		
	Awaké	Roraima		
	Irantxe	Mato Grosso		
	Jabuti	Rondônia		

		Kanoê	Rondônia
		Koaiá	Rondônia
		Máku	Roraima
		Trumai	Mato Grosso
		Tikuna	Amazonas

Fonte: <http://www.arara.fr/BBLANGUESINDIGENES.html>

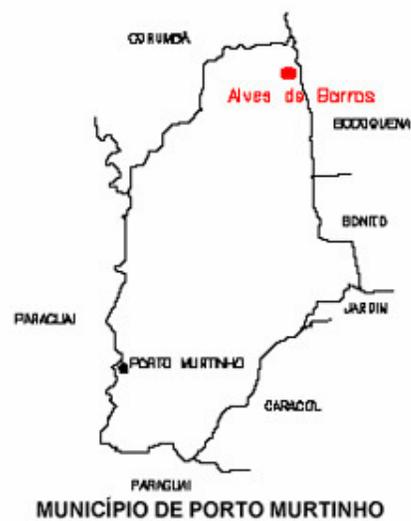
3

**MAPA DO BRASIL COM DESTAQUE PARA MATO GROSSO DO SUL**

Fonte: <http://www.nacaoturismo.com.br/UF/MS/localizacao.aspx>

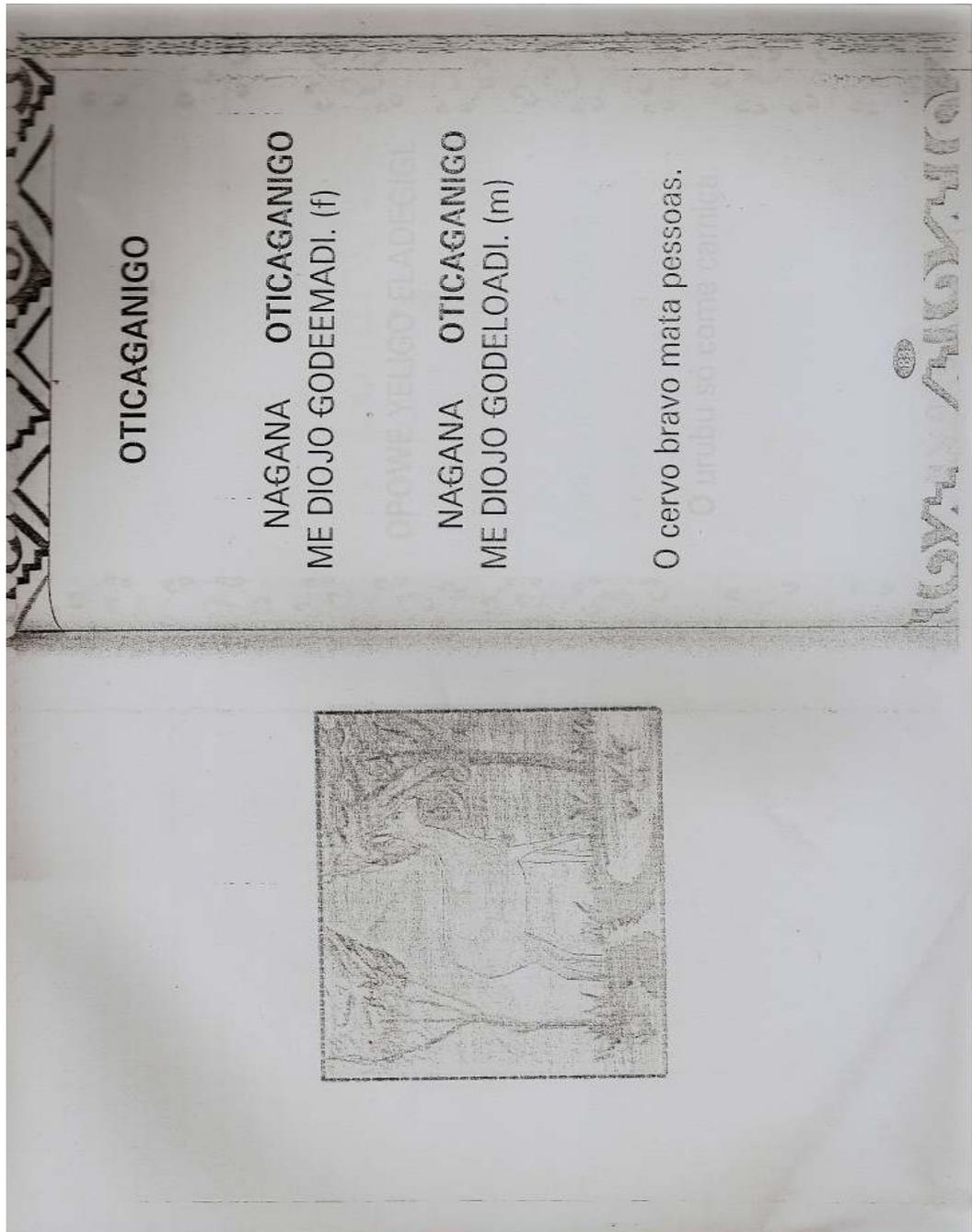
4

**MAPAS DE MATO GROSSO DO SUL, MUNICÍPIO DE PORTO MURTINHO E  
ALDEIA ALVES DE BARROS**



Fonte: [http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/mato\\_grosso\\_do\\_sul/kadiweu.htm](http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/mato_grosso_do_sul/kadiweu.htm)

**APOSTILA DE ALFABETIZAÇÃO KADIWÉU**



Fonte: JOSÉ DA SILVA, G. (Org.) ; SOUZA, J. L. de (Org.) ; SANTOS, K. de M. L. (Org.) ; GRAZIATO, V. P. P. (Org.) ; AZEVEDO, V. de S. (Org.) . *Dinatitalo okomaga gobagatedi: Construído pelas nossas próprias mãos - Livro de Alfabetização*. 2. ed. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2005. v. 1. p.83

6

**FOTO - LOUSA DURANTE AULA DE LÍNGUA KADIWÉU NA ESCOLA  
INDÍGENA EJIWAJEGI**

